



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**  
**LABORATÓRIO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE**

**MARINA CUNHA BARRETO DE OLIVEIRA**

**PARCERIAS AMOROSAS ABUSIVAS:**  
**UM ENCONTRO ENTRE ADOLESCENTES NA ATUALIDADE**

**RECIFE**  
**2021**

**MARINA CUNHA BARRETO DE OLIVEIRA**

**PARCERIAS AMOROSAS ABUSIVAS:  
UM ENCONTRO ENTRE ADOLESCENTES NA ATUALIDADE**

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre do Curso de Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, sob orientação da Profa. Dra. Paula Cristina Monteiro de Barros.

RECIFE  
2021

O48p Oliveira, Marina Cunha Barreto de.  
Parcerias amorosas abusivas: um encontro entre adolescentes na atualidade/ Marina Cunha Barreto de Oliveira. – Recife, 2021.  
121 f.: il.

Orientadora: Paula Cristina Monteiro de Barros.  
Mestrado (Dissertação) – Universidade Católica de Pernambuco.  
Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Mestrado em Psicologia Clínica, 2021.

Inclui referências. Inclui anexo.

1. Psicologia do adolescente. 2. Psicanálise do adolescente. 3. Adolescentes – Comportamento sexual. I. Título.

CDU 159.964.2

Pollyanna Alves – CRB4/1002

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA  
LABORATÓRIO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

MARINA CUNHA BARRETO DE OLIVEIRA

**Parcerias amorosas abusivas:**  
um encontro entre adolescentes na atualidade

**Banca Examinadora:**

*Cleide Pereira Monteiro*

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Cleide Pereira Monteiro – Examinadora Externa

*Edilene Freire de Queiroz*

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Edilene Freire de Queiroz – Examinadora Interna

*Paula Cristina Monteiro de Barros*

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Paula Cristina Monteiro de Barros – Orientadora

RECIFE  
2021

Com todo o meu amor,  
A Paulo, Júlia e Carolina.

## AGRADECIMENTOS

Às minhas meninas, Júlia e Carolina, simplesmente por existirem em minha vida.

A Paulo, por ser uma companhia maravilhosa, leve e divertida; respeitar as nossas diferenças; apoiar incondicionalmente todos os meus projetos, inclusive, diante de minhas ausências; compartilhar a vida em família.

Aos meus pais, por tanto amor. Ao meu pai, especificamente, por ter me dado voz e ser referência de ética e da busca constante do conhecimento. A minha mãe, pela sua admirável capacidade de ouvir, de se fazer presente e de nos apoiar emocionalmente.

A meu irmão, por ser um parceiro nos bons momentos e também nos mais difíceis. É muito bom saber que estamos juntos. A minha cunhada, Mari, por agregar felicidade a nossa família.

A Paula Barros, pela competência e disponibilidade nas orientações; por respeitar bastante as minhas escolhas, o meu ritmo de trabalho e, em especial, por apostar na minha produção. Nosso encontro foi um presente para mim.

Aos membros da Banca Examinadora, por aceitarem nosso convite. A Edilene Queiroz, pelas importantes sugestões desde o momento da entrevista de seleção até a etapa final. A Cleide Monteiro, pela delicadeza, generosidade e preciosidade de suas pontuações, que contribuíram bastante na dissertação.

Aos professores da Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, pela transmissão do conhecimento e por transformar as aulas em momentos frutíferos de muito debate e prazer. A Véronique Donard, pela dedicação e compromisso com a prática acadêmica e o fazer ciência. A Consuelo Passos, pela sua capacidade de produzir e transmitir conhecimento com inovação, humor e acolhimento.

Aos funcionários da pós-graduação, particularmente Dani, pela disponibilidade e gentileza.

A Eliene Rodrigues, pela sua delicadeza na escuta, pelos constantes ensinamentos e pela sua habilidade em ressaltar o melhor de cada um.

A Rosane da Fonte, pela sua leveza e precisão em suas pontuações, inclusive, ao iluminar o caminho das palavras de amor.

A todos aqueles que marcaram meu percurso na psicanálise. A Cristina Mendonça e Elizabete Siqueira, pela escuta em momentos importantes. A Nora Gonçalves, por me receber com sua simplicidade e competência. A Sônia Vicente, que, com suas sugestões de texto sobre a adolescência, me estimulou nos primeiros passos para a realização desta pesquisa, mesmo sem saber. A Ana Beatriz Zuanella, pelo grande apoio na iniciação das leituras da obra freudiana. A Paulo Medeiros, pela sua maneira atenciosa de transmitir os ensinamentos de Lacan. Ainda posso ouvir sua fala: “Estão entendendo? Vocês são um exercício para eu não falar *lacanês*.”

A todos que contribuíram, de alguma forma, com a minha trajetória profissional. Aos profissionais do Colégio Equipe, em particular, a Heron Andrade e André Luiz, pela nossa parceria, amizade e por torcermos sempre um pelo outro. À equipe TGI, especialmente Francisco Cunha, por me apresentar outros caminhos atravessados pela psicanálise. À equipe do Imip, pela oportunidade de múltiplos aprendizados. A Isabel Ledebour, pelo carinho e acolhimento bem no comecinho do meu percurso.

A Rafa, pela nossa sintonia; por me *dar as mãos* em quase todo o meu percurso profissional; por me incentivar tanto na clínica quanto no mestrado; por ser uma inspiração no modo como conduz a vida.

Às minhas amigas psicólogas, Bruna, Dani e Renata; por dividirmos momentos maravilhosos e também adversos da vida; pelos sushis, pelo carinho e pela confiança sempre.

Às minhas amigas de toda uma vida, por estarmos sempre juntas com sorrisos e sarcasmos. A Bibi, pelas nossas infinitas reflexões existenciais, análises literárias e nossa maneira de transformar a adolescência em música; a Mari, pela sua praticidade e objetividade, que dá um limite, com humor, a *tanta filosofia*; por saber que sempre podemos contar uma com a outra. A Maria e Renatinha, pela nossa amizade sincera, enriquecida por conversas sobre tudo e sobre nada.

A todos os meus amigos do mestrado, em especial, a Éder, Caio, Edgley, Amanda e Eva; por compartilharmos a união de muito estudo e prazer; pelos almoços e cafés, regados a alegria.

Aos amigos da Villa, Tito, Tassi, Bruno, Beca, Karla e Horácio; por me ajudarem a conciliar estudo e lazer, inclusive sendo tão carinhosos com minhas filhas nas minhas ausências.

A meus padrinhos e meus primos, por estarem presentes em todos os momentos da minha vida; nossos encontros são os melhores.

Às minhas queridas, Vânia, Nieli, Gil e Adriana, por serem pessoas maravilhosas, disponíveis e que só agregam amor e cuidado a minha família; por me ajudarem demais com Juju e Carol, principalmente nos diversos momentos em que estive dedicada à dissertação e ao trabalho.

Aos meus pacientes, por contribuírem com o saber-fazer particular da minha trajetória na psicanálise.

## Blank Space

(Taylor Swift)

Nice to meet you, where you been?  
I could show you incredible things  
Magic, madness, heaven, sin  
Saw you there and I thought  
Oh, my God, look at that face!  
You look like my next mistake  
Love's a game, wanna play?

New money, suit and tie  
I can read you like a magazine  
Ain't it funny? Rumors fly  
And I know you heard about me  
So hey, let's be friends  
I'm dying to see how this one ends  
Grab your passport and my hand  
I can make the bad guys good for a weekend

So it's gonna be forever  
Or it's gonna go down in flames  
You can tell me when it's over  
If the high was worth the pain  
Got a long list of ex-lovers  
They'll tell you I'm insane  
'Cause you know I love the players  
And you love the game

'Cause we're young and we're reckless  
We'll take this way too far  
It'll leave you breathless  
Or with a nasty scar  
Got a long list of ex-lovers  
They'll tell you I'm insane  
But I've got a blank space, baby  
And I'll write your name

Cherry lips, crystal skies  
I could show you incredible things  
Stolen kisses, pretty lies  
You're the King, baby, I'm your Queen  
Find out what you want  
Be that girl for a month  
Wait, the worst is yet to come, oh no

Screaming, crying, perfect storms  
I can make all the tables turn  
Rose garden filled with thorns  
Keep you second guessing like  
Oh, my God, who is she?  
I get drunk on jealousy  
But you'll come back each time you leave

'Cause, darling, I'm a nightmare dressed like  
a daydream  
So it's gonna be forever  
Or it's gonna go down in flames  
You can tell me when it's over  
If the high was worth the pain  
Got a long list of ex-lovers  
They'll tell you I'm insane  
'Cause you know I love the players  
And you love the game

'Cause we're young and we're reckless  
We'll take this way too far  
It'll leave you breathless  
Or with a nasty scar  
Got a long list of ex-lovers  
They'll tell you I'm insane  
But I've got a blank space, baby  
And I'll write your name

Boys only want love if it's torture  
Don't say I didn't say, I didn't warn ya  
Boys only want love if it's torture  
Don't say I didn't say, I didn't warn ya

So it's gonna be forever  
Or it's gonna go down in flames  
You can tell me when it's over  
If the high was worth the pain  
Got a long list of ex-lovers  
They'll tell you I'm insane  
'Cause you know I love the players  
And you love the game

'Cause we're young and we're reckless  
We'll take this way too far  
It'll leave you breathless  
Or with a nasty scar  
Got a long list of ex-lovers  
They'll tell you I'm insane  
But I've got a blank space, baby  
And I'll write your name

Composição: Max Martin / Shellback /  
Taylor Swift.

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/taylor-swift/blank-spaces/traducao.html>

## Espaço em branco

(Taylor Swift)

Prazer em te conhecer, onde você esteve?  
Eu posso te mostrar coisas incríveis  
Magia, loucura, paraíso, pecado  
Te vi ali, e eu pensei  
Ai meu Deus, olhe esse rosto!  
Você parece o meu próximo erro  
O amor é um jogo, quer jogar?

O novo rico, de terno e gravata  
Eu posso te ler como uma revista  
Não é engraçado? Os rumores voam  
E eu sei que você já ouviu falar de mim  
Então, ei, vamos ser amigos  
Estou louca para ver como isso vai acabar  
Pegue seu passaporte e a minha mão  
Eu posso fazer os caras maus ficarem  
bonzinhos por um final de semana

Então, vai ser para sempre  
Ou vai acabar em chamas?  
Você pode me dizer quando terminar  
Se os momentos bons superaram a dor  
Tenho uma longa lista de ex-namorados  
Eles te dirão que sou maluca  
Pois, você sabe que eu adoro os jogadores  
E você ama o jogo

Pois somos jovens e imprudentes  
Vamos levar isso longe demais  
Vai te deixar sem fôlego  
Ou com uma cicatriz horrível  
Tenho uma longa lista de ex-namorados  
Eles te dirão que sou maluca  
Mas eu tenho um espaço em branco, querido  
E vou escrever seu nome

Lábios de cereja, céus de cristal  
Eu posso te mostrar coisas incríveis  
Beijos roubados, mentirinhas  
Você é o rei, querido, sou sua rainha  
Vou descobrir o que você quer  
Ser essa garota por um mês  
Espere, o pior ainda está por vir, oh não

Gritando, chorando, a tempestade perfeita  
Eu posso fazer o jogo virar  
Jardins de rosas cheias de espinhos  
Você fica um segundo perguntando  
Ai meu Deus, quem é ela?  
Eu fico bêbada de ciúmes  
Mas você voltará todas as vezes que fugir  
Pois querido, eu sou um pesadelo vestido de  
sonho

Então, vai ser para sempre  
Ou vai acabar em chamas?  
Você pode me dizer quando terminar  
Se os momentos bons superaram a dor  
Tenho uma longa lista de ex-namorados  
Eles te dirão que sou maluca  
Pois, você sabe que eu adoro os jogadores  
E você ama o jogo

Pois somos jovens e imprudentes  
Vamos levar isso longe demais  
Vai te deixar sem fôlego  
Ou com uma cicatriz horrível  
Tenho uma longa lista de ex-namorados  
Eles te dirão que sou maluca  
Mas eu tenho um espaço em branco, querido  
E vou escrever seu nome

Meninos só querem amor se tiver tortura  
Não diga que eu não disse, que eu não te  
avisei  
Meninos só querem amor se tiver tortura  
Não diga que eu não disse, que eu não te  
avisei

Então, vai ser para sempre  
Ou vai acabar em chamas?  
Você pode me dizer quando terminar  
Se os momentos bons superaram a dor  
Tenho uma longa lista de ex-namorados  
Eles te dirão que sou maluca  
Pois, você sabe que eu adoro os jogadores  
E você ama o jogo

Pois somos jovens e imprudentes  
Vamos levar isso longe demais  
Vai te deixar sem fôlego  
Ou com uma cicatriz horrível  
Tenho uma longa lista de ex-namorados  
Eles te dirão que sou maluca  
Mas eu tenho um espaço em branco, querido  
E vou escrever seu nome

Composição: Max Martin / Shellback /  
Taylor Swift.

Fonte: <https://www.letras.mus.br/taylor-swift/blank-spaces/traducao.html>

## RESUMO

Os alarmantes dados estatísticos da violência em parcerias amorosas promoveram o aumento de pesquisas que abordam o tema no Brasil e no mundo. Mais recentemente, algumas produções passaram a direcionar seu enfoque na prevenção precoce dessas situações e, portanto, a conduzir suas abordagens a jovens. Esta pesquisa foi impulsionada por indagações, decorrentes de uma trajetória profissional atravessada pela escuta clínica e pela psicanálise em que esse tema se tornou bastante frequente. Como pode ser conceituado um relacionamento abusivo? O que acontece para que esse modo de se relacionar entre os adolescentes esteja tão presente na atualidade? Tomando esses dois eixos como pontos de partida, elaboramos o objetivo de compreender a dinâmica de relacionamentos amorosos abusivos entre adolescentes na atualidade, por meio das parcerias de gozo existentes nessas relações e da implicação de cada sujeito em suas escolhas amorosas. Pensamos que a parceria amorosa se constitui entre dois sujeitos e seus modos de gozo. Isso significa que cada um tem o outro como uma maneira de gozar de si mesmo, como se do outro fosse. Surgem, assim, os mal-entendidos e os desencontros diante de sujeitos que se expressam, desejam e gozam de modos singulares e distintos. No que concerne à metodologia, utilizamos o referencial e o método psicanalítico. Tendo como norte essa abordagem – especificamente no que se refere às contribuições de Sigmund Freud e Jacques Lacan – realizamos a análise de depoimentos publicados por adolescentes nas redes digitais sobre suas vivências em relacionamentos abusivos. Construimos a noção de que as parcerias amorosas abusivas podem ser caracterizadas por uma pregnância de atuações, visto que a necessária distância simbólica entre os sujeitos escapa nessas relações, fazendo emergir o compartilhamento de um gozo desenfreado, no qual faltam palavras e sobram atos. Com os resultados obtidos, ao término deste estudo, ampliamos o conhecimento sobre a lógica das parcerias amorosas abusivas e promovemos uma discussão sobre práticas de intervenção precoce, agregando reflexões tanto para a clínica psicanalítica com adolescentes como para desdobramentos de futuras produções científicas.

**Palavras-chave:** Adolescente. Parceria de gozo. Psicanálise. Relacionamento abusivo.

## ABSTRACT

The alarming statistic data of violence among love partnerships has promoted the increase of researches about this subject in Brazil and around the world. More recently, some productions have started to focus on the early prevention of these situations and, therefore, to direct their approaches to young people. This research was driven by inquiries, resulting from a professional trajectory crossed by clinical listening and psychoanalysis, in which this theme has become quite frequent. How should an abusive relationship be defined? Why is this kind of relationship so present among teenagers nowadays? Taking these two axes as starting points, the objective is to understand the dynamics of abusive love relationships among adolescents today, through the existing *jouissance* partnership and the implication of each individual loving choices. We believe that the loving partnership will be constituted between two individuals and their own mode of *jouissance*. It means that each one takes the other as his or her own *jouissance*, as if belonged to the other. Therefore, misunderstandings and mismatches arise in the face of individuals who express themselves, their desires and *jouissance* in a singular and distinct ways. Regarding the methodology, we used the referential and the psychoanalytical method. Taking this approach as a guideline – specifically the contributions of Sigmund Freud and Jacques Lacan – we carry out the analysis of testimonies published by teenagers in digital world about their experiences in abusive relationships. We built the notion that abusive love partnerships can be characterized by a prediction of performances, since the necessary symbolic distance between the individuals do escape in these relationships, bringing out the sharing of an unbridled *jouissance* in which there is a lack of words and an excess of acts. The intention is that the results obtained from the end of this study may help amplify the knowledge about the logic of abusive loving relationships, as well as, promote a discussion about early intervention practices, adding reflections to the psychoanalytic clinic with teenagers and to future scientific productions.

**Keywords:** Teenager. Abusive relationship. Jouissance partnership. Psychoanalysis.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 O LUGAR DO SUJEITO ADOLESCENTE NA ATUALIDADE</b> .....	18
<b>2.1 Breve percurso histórico-cultural</b> .....	19
<b>2.2 Da modernidade à cultura atual</b> .....	25
2.2.1 Esfumaçamento dos limites na diferença de gerações .....	28
2.2.2 Destituição do lugar do outro enquanto sujeito de desejo .....	29
2.2.3 Violência juvenil .....	30
<b>2.3 O sujeito adolescente e a psicanálise</b> .....	31
2.3.1 A organização psíquica infantil .....	32
2.3.2 A passagem da infância à adolescência .....	35
<b>3 AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA NA ADOLESCÊNCIA</b> .....	38
<b>3.1 Noções sobre agressividade e violência em psicanálise</b> .....	39
<b>3.2 A adolescência e os atos agressivos ou violentos</b> .....	47
<b>3.3 Problematizando a polaridade vítima-agressor</b> .....	50
<b>4 A PARCERIA AMOROSA COMO SINTOMA</b> .....	52
<b>4.1 Sobre as parcerias em Lacan: do encontro com o outro/Outro</b> .....	53
<b>4.2 O sujeito e seus modos de gozo</b> .....	55
4.2.1 A marca do significante .....	56
4.2.2 Os paradigmas do gozo .....	57
4.2.3 Conexão entre significante e gozo: modo de gozo .....	61
<b>4.3 O outro como parceiro-sintoma</b> .....	62
<b>4.4 As parcerias amorosas abusivas</b> .....	64
<b>5 A PAIXÃO EM ATO NOS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS ADOLESCENTES</b> .....	69
<b>5.1 O mundo digital como campo de estudo</b> .....	70
<b>5.2 A escrita dos depoimentos no mundo digital</b> .....	75
<b>5.3 A intensidade de uma paixão</b> .....	81
<b>5.4 “O ciúme não é o amor”</b> .....	85
<b>5.5 Uma obsessão do “ou eu ou o outro”</b> .....	89
<b>5.6 Um encontro entre corpos</b> .....	93
<b>5.7 Uma pregnância de atuações</b> .....	97
<b>5.8 A implicação do sujeito e sua responsabilização</b> .....	103
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	107
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	110
<b>ANEXO – ÍNDICE DOS DEPOIMENTOS ENCONTRADOS</b> .....	119

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse em realizar a pesquisa de mestrado surgiu por meio de uma trajetória profissional em Psicologia, perpassada por diferentes setores da sociedade (saúde, educação e jurídico), e culminou na prática clínica em consultório particular, norteadas pela abordagem psicanalítica. Nesses espaços, tornou-se cada vez mais frequente a escuta de jovens que se envolvem em parcerias amorosas vivenciadas como abusivas. Sem perder de vista o que há de singular em cada caso, chama a atenção a repetição dessas situações que ocorrem na atualidade.

Os alarmantes dados estatísticos da violência conjugal promoveram o aumento de pesquisas que abordam o tema no Brasil e no mundo, também em diferentes perspectivas teórico-conceituais e metodológicas. Observa-se que as produções científicas e ações públicas já desenvolvidas, na maior parte, dizem respeito à violência consumada e perpetrada essencialmente contra a mulher, buscam mapear o problema e se baseiam em uma polarização existente entre o agressor e a vítima. Embora seja importante levar em consideração o lugar desprivilegiado atribuído à mulher em diferentes contextos históricos e culturais, algumas pesquisas mais recentes têm como objetivo repensar essa posição da mulher na construção de relacionamentos conjugais violentos (PEDRO; GROSSI, 1998; PORTO; MALUSCHKE, 2014).

Em 2013, a Organização Mundial de Saúde divulgou um importante relatório sobre a violência contra a mulher em todo o mundo. Esses dados podem servir de referência para que se tenha uma dimensão da extensão do problema e da gravidade de suas consequências. De acordo com os resultados obtidos, “[...] quase um terço (30%) de todas as mulheres que tenham mantido uma parceria amorosa foram vítimas de violência física e/ou sexual por parte de seu parceiro. Em algumas regiões, esse número pode chegar a ser de até 38%.” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2013, tradução nossa).<sup>1</sup>

Atentos a essa realidade, países como Estados Unidos e Canadá – seguidos por México, Espanha e Portugal – passaram a refletir sobre a prevenção precoce dessas situações e a direcionar suas abordagens a jovens. Pesquisadores portugueses, por exemplo, ampliaram o foco de suas investigações em razão do aumento de inquéritos criminais envolvendo a

---

<sup>1</sup> No original: “En todo el mundo, casi un tercio (el 30%) de todas las mujeres que han mantenido una relación de pareja han sido víctimas de violencia física y/o sexual por parte de su pareja. En algunas regiones, esta cifra puede llegar a ser de hasta el 38%.”

violência na intimidade juvenil, o que evidenciou que esse tipo de abuso não está presente apenas na conjugalidade (PRICE; BEYERS, 1999 *apud* CARIDADE; MACHADO, 2006).

Nessa mesma abordagem, o *Institute de la Statistique de Quebec* publicou, em 2002, um extenso estudo sobre crianças e adolescentes da região (QUÉBEC, 2002). Nessa publicação foram citadas pesquisas norte-americanas e canadenses, as quais concluíram que jovens com histórico de violência em parcerias amorosas têm uma grande probabilidade de, no futuro, repetir esse tipo de relacionamento. Além disso, de modo bastante interessante, outros estudos constataram que, “de uma forma geral, os casamentos abusivos são precedidos de relações de namoro violentas” (MATOS, 2000 *apud* CARIDADE; MACHADO, 2006, p. 485).

No cenário brasileiro, as pesquisas realizadas apontam uma contradição: a expressiva presença da violência nas relações de namoro no país e a enorme ausência de produções científicas que possibilitem maior compreensão e promovam ações a respeito dessa questão. Em nossa busca preliminar por referências bibliográficas, encontramos apenas quatro pesquisas nacionais que fazem referência à violência e ao abuso nas relações amorosas entre adolescentes (FLAKE *et al.*, 2013; MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; MURTA *et al.*, 2013; NASCIMENTO, 2009), dentre as quais ressaltaremos aspectos apontados por duas delas, em virtude da relevância dos dados apresentados para o que propomos como objeto de estudo.

Os resultados obtidos nas duas pesquisas (FLAKE *et al.*, 2013<sup>[a]</sup>; MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011<sup>[b]</sup>) indicam grande convergência, embora tenham sido realizadas com jovens de diferentes faixas etárias e em diferentes perspectivas teórico-metodológicas. Seus dados revelaram que entre 74%<sup>[a]</sup> e 87%<sup>[b]</sup> dos entrevistados já sofreram agressão e entre 76%<sup>[a]</sup> e 87%<sup>[b]</sup> já perpetraram algum tipo de agressão (psicológica, física e/ou sexual). Além disso, verificou-se que entre 77%<sup>[b]</sup> e 84%<sup>[a]</sup> dos jovens eram ao mesmo tempo vítima e agressor – independentemente do sexo –, ratificando a ideia inicial, de ambas as pesquisas, de que há uma parceria amorosa construída de modo abusivo.

Ao se ampliar o foco de atenção da violência no relacionamento conjugal para as parcerias amorosas abusivas entre jovens, torna-se mais evidente a importância da prevenção precoce desse tipo de situação. Nesse sentido, devem ser levados também em consideração alguns aspectos como o descentramento do lugar da mulher como vítima, a violência não consumada e/ou psicológica – visto que pode acarretar graves consequências –, e a noção da bidirecionalidade das ações.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Referimo-nos à noção de bidirecionalidade quando ambos os sujeitos, ao mesmo tempo, praticam e se submetem à violência de outrem.

Outro ponto a ser refletido – tanto em pesquisas nacionais como internacionais – são as divergências decorrentes da conceituação do que é considerado violência e/ou abuso, além da variedade de instrumentos e metodologias utilizadas para mensurar os comportamentos violentos e/ou abusivos (CARIDADE; MACHADO, 2006). Esse é um ponto importante a ser levantado, visto que há uma interferência direta nos dados estatísticos apresentados, provocando dificuldades para se realizar comparação entre os resultados obtidos nas diversas produções científicas.

Diante das lacunas existentes nos estudos citados e das conclusões obtidas, surgiram-nos algumas questões: como pode ser conceituado um relacionamento abusivo? O que acontece para que esse modo de se relacionar entre os adolescentes esteja tão presente na atualidade? O que leva os adolescentes a estabelecer uma parceria amorosa em que o ato toma o lugar da palavra em diversos momentos? O que dificulta o rompimento da lógica abusiva entre adolescentes?

Tomando essas questões como pontos de inquietação que impulsionaram a pesquisa, esta dissertação teve como objetivo compreender a dinâmica de relacionamentos amorosos abusivos entre adolescentes na atualidade, por meio das parcerias de gozo existentes nessas relações e da implicação de cada sujeito em suas escolhas amorosas.

Traçamos os seguintes objetivos específicos: discutir a adolescência na perspectiva de um trabalho psíquico perpassado pelas transformações vivenciadas no próprio corpo, pelo encontro com um corpo outro e pelas operações subjetivas daí decorrentes; contextualizar o sujeito adolescente na atualidade diante das novas formas de subjetivação; problematizar a polarização vítima-agressor, refletindo sobre as parcerias amorosas abusivas mediante concepções psicanalíticas, como responsabilização do sujeito, pulsão de morte e parceria de gozo.

A fim de alcançarmos nossos objetivos, elaboramos o desenho metodológico da pesquisa. Consideramos que este desenho é peça fundamental para o modo como o pesquisador se posiciona, visto que responde de um lugar perpassado pelo diálogo de, ao menos, três dimensões – a teoria de base, o método como procedimento e a invenção – sobre as quais discutiremos a seguir.

Utilizamos como referencial teórico a psicanálise – especificamente norteadas pelas contribuições de Sigmund Freud e Jacques Lacan –, que pressupõe uma abordagem que vai além do discurso explícito, valorizando o sujeito da enunciação, o não dito e outras formas de expressão do inconsciente, como atos falhos e tropeços da linguagem. Nessa linha de pensamento, a linguagem é tratada “como cadeias de significantes que indicam o sujeito do

inconsciente no processo de uma relação discursiva” (PINTO, 2004, p. 78). Além disso, consideramos que há algo no discurso, impossível de se apreender, mas provoca ressonâncias na vida do sujeito.

Adotamos também o método psicanalítico, que tem sua especificidade no enfoque daquilo que remete ao inconsciente, fazendo com que o objeto de pesquisa goze de uma ambiguidade objetiva e subjetiva. Isso porque o pesquisador psicanalista tem uma participação ativa ao “deixar-se fazer” pelo objeto da pesquisa, ao mesmo tempo que o constrói, por meio de suas invenções e descobertas. Há um efeito de transformação tanto do pesquisador como do objeto no sentido de uma desconstrução do que seria o senso comum. O ponto de vista da psicanálise “desopacifica o objeto” (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006, p. 260).

Esse método se diferencia dos demais em dois aspectos: não há o objetivo de fazer “inferências generalizadoras”, universalizantes, e seus resultados não são analisados a partir dos signos, mas sim da noção de significante (IRIBARRY, 2003, p. 117). Enquanto o signo está relacionado com uma antecipação do significado no contexto social, o significante diz respeito aos processos inconscientes de cada sujeito. É nessa direção que problematizamos o modo como os relacionamentos abusivos são interpretados na atualidade, baseando-se na polaridade vítima-agressor e nas questões referentes ao gênero exclusivamente. Essa antecipação das interpretações – como estabelecer uma relação direta entre mulher-vítima e homem-agressor – promove uma generalização e, conseqüentemente, apagamento do sujeito.

Em nosso ponto de vista, as parcerias amorosas abusivas são atravessadas por um gozo desenfreado a ser compartilhado entre os sujeitos envolvidos. Para a psicanálise, cada um se torna protagonista da sua história e, assim, responsável por suas escolhas, ainda que acarretem sofrimento. “Por não se ocupar do contábil ou estatístico, a psicanálise é, por excelência, a disciplina que se ocupa dos restos.” (VERAS, 2014, p. 9). Restos estes, a nosso ver, que apontam para a singularidade de cada sujeito e possibilitam a implicação de cada um em seu modo de gozo.

No que diz respeito à invenção, a psicanálise compreende que há um atravessamento de influências do próprio pesquisador, conscientes ou inconscientes, na medida em que a sua produção sofre interferências de sua história e singularidade desde a escolha do tema a ser trabalhado. Nesse sentido, conforme situamos anteriormente, esta pesquisa teve origem em inquietações e questionamentos decorrentes de uma trajetória profissional, em que se tornou frequente o encontro com jovens que vivenciavam relacionamentos abusivos.

Em nossa busca por referências bibliográficas, no entanto, não encontramos nenhuma pesquisa brasileira que abordasse o tema na perspectiva psicanalítica e com um enfoque na adolescência. Esta dissertação surgiu e se justificou, portanto, pela necessidade de produções científicas que possam contribuir com referências sobre o modo abusivo que atravessa os relacionamentos entre adolescentes na atualidade. Uma indagação tornou-se persistente: de que forma seria possível pesquisar sobre o tema?

A depender do caminho que definíssemos, refletimos que poderiam existir impasses importantes: como selecionar participantes que fossem autorizados pelos responsáveis a falar sobre uma dinâmica de relacionamento amoroso que, muitas vezes, é uma repetição da dinâmica familiar? Como selecionar participantes que se disponibilizassem a falar sobre essa questão visto que é comum os sujeitos envolvidos demorarem a se dar conta de que estão em um relacionamento abusivo?

Com essas indagações e considerando que cada escolha pode trazer tanto pontos favoráveis como dificuldades, optamos pelo mundo digital como nosso campo de estudo. Realizamos recortes de depoimentos publicados em redes digitais por adolescentes sobre suas experiências em relacionamentos abusivos. Não tivemos o objetivo de analisar profundamente cada caso, mas pensar sobre o que, na escrita particular de cada adolescente, pode-se falar sobre a adolescência e as parcerias amorosas abusivas. Mais adiante, detalhamos como foi nosso trabalho no campo de estudo.

Com base nos objetivos da pesquisa, estruturamos a dissertação em quatro capítulos, mais esta Introdução e as Considerações Finais. No segundo, **O lugar do adolescente na atualidade**, fizemos uma contextualização histórico-cultural – desde a Antiguidade até a atualidade – sobre o lugar dos jovens nas sociedades, tendo como referência três noções: a transitoriedade, o limite e a ambiguidade. Ao percorrermos essa contextualização, é possível destacar uma quarta noção que permeia as três anteriores: a adolescência é o momento do encontro com o desejo sexual, o qual tem consequências tanto para cada sujeito quanto para o modo como são constituídos os laços sociais de cada época. Diante da concepção de sexualidade, discorremos sobre o tema da adolescência, tendo como referência a psicanálise de Freud e Lacan.

As compreensões desenvolvidas neste capítulo foram a base para a indagação: qual relação poderíamos estabelecer entre as particularidades da adolescência e uma tendência a atuações? Observamos que o sujeito adolescente foi associado historicamente – e ainda continua sendo – a comportamentos em forma de atos. Com a provocação desta percepção, abordamos o tema da **Agressividade e violência na adolescência** no capítulo 3.

No capítulo 4, por sua vez, tivemos o objetivo de discutir **A parceria amorosa como um sintoma**. Essa parceria revela o que há de mais singular do sujeito, no sentido de que é entendida como uma maneira sintomática que cada um encontra para lidar com o próprio modo de gozo. Nessa perspectiva, promovemos uma discussão sobre as parcerias amorosas abusivas na atualidade.

O capítulo 5, **A paixão em ato nos relacionamentos abusivos adolescentes**, foi dedicado à elaboração de uma tessitura entre a teoria e a realidade, entre a nossa construção teórica e os achados provenientes de nosso campo de estudo. Inicialmente, apresentamos um detalhamento desse campo e de nossa estratégia de ação. Em seguida, refletimos sobre a escrita no mundo digital e partimos para a análise dos depoimentos encontrados. Por fim, tecemos algumas **Considerações finais** a respeito do tema Parcerias Amorosas Abusivas: um Encontro entre Adolescentes na Atualidade.

## 2 O LUGAR DO SUJEITO ADOLESCENTE NA ATUALIDADE

“Há em cada adolescente um mundo encoberto, um almirante e um sol de outubro.” (ASSIS, 1969, p. 114).

Constatamos impasses na investigação e na construção da história dos jovens nas sociedades. Alguns historiadores, como Philippe Ariès, compreendem que apenas na Modernidade passou a haver uma distinção mais precisa entre a infância, a adolescência e a vida adulta. Outros teóricos, liderados por Natalie Davis, contrariamente, sustentam a concepção de que existem elementos comprovados que bordejam um lugar particular para os jovens, mesmo em um período anterior (ARIÈS, 1981; LEVI; SCHMITT, 1996; MATHEUS, 2010).

Nossa direção vai ao encontro da segunda perspectiva. No entanto, os campos do saber se detiveram no estudo formal sobre a adolescência somente na Modernidade. Por outro lado, temos o entendimento de que, embora não tenham existido fronteiras precisas entre as diferentes fases da vida ao longo da história, é possível encontrar aspectos que demarcam um lugar para os jovens, inclusive, fundamental para a própria dinâmica de cada época. Isso porque esse é um lugar paradigmático para se pensar no sujeito e seu laço social, uma vez que pode ser compreendido como uma noção que faz litoral entre o individual e o coletivo, entre o psíquico e o social.

A fim de se refletir sobre o lugar do sujeito adolescente construído especificamente na atualidade, pensamos ser necessário um olhar no, *a posteriori*, histórico-cultural. De partida, enfatizamos que nosso ponto de vista foi elaborado por meio da contextualização em diferentes tempos, mas sempre situado no espaço ocidental. Neste, embora a dimensão simbólica dos termos “adolescência” e “juventude”<sup>3</sup> apresente uma variação, há uma repetição no modo com que são atravessados por um caráter de limite, transitoriedade e ambivalência.

O limite se apresenta entre a dependência infantil e a autonomia adulta, entre as idealizações e resistências, e a quebra das promessas e garantias, entre a imaturidade e a maturidade sexual, entre a formação e a profissionalização, entre a falta e a posição de autoridade, entre outros aspectos. Esses limites trazem contornos particulares e, ao mesmo

---

<sup>3</sup> Há uma variação semântica na utilização dos termos adolescência e juventude ao longo da história. Se, em alguns momentos, não existe uma diferenciação, em outros, a palavra adolescência é usada para marcar uma fase mais delimitada entre a infância e a vida adulta.

tempo, evidenciam que o fator fisiológico não basta para caracterizar essa fase da vida (LEVI; SCHMITT, 1996).

O caráter de transitoriedade diz respeito ao fato de que os sujeitos não pertencem aos grupos etários, mas passam/transitam entre as diferentes etapas. Abordar essa condição provisória torna-se importante, na medida em que influencia tanto o lugar do jovem na sociedade como a visão que cada um tem de si e a maneira com que vivenciam as próprias experiências (LEVI; SCHMITT, 1996).

A ambivalência com que a adolescência/juventude é tratada revela que se, de um lado, provoca atração e admiração, por outro remete a certa instabilidade e desconfiança. Em diferentes momentos, evoca beleza e despreparo, atração e repulsa, vitalidade e crise, pureza e transgressão, desordem e moral, controle e descontrole, submissão e resistência, permissividade e intolerância dentre vários outros elementos. De modo geral, evidencia, portanto, algumas das contradições presentes nas sociedades e seu lugar de importância.

A palavra adolescência é de origem latina, *adolescencia* ou *adulescentia*, do verbo *adolescere*, que significa crescer ou se desenvolver (MACHADO, 1959). Seu significado atravessa os diversos momentos da história, mas é acompanhado de diferenças simbólicas. Para pensar sobre o sujeito adolescente na atualidade, é necessário refletir sobre como este lugar foi sendo construído – desde a Grécia Antiga, passando pela Roma Antiga, pela Idade Média e pela Modernidade – e, simultaneamente, como o lugar do adolescente teve um papel relevante na constituição da cultura de cada época. Enfatizamos que a escolha por esses quatro marcos se deve à sua influência na atual cultura ocidental.

## **2.1 Breve percurso histórico-cultural**

Na Grécia Antiga, sociedade que antecedeu Roma culturalmente e produziu importantes efeitos na construção do mundo moderno, a vida social era estruturada na formação do homem grego, a *Paideia*. Por essa concepção – que implicava um saber-fazer e trazia uma unidade às noções práticas de educação, cultura, tradição e literatura –, os jovens passavam a ter acesso a uma vida compartilhada como cidadãos (JAEGER, 1986).

Na *Paideia*, a igualdade etária possibilitava aos jovens, *efebos*, estabelecerem vínculos entre si, substituindo os laços sanguíneos. Desse modo, articulavam o seu lugar na sociedade e também passavam a influenciá-la. As diferenças etárias, por outro lado, também eram decisivas na educação. Os mais velhos eram os educadores dos mais jovens e, ao menos entre

os fundadores do sistema educativo (espartanos e cretenses), havia uma associação entre formação, iniciação e sexualidade (SCHNAPP, 1996).

Os *erastès* (posição de amantes) escolhiam seus *erómenos* (efebos amados) para introduzi-los socialmente em uma relação de dominação, atravessada pela homossexualidade, pelo culto aos corpos e pela introdução à caça, aos esportes, à literatura/filosofia e à arte. Cabia aos jovens submeterem-se aos mais velhos, mesmo com certa resistência. Ressaltamos que, embora tenha existido o enaltecimento dos valores masculinos, também existem provas históricas da relevância das iniciações femininas (SCHNAPP, 1996). Em geral, podemos observar que os efebos eram marcados pela noção de transitoriedade etária, pelos limites das iniciações e pela ambiguidade entre a submissão e sua exaltação.

Na Roma Antiga, por sua vez, existia uma definição particular dos grupos etários. Embora uma mesma pessoa pudesse ser nomeada com mais de uma classificação, havia uma organização hierárquica rígida na estruturação familiar e social. Em geral, observa-se que, para os homens, a *pueritia* durava até os 15 anos, a *adolescentia* consistia dos 15 aos 30 anos, enquanto a *iuventia* (juventude) se estendia dos 30 aos 45 anos.<sup>4</sup> É possível perceber, portanto, um prolongamento dessas fases da vida, que ia além de limites biológicos e era justificado pela instituição do pátrio poder. Na lógica do pátrio poder, os filhos ficavam submetidos ilimitadamente à autoridade do pai até sua morte, quando se tornavam os “pais de família” (FRASCHETTI, 1996).

Especificamente, a entrada na *adolescentia* coincidia com um ato formal. O jovem realizava um rito de passagem que tinha uma importante função simbólica e envolvia uma troca de vestimenta analogamente ao que faziam as *virgines* na noite de núpcias. Com a toga viril, o romano era introduzido de pleno direito como um cidadão livre, iniciando-se nos negócios públicos e compartilhando uma vida em sociedade, apesar de continuar submetido à autoridade paterna. A passagem para a vida adulta, por outro lado, era marcada – nas camadas altas – pelo acesso às primeiras magistraturas. Em camadas mais baixas, a falta de autonomia e, assim, a submissão ao pátrio poder, se estenderia por mais tempo (FRASCHETTI, 1996).

Em relação às mulheres, as definições se davam por meio da condição física ou moral. Elas eram consideradas *virgines* antes do casamento, posteriormente *uxores* por uma questão social, *matronaes* quando se tornavam mães e *anus* diante da velhice. Isso porque eram mais relevantes as passagens decorrentes das mudanças relacionadas com a família de origem, com

---

<sup>4</sup> Existem pequenas distinções nessas classificações a depender dos autores utilizados como referência.

o matrimônio e os filhos. É importante ressaltar que elas jamais teriam autonomia plena, estando submetidas ao pai, aos irmãos e ao marido (FRASCHETTI, 1996).

Na cultura romana, a valorização do matrimônio e das obrigações conjugais surgiu da inquietação diante da liberdade e dos prazeres sexuais, questionamento que a difere da maior parte das sociedades antigas. Desencadeou-se, assim, um grande investimento no espaço privado, no cuidado de si (do próprio corpo e da alma) e em certa privação dos desejos, enfatizando, conseqüentemente, a racionalidade e o individualismo. Tudo isso, associado ao saber médico, atravessou o lugar dos jovens na sociedade (FOUCAULT, 2018).

Passou a existir uma desconfiança diante da vivência prematura e/ou excessiva das relações sexuais, inclusive indo de encontro à cultura grega de investimento no amor aos rapazes, ainda que esse comportamento possa ser visto na poesia e na arte. Os efebos foram substituídos pelos escravos, na medida em que os adolescentes começaram a estar “protegidos” de abusos e violência, o que se repetiu em termos educativos e pedagógicos entre os alunos e os mestres (FOUCAULT, 2018).

Podemos observar, nessa direção, uma ambigüidade no modo de os jovens serem tratados, visto que se de um lado estavam submetidos ilimitadamente ao pátrio poder, de outro, passaram a ficar em um lugar, de certo modo, protegido. Em relação ao matrimônio, também podemos constatar que, embora as mulheres fossem iniciadas e submetidas desde cedo ao marido, a valorização das obrigações matrimoniais também protegia – sob um determinado ponto de vista – das relações extraconjugais comuns entre os homens.

Na Idade Média, havia uma diversidade nas classificações dos grupos etários. No entanto, dois principais sistemas se destacavam. Na cultura profana, existia uma divisão em 4 fases da vida e uma associação às estações do ano: a infância era a primavera; a juventude, o verão; a idade média, o outono; e a velhice, o inverno. Na cultura erudita e clerical, havia uma divisão em 6 ou 7 fases: a *infantia* era do nascimento aos 7 anos; a *pueritia*, dos 7 aos 14 anos; a *adulescentia*, dos 14 aos 21 ou 28 anos; a *juventus* dos 21 ou 28 aos 35 anos; a *virilitas* dos 35 aos 55 ou 60 anos; e a *senectus*, acima dos 55 ou 60 anos. Nessa variedade de classificações, podemos encontrar uma grande quantidade de termos para indicar a adolescência e a juventude, evidenciando as singularidades em cada tempo e espaço e a impossibilidade de se fazer generalizações (PASTOUREAU, 1996).

Para ilustrar o lugar desses jovens nesse período, escolhemos as análises realizadas a partir da arte medieval. Nesta, como em toda arte, não existia um enquadramento padrão seguido, mas a repetição de traços, cores, perspectivas e texturas sinalizam a imagem desses jovens, construída pela sociedade da época. Ainda que nem todos os grupos apareçam nessas

imagens, como é o caso da classe camponesa, é possível extrair aspectos bastante interessantes. De partida, ressaltamos que sobressaem também as marcas da transitoriedade, do limite e da ambiguidade dessa fase da vida.

As imagens medievais trazem representações mais de grupos do que de indivíduos isolados, o que facilita a comparação entre as diferentes categorias sociais. Nesse sentido, o tamanho dos personagens indicava uma escala de valores. Os velhos se sobrepunham aos adolescentes e às crianças, assim como os nobres diante dos plebeus. Além disso, jovens não eram representados no centro dessas imagens, lugar de maior destaque, mas nas periferias. Em um determinado momento, passaram a ser pintados para fora do perímetro que delimitava a cena, ficando localizados nas margens, entre as figuras grotescas, os monstros e as ramagens (PASTOUREAU, 1996).

Ao serem caracterizados nas bordas/limites das imagens, passaram a ser representados pelos seus excessos e transgressões.

É nessas *marginalia*, verdadeiras válvulas de escape tanto para a imagem quanto para a sociedade, que se pode ver aquilo de que falam em profusão os sermões dos bispos e os discursos das autoridades legais: os jovens se ‘inflamam’, brigam, são indisciplinados, ‘abusam de seu corpo’, buscam a ‘vã glória’, ‘ultrajam a tudo e a todos’. (PASTOUREAU, 1996, p. 254).

Diante da utilização de profundidade, o primeiro plano passou a ter menor valor e a ser a localização dos jovens, que estavam à frente e ancorados pelas gerações seguintes. O rosto jamais apresentava barba, e as mulheres solteiras estavam sempre com os cabelos longos e à mostra. O corpo era retratado como belo, saudável e viçoso, sem deixar transparecer irregularidades ou deformidades, as quais apenas surgiam quando retratavam o mal. Em geral, se, de um lado, tinham um menor tamanho, estavam à margem e eram transgressores; de outro, ambigualmente, os anjos, eram jovens perfeitos (PASTOUREAU, 1996).

A ambiguidade também é percebida mediante a cor verde, utilizada para representar frequentemente tanto a juventude como a esperança, o amor (muitas vezes, infiel) e a sorte; por outro lado, a licenciosidade, a desordem e a doença. Associada à cor amarela, a cor verde remetia à loucura ou à hipocrisia. Ainda, o verde, que faz lembrar a natureza em crescimento, era também a cor mais difícil de ser dominada pelos pintores medievais em virtude de dificuldades com seus tons, texturas e absorção em materiais. “*Color minor juventuti inferior!*” (PASTOUREAU, 1996, p. 261).

Na Idade Moderna, o lugar da juventude passou a ser marcado muito mais pelas noções de transitoriedade, limite e ambiguidade. Em meio a reformas religiosas, os jovens

vivenciavam, de modo mais radical, essa fase da vida como um período de iniciação e transição para a vida adulta. A formação dos grupos, segundo a idade, tinha uma importância fundamental para a experimentação coletiva, a representação de si e a elaboração do seu lugar no mundo, assim como para o estabelecimento do limite com as demais fases da vida.

Como em um rito de passagem, os jovens costumavam organizar caminhadas noturnas pelas ruas – conhecidas como *charivaris* –, em que realizavam todo tipo de gritaria, baderna e invasão de espaços privados, muitas vezes, praticados em uma mistura de júbilo e violência. Esses excessos, de certo modo, eram veladamente consentidos pelos próprios adultos. Inclusive, alguns deles estavam por trás dessa organização, o que sugere que o modo como a juventude era vivenciada correspondia a uma expectativa e uma satisfação inconsciente dos adultos. Além disso, as punições eram muito brandas (SCHINDLER, 1996).

As rondas de grupos noturnos também poderiam ter como objetivo estabelecer encontros com o sexo oposto, como em uma forma organizada de cortejar. Ao mesmo tempo que representavam um ritual de passagem e uma marca da juventude moderna, constituíam um modo de controle da moral e da honra das jovens mulheres do lugar. De acordo com Schindler (1996), aqueles que eram percebidos como “tutores da desordem”, ambigualmente, também o eram “da moral”, manifestando-se publicamente com atos de punição contra parcerias amorosas irregulares: uniões com forasteiros, adultérios, “casamentos errados”, outros relacionamentos de viúvas, dentre outras situações.

Esses jovens também passaram a ser os responsáveis pela organização de festas, como o carnaval, em que vivenciavam a liberdade quase sem limites. Vale ressaltar que, na maioria, os grupos eram constituídos por homens, mas há relatos de ações coletivas de mulheres solteiras. Essas festas, de modo semelhante aos dias atuais, eram tidas como válvula de escape da sociedade, em que os excessos eram permitidos e se evidenciavam as paródias e as resistências àqueles que exerciam o poder. É interessante perceber que o lugar da juventude exercia uma função social importante (SCHINDLER, 1996).

As autoridades religiosas, diante de suas reformas, passaram, cada vez mais, a se incomodar com as experiências da juventude e a promover intervenções rígidas contra as ações das mulheres solteiras. Com o intuito de cercear a liberdade sexual – assim como em outros momentos da história –, criaram políticas severas de separação dos sexos em lugares públicos, restringindo o espaço de socialização e o sentido social das jovens ao âmbito familiar, em uma expressão evidente do sistema patriarcal (SCHINDLER, 1996).

Nesse sentido é possível compreender que se, por um lado, o controle dos jovens diante da moral incomodava a sociedade, por outro, tinham a própria sustentação nela.

Embora, em alguns momentos, os “tutores da moral” tenham apresentado comportamentos extremos de violência – inclusive se estendendo aos adultos –, também tinham uma importante função “legitimada” pelas autoridades, mesmo de forma velada. Aos poucos, esses mesmos comportamentos “legitimados” foram servindo de justificativa para intervenções mais severas por parte das instituições jurídicas e religiosas.

No século XIX, a partir das intervenções dessas instituições, com as militares e educativas, surgiu um processo de periodização das idades da vida. Com as séries bem definidas da educação infantil e do ensino secundário, a vivência de rituais religiosos, como a Primeira Comunhão e a Crisma, além do alistamento militar, tornaram mais evidentes os limites entre a infância, a adolescência e a fase adulta. Ressaltamos que esse processo se relaciona com a própria constituição do sujeito moderno, norteador pelas noções de racionalidade, individualidade, cuidado de si, vigilância e disciplina (MATHEUS, 2010).

As mudanças, principalmente consequentes do processo de socialização e aprendizagem, promoveram o surgimento da noção de juventude enquanto moratória. Com a justificativa da necessidade de um tempo de “formação”, baseado em algumas renúncias no presente para a construção de uma carreira no futuro, passou a existir um prolongamento da adolescência nas camadas mais letradas. Adiciona-se a isso o estabelecimento de relações conjugais mais tardias.

A noção de moratória, no entanto, não ficou restrita a esse tempo de formação. Diante das transformações modernas, das consequências do avanço do capitalismo e das mudanças decorrentes dos sistemas sociais, observou-se uma descontinuidade entre o ensino formal e a entrada no mercado de trabalho, promovendo uma postergação muito maior na passagem da adolescência para o mundo adulto (MATHEUS, 2010). Em meio a cenários de crise econômica, essa descontinuidade se tornou bem maior, o que contribuiu para ratificar e intensificar a percepção de que o futuro é da ordem da probabilidade e da incerteza.

De acordo com Gurski, Rosa e Poli (2014), nas sociedades antigas e medievais, os ritos iniciáticos demarcavam e legitimavam as mudanças de posição consequentes dessa fase da vida. Pela especificidade desses ritos, expressos apenas em forma de ato, havia um apaziguamento do sujeito com seus novos traços, de modo a ser dispensado o trabalho psíquico da adolescência.

Na modernidade, a partir da noção de moratória, houve um distanciamento entre o ato e o tempo de espera referente ao processo adolescente. Assim, passou a existir maior necessidade de elaboração da posição do sujeito, promovendo uma relação bastante atual

entre os termos adolescência e crise, conforme veremos a seguir, ao discorrermos sobre o lugar do adolescente na passagem da modernidade para a cultura atual.

## **2.2 Da modernidade à cultura atual**

A associação entre os termos adolescência e crise surgiu com as concepções de Rousseau de que a adolescência seria uma fase de “turbulência das paixões”. Conceber esse momento de vida como crítico evidencia sua ambiguidade. Se, de um lado, remete a uma carga negativa, de outro, sugere um potencial enunciativo como indica Matheus (2010). Ao considerar o adolescente como um sujeito que traz à tona questões referentes à sua época, podemos inferir, nesse potencial enunciativo, que, ao mesmo tempo que impulsiona transformações, revela as contradições, os não ditos, o mal-estar social.

Nesse sentido, a concepção atual de moratória marca uma geração que, apesar de ser vista utopicamente como “o futuro”, traz consigo uma dimensão distópica de postergação e irresponsabilidade. De modo ambíguo, ao mesmo tempo que atrai, causa repulsa. Na mesma medida que há um grande investimento na longa formação dos jovens e uma tolerância à entrada tardia no mercado de trabalho, há também uma forte crítica por ser um momento de vida mais propenso à experimentação e ao lazer. Esse cenário, atravessado pelo campo dos extremos da idealização, acarreta impasses no modo como cada um se posiciona subjetivamente para si e na relação com o outro.

Como em diversos momentos da história, o lugar do jovem na atualidade exerce uma importante função legitimada por todos da sociedade e revela as particularidades da cultura. Para a compreensão desse lugar, pensamos ser imprescindível uma interlocução com elementos que se destacaram no projeto da modernidade. É perceptível que alguns dos excessos vivenciados hoje demonstram os tropeços no modo como se estabelecem os laços sociais, diante de um imperativo narcísico na busca incessante pela individualidade, pela liberdade e pelo prazer, semeados por esse projeto e com raízes em épocas anteriores.

Do século XIV ao XVIII, ocorreram profundas mudanças sociais, políticas e econômicas que acarretaram o surgimento de uma concepção particular de indivíduo. Dentre essas mudanças, enfatizamos os efeitos do liberalismo em diversos âmbitos: a valorização da liberdade de escolha e de ação individual separada do coletivo; o reconhecimento do direito de igualdade entre todos os cidadãos; e a legitimação da consciência individual sob o ponto de vista da razão e da emoção (MANCEBO, 2002).

Na defesa dos direitos individuais, promoveu-se uma cisão entre o espaço público e o privado que, mais tarde, foi dando lugar a uma cultura do intimismo. No século XIX, com a terceira fase do capitalismo, a legitimação cada vez maior do lugar do indivíduo ultrapassou alguns limites, promovendo uma invasão do espaço privado no público (MANCEBO, 2002). Já no século XX, as tecnologias foram um dos elementos que muito contribuíram para essa invasão, ao esfumçar os limites entre esses espaços e trazer à tona não apenas o privado, mas também o que há de íntimo em cada um.

A superexposição desse íntimo no espaço público é facilmente constatada por meio da utilização de ferramentas tecnológicas como a internet. Especificamente sobre os jovens, que já nasceram em uma cultura atravessada por essas ferramentas, verificamos que sua utilização foi incorporada no cotidiano de cada um e se tornou um campo propício para responder a uma indagação, que é de todo ser humano, como se representar no laço social.

As chamadas redes sociais digitais são um exemplo importante do que nos referimos como cultura do intimismo e do modo como são estabelecidos os vínculos afetivos na atualidade. Pensamos que as ferramentas tecnológicas, ao mesmo tempo que são fruto da construção cultural, dialeticamente, também contribuem e influenciam para essa mesma construção. Assim, observamos quanto as redes possibilitaram a vivência de relações sociais mais horizontalizadas e permeadas por relatos e depoimentos bastante pessoais sobre a vida de cada um, incluindo fantasias, desejos e fatos da realidade.

Há, no entanto, uma contradição fundamental nos laços sociais estabelecidos nos dias atuais, que pode ser observada, por exemplo, na utilização dessas redes. Embora exista a vivência de relações mais horizontalizadas entre seus participantes, há uma intensa verticalização em que o centro do poder está no mercado. Nesse sentido, concordamos com Vermelho, Velho e Bertencelo (2015) ao afirmarem que o social é atravessado por uma estrutura de negócios e processos por meio dessas ferramentas tecnológicas de comunicação.

Constatamos, dessa forma, contradições presentes na cultura atual, que se expressam – de modo bastante intenso – nos laços sociais estabelecidos pelos jovens. Se, por um lado, as sementes do projeto da modernidade enfatizaram o lugar do indivíduo com domínio de suas vontades – referentes tanto à razão quanto à emoção –, por outro, o atual capitalismo exerce forte influência sobre os sujeitos, manipulando-os e tratando-os como objetos. Nesse paradoxo, parece ser frequente a tendência em destituir o lugar do outro como sujeito de desejo e estabelecer relacionamentos centrados no campo da dominação-submissão.

Na cultura neoliberal, própria dos dias atuais, há uma introjeção do valor mercantil como forma de interpretação do mundo. A lógica do mercado atravessa as relações sociais e

políticas, promovendo uma ênfase na liberdade de ação individual e um estímulo à competição e ao sucesso a qualquer preço. O princípio da igualdade, semeado no projeto da modernidade, dá lugar à importância da desigualdade entre os indivíduos para o equilíbrio e a manutenção do sistema (MANCEBO, 2002).

Esses elementos resultam em uma cultura de supervalorização do autoinvestimento, acarretando um enfoque na interioridade, um centramento narcísico e certo desinteresse pelas questões coletivas. Dentre as consequências, geram um culto à imagem/aparência e um imperativo de satisfação individual e imediata. Tudo isso vai ao encontro de uma ênfase – dentre aspectos positivos e negativos – daquilo que remete à juventude, fazendo com que crianças ou adultos também se coloquem na posição de adolescentes.

A beleza dos corpos juvenis, a intensidade e a impulsividade com que vivenciam o presente e as experimentações na esfera sexual são algumas das características que, associadas aos elementos da cultura atual, muitas vezes, tendem ao excesso e ao sem limite. Em outros momentos da história, essas mesmas características também se destacaram e foram relacionadas com a juventude. No entanto, foram expressas de modos diferentes em virtude das particularidades de cada cultura, como os contornos relativos aos espaços públicos e privados, o modo como foram estabelecidos os laços sociais e o lugar das figuras de autoridade.

É importante refletir que esses elementos permeiam da cena social à cena familiar (e vice-versa), como uma *fita de möbius*, em que não há descontinuidade entre o dentro e o fora. Quando o excesso e o sem limite se apresentam, o ato substitui as palavras e a elaboração subjetiva, ratificando a associação moderna entre os termos adolescência e crise. São comuns, portanto, preocupações e reflexões atuais acerca do esfumaçamento dos limites na diferença de gerações, da tendência à destituição do lugar do outro como sujeito de desejo, da grande incidência da violência juvenil, das diversas questões referentes à identidade sexual e da utilização frequente de drogas lícitas e ilícitas. Dentre essas e outras expressões da cultura atual, decidimos deter-nos brevemente nas três primeiras, por estarem mais diretamente presentes em nosso tema de pesquisa.

### 2.2.1 Esfumaçamento dos limites na diferença de gerações

Em meio às mudanças decorrentes da passagem da infância à adolescência, o desligamento da autoridade dos pais e a assunção de uma posição de sujeito desejante é um marco importante no processo de constituição subjetiva. O modo como essa mudança será vivenciada dependerá das relações estabelecidas na infância, tendo como referência os pais<sup>5</sup> no lugar de autoridade. É necessário, nesse primeiro momento, estar submetido ao Outro para que o desligamento decorrente da adolescência esteja permeado pelo desejo de ocupar o lugar do outro, enquanto semelhante metaforicamente.

A tendência atual em estabelecer relações mais horizontalizadas, entretanto, promove certo apagamento dos limites na diferença de gerações. De acordo com Lesourd (2014), nas “incivilidades modernas”, observa-se uma vontade de tomar o poder do outro, e não o lugar do outro. Sem a consistência dos interditos parentais, passa a existir menos rivalidade e mais reivindicação narcísica. Ao invés de elaborar o lugar dos pais, servir-se dele e ir além, é possível perceber comportamentos que promovem apenas uma destituição do outro.

Além disso, destacamos que as referências anteriores são importantes para que o adolescente possa alcançar projeção, sem que esse desligamento seja vivenciado como uma perda de todo o suporte identificatório (AULAGNIER *apud* ROSA; VINCENTIN, 2014). Quando isso ocorre, desencadeia-se uma intensa crise de angústia, uma vez que gera um curto-circuito e o sujeito se percebe desnorteado. Isso porque o momento adolescente de saber de si precisa ter como suporte o norte dos vínculos afetivos anteriores.

O interdito dos pais também acarreta efeitos nas relações entre pares, pensado aqui nos laços fraternos e sociais em geral. Esse lugar dos pais, como figura de autoridade, barra a violência contra o outro. A agressividade e a rivalidade fazem parte do processo de identificação subjetiva ao semelhante. Entretanto, na carência das interdições que acarretam um atravessamento do simbólico nas relações, constata-se uma preponderância dos discursos de ódio, de inveja e de ciúme, que promovem a eliminação desse outro (LESOURD, 2014).

---

<sup>5</sup> Sempre quando nos referirmos aos pais, também estaremos contemplando qualquer pessoa que exerça essa função.

### 2.2.2 Destituição do lugar do outro enquanto sujeito de desejo

Atualmente, é comum observarmos a proliferação de discursos de ódio. Algumas noções referentes à diversidade, à igualdade e à liberdade individual, por exemplo, parecem legitimar posições e comportamentos entre os adolescentes que, de modo paradoxo e equivocadamente, fazem existir um único ponto de vista como válido. Isso porque, quando essas noções são vivenciadas a serviço de um imperativo narcísico próprio da cultura atual, revelam as dificuldades em lidar com as diferenças e com o reconhecimento do outro como sujeito.

Se, de um lado, observamos uma pluralidade de grupos adolescentes que tendem a se agrupar a partir de traços identificatórios comuns, de outro, constatamos que a tolerância ocorre – precisamente – apenas entre os próprios membros dos grupos. Nesse sentido, concordamos com Lacadée (2016), quando afirma que as denominadas “identificações por bando” são bastante comuns atualmente e correm o risco de cair em uma crença de que são “todos iguais”. Em tais casos, observa-se uma colagem entre a função de modelo e a de exceção, promovendo um efeito de segregação.

Os discursos de inveja, por sua vez, são atravessados pelo ideal de completude e pela ilusão de que o outro esteja satisfeito a partir da posse do objeto *a* (LACHAUD, 2001).<sup>6</sup> Estão bastante presentes em uma associação entre a busca de satisfação imediata por meio do consumo de objetos e as dificuldades em lidar com a diferença e a falta. Não é incomum nos depararmos com adolescentes capturados por esses discursos, justamente por ser um momento da vida em que há um confronto com a noção de incompletude e com a indagação referente ao próprio desejo.

Especificamente sobre o sentimento de ciúme, concordamos com Lachaud (2001) ao considerar que ele sempre existirá, assim como o sentimento de inveja. No entanto, a depender das experiências na infância, será possível realizar ou não seu trabalho de luto. Diante de falhas em sua elaboração, o sujeito adolescente é atravessado por um retorno do sentimento infantil de estar excluído ou abandonado pelo Outro, frequentemente vivenciado na cena familiar mediante, por exemplo, as relações fraternas. O sujeito passa a reproduzir repetidamente, com outros laços afetivos, sentimentos de raiva e agressividade, que podem ser expressos ou não e, na verdade, dizem respeito a esse momento mais arcaico.

---

<sup>6</sup> O conceito de objeto *a* será discutido no capítulo **A parceria amorosa como um sintoma**.

Na adolescência, o lugar do Outro passa a ser inscrito tanto na dimensão do Outro familiar como do Outro social, em uma transição pela qual se realiza “a reinscrição do sujeito em um lugar Outro que aquele de sua origem” (POLI *apud* BARROS; HOFFMANN, 2017, p. 35). Para construir um lugar singular, é necessário que a criança esteja submetida ao desejo do Outro em uma tentativa inicial de completá-lo, embora se confronte com essa impossibilidade e, assim, com a sua falta. É isso que orienta o seu desejo (LACHAUD, 2001).

Ao trazer esse processo de constituição para a cultura atual, podemos refletir que as dificuldades em lidar com essa falta atravessam o modo como cada adolescente se posicionará diante do próprio desejo. A partir das tentativas inesgotáveis de satisfação através do consumo de objetos, haverá um tamponamento daquilo que possibilitaria a emergência do sujeito desejante. Pensamos que seja fundamental o adolescente se posicionar como desejante para perceber o outro também como sujeito de desejo.

### 2.2.3 Violência juvenil

No imaginário social, o adolescente comumente está vinculado a uma tendência ao excesso e à violência, quer seja como aquele que a pratica, quer seja no lugar de vítima. Essa associação não se restringe à cultura atual, mas está presente em diversos momentos da história, como descrito anteriormente. No entanto, algumas características da atualidade contribuem com aquilo que é posto em ato, podendo chegar a níveis de violência.

Na passagem para a adolescência, quando as referências parentais se tornam caducas, elas devem ser metaforizadas nos laços sociais. É importante que esses laços permitam que o sujeito possa situar-se quanto a um lugar de reconhecimento e pertencimento como membro do grupo social (ROSA; VINCENTIN, 2014). Isso dependerá tanto da elaboração do seu lugar na cena familiar quanto do modo como são estabelecidos os laços nesse grupo social.

Esses laços possuem uma função fundamental de esvaziamento daquilo que remete aos imperativos de satisfação imediata, visto que estabelecem regras de convivência com o outro. É o que Lacan denomina de Outro social. Sem esse enquadramento cultural e simbólico, haverá uma tendência a se utilizar do outro como um objeto na busca da própria satisfação (QUINET, 2012).

A passagem da infância à adolescência impõe um processo de elaboração desse laço social por meio de referências simbólicas transmitidas pela cultura e representadas pelos ideais. Compreendemos que o adolescente é particularmente afetado pelos impasses relativos a essa transmissão (COUTINHO, 2005). Em uma cultura marcada pelo individualismo, pelos

imperativos de consumo e pelo esfumaçamento da diferença de gerações – dentre outros aspectos –, os laços sociais se fragilizam em sua capacidade de apaziguamento.

Sem esse apaziguamento, e sendo insuficientes os interditos estabelecidos no processo de constituição do sujeito na cena familiar, o adolescente tende a agir em uma tentativa de endereçar uma demanda de reconhecimento para o Outro. O modo como esses atos serão interpretados pelo Outro poderá fazer grande diferença no sentido de um reposicionamento do sujeito. Na atualidade, os atos violentos rapidamente promovem uma separação rígida entre vítima e agressor, impedindo as possibilidades de elaboração do ocorrido e desse reposicionamento.

Em uma cultura que não investe no lugar de cada sujeito como desejante, ocorre a legitimação de comportamentos em que o indivíduo se perde no caminho das palavras e na responsabilização pelos seus atos. Há um espaço para a repetição de atos violentos e a culpabilização dos envolvidos. É importante ressaltar que, no ato, o sujeito está ausente. Assim, podemos indagar se existe compatibilidade entre esses atos violentos e a atualidade, visto que, em ambos, há um equívoco nesse lugar ausente do sujeito.

O adolescente, por sua vez, ao expor aquilo que há de mal-estar no social, muitas vezes pode ser levado a responder com atos violentos. Em virtude de ser um momento justamente em que o sujeito é convocado a se posicionar como desejante, poderá haver descompasso diante dessas questões apresentadas e que se referem desde a cultura, passando pela cena familiar e pelas particularidades da adolescência.

### **2.3 O sujeito adolescente e a psicanálise**

Na análise transversal realizada nos diferentes tempos históricos, observamos como os aspectos do limite, da transitoriedade e da ambiguidade marcaram o lugar construído para e pelos jovens no Ocidente. Nessa análise, outro fator se destaca e, em verdade, atravessa todos esses aspectos já levantados. Da Antiguidade à atualidade, é possível perceber que essa fase da vida é, fundamentalmente, o momento do encontro com o desejo sexual e suas consequências, tanto para o próprio sujeito como para o modo com que se estabelecem os laços sociais de cada época.

Para a psicanálise, a adolescência diz respeito a um momento de transformação que requer o posicionamento do sujeito diante da sexuação. Para refletirmos sobre essa questão, é

necessário nos determos brevemente sobre o infantil.<sup>7</sup> Isso porque, ao longo da teoria freudiana, concebeu-se a noção de que há um infantil insuperável no psiquismo, o que vai de encontro às concepções desenvolvimentistas elaboradas em sua época. Entendemos que aquilo que se foi constituindo *a priori* é o que dá subsídios ao sujeito para vivenciar a adolescência, contribuindo ou não para seu posicionamento como desejante e a construção do seu lugar no mundo.

Mais do que uma teoria que constata a sexualidade presente na infância, a psicanálise enfatiza uma sexualidade que é, originalmente, infantil e permanece atemporal como o traço que singulariza o sujeito (HERZOG; MARIANTE, 2008). Ressaltamos que, embora Freud se tenha equivocado ao pensar no trauma como, necessariamente, um acontecimento real no início de seu percurso, posteriormente elaborou a noção de que cada sujeito constrói uma ficção de si a partir da vivência no corpo e de fantasias infantis.

### 2.3.1 A organização psíquica infantil

No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996) destaca as metamorfoses ocorridas na passagem da infância à puberdade no que se refere à pulsão sexual. Inicialmente, enfatiza uma satisfação autoerótica e pré-genital, obtida mediante pulsões parciais advindas de zonas erógenas diversas e independentes. Embora essas elaborações se refiram ao próprio corpo do *infans*,<sup>8</sup> não exclui a possibilidade de construção de vínculos e objetos amorosos, como o seio materno. Nesse primeiro momento, em que o narcisismo primário tem suas raízes, há uma indiferenciação entre o *infans* e o objeto. Ambos se excitam e se satisfazem simultaneamente. Salientamos que a total indiferenciação é pensada como um momento mítico ou denominada como um momento originário, inevitavelmente perdido.

Lesourd (2004), norteado pelas contribuições de Jacques Lacan, sinaliza que o autoerotismo é vivenciado como uma excitação-satisfação inscrita na carne, ou seja, um gozo arcaico que precede o gozo do corpo. A utilização dessas duas expressões, gozo da carne e gozo do corpo, pretende enfatizar a distinção entre uma satisfação-excitação pulsional marcada pelo real do gozo e um gozo do corpo que, por sua vez, constituiu-se a partir do

---

<sup>7</sup> Adotamos a distinção realizada por Herzog e Mariante (2008, p. 40) entre os termos infância e infantil. Na leitura do pensamento freudiano, pode-se conceber “a infância como o negativo da idade adulta e o infantil como o que comporta positividade, remetendo ao brincar, fantasiar e inventar”.

<sup>8</sup> Termo utilizado para se referir a um bebê que ainda não fala.

atravessamento da dimensão simbólica da linguagem nesse real. A princípio, destacamos que o conceito de gozo se refere a uma satisfação pulsional, geradora de uma incessante repetição.

Miller traz a noção de que há dois corpos distintos superpostos em um só organismo: o corpo-gozo e o corpo-ego (MACHADO, 2014). Como podemos compreender melhor essa diferenciação? O primeiro, que remete ao que Lesourd aborda como o gozo da carne, é marcado pelo choque daquilo que Lacan denomina de *lalíngua* com o corpo. Esta é a língua antes da organização léxico-gramatical, algo prévio e disjunto da estrutura simbólica da linguagem. Podemos compreendê-la como “o significante operando fora de sentido” (MANDIL, 2014, p. 1).

A *lalíngua* diz respeito ao irrepresentável da linguagem, à parte real da língua. Há um choque traumático de *lalíngua* com o corpo que promove, em um acontecimento de corpo, a emergência de um gozo desarmonioso (arcaico). Nas palavras de Monteiro (2012), observamos que existe:

[...] uma desarmonia original que não pode ser reparada, o que, com Lacan, podemos falar de *troumatisme*. Com esse neologismo, Lacan condensa *trou* (furo) e *traumatisme* (traumatismo), querendo, com isso, realçar o estatuto de furo (*trou*) do trauma provocado pela linguagem. (MONTEIRO, 2012, p. 111).

Desse encontro traumático, resultam duas importantes noções que serão abordadas de modo mais aprofundado no capítulo **A parceria amorosa como um sintoma**: o furo (vazio) e o gozo. Desde já, enfatizamos que esse acontecimento de corpo faz emergir, de um lado, um efeito de mortificação e, de outro, de vivificação do corpo. A mortificação, no sentido de simbolização, possibilitará a constituição de uma borda com o corpo-ego. A vivificação, por sua vez, relaciona-se com a “carne palpitante” – como se refere Mandil (2014) – do corpo-gozo.

O inconsciente, nessa linha de raciocínio, é entendido como uma elucubração de saber sobre os vestígios deixados pelo choque de *lalíngua* sobre o corpo. Os sinais da *lalíngua* podem ser observados no balbucio de crianças, o qual não tem a função de comunicação. “Há uma cifração de gozo, pois ele é constituído de significantes que não fazem apelo a nada.” (MONTEIRO, 2012, p. 112).

É apenas com o assujeitamento à linguagem, em sua dimensão simbólica, que há uma limitação desse gozo arcaico e a emergência de um gozo que é do corpo. Essa distinção se faz necessária a partir da noção de que o corpo e sua imagem são um efeito da significantização de parte desse gozo e são constituídos, mais propriamente, no que Lacan conceituou como o

Estádio do espelho.<sup>9</sup> Neste, diante da antecipação do olhar e das palavras do Outro materno, a criança passa a se reconhecer através da imagem especular de um corpo estruturado (ou da imagem de outra criança de idade semelhante), antes mesmo de sua apropriação da fala (LACAN, 1949/1998).

A imagem de um corpo estruturado, no entanto, é uma ilusão, visto que o organismo continua sendo fragmentado e caótico. Então, o que faz com que haja um laço entre essa imagem de unidade corporal e o corpo fragmentado? Segundo Brousse (2014), esse laço é estabelecido a partir das zonas erógenas do corpo, ou seja, daquilo que está relacionado com as experiências de gozo. Essas zonas “grampeiam” o organismo ao corpo e esse grampo, por sua vez, é denominado por Lacan de objeto *a*.

Nesse sentido, podemos compreender que o objeto *a* não é especularizável, visto que não pode ser abarcado pela linguagem. Ele está relacionado com o que vivifica o corpo, que não pode ser simbolizável, de um resto que persiste. Possui duas faces: tanto o vestígio do desejo do Outro como do gozo arcaico, e evidencia a falta (o vazio), enquanto impulsionadora do desejo (LESOURD, 2004).

É possível perceber que o assujeitamento à linguagem ocorre a partir da alienação ao desejo do Outro materno. Ao articular essa operação com o falo – significante do desejo e, portanto, dessa falta –, aquele que exerce a função materna possibilita ao sujeito o acesso aos primeiros significantes do Outro (SIQUEIRA, 2018). Esse momento, portanto, marca tanto o domínio do registro imaginário como também a introdução do simbólico, no sentido do atravessamento da rede significante no corpo da criança.

A referência ao falo é fundamental para a entrada da criança naquilo que Freud denominou de Complexo de Édipo, que, posteriormente, foi reinterpretado por Lacan a partir de três tempos. Essa operação evidencia a passagem da posição infantil de ser o falo para a promessa de tê-lo. O modo como tenha sido a sua vivência terá grande influência na transição da infância à adolescência como convocação para que o sujeito possa assumir uma posição desejante.

Inicialmente, a criança se identifica com o que se supõe ser o objeto do desejo materno suscetível de preencher sua falta, o falo. O desejo da criança se faz como o desejo do desejo da mãe. O surgimento de uma questão em torno de ser ou não ser o falo anuncia um segundo momento do Édipo. Com a introdução de um terceiro, como função paterna, passa a existir

---

<sup>9</sup> Abordaremos mais adiante essa noção, que se refere ao processo de constituição do sujeito.

uma mediatização da relação mãe-criança. Se, de um lado, a mãe é privada desse objeto, de outro, a criança é interdita e frustrada da tentativa de preencher esse lugar (DOR, 1989).

Diante dessa intervenção, o terceiro tempo do Édipo caracteriza-se como um momento em que a criança compreende que o desejo da mãe está submetido à lei do desejo do Outro, sendo este o pai, portador ou não do objeto do desejo: o falo. Assim, a criança descobre não ser o objeto de desejo da mãe e que ambas não detêm o falo, “dando-se conta de que ela o deseja lá onde ele é suposto estar e onde torna-se, então, possível detê-lo” (DOR, 1989, p. 87).

A criança aceita renunciar à sua posição a fim de poder obter no futuro esse objeto reservado aos adultos, visto que a mãe pode a ele ter acesso por meio do desejo direcionado ao pai. Dessa forma, o Édipo se refere não apenas à diferença dos sexos, mas também à diferença de gerações. Imaginariamente, a criança acredita que os adultos têm acesso ao gozo. Nessa perspectiva, as questões atuais referentes ao esfumaçamento da diferença de gerações acarretam consequências significativas no sentido de que todos estariam, equivocadamente, aptos a gozar, não apenas os adultos (LESOURD, 2014).

A organização psíquica infantil se dá, então, a partir da referência ao masculino e segundo o princípio fálico-castrado, que é também sujeito-objeto. A criança, ressalte-se, não ignora a diferença dos sexos, mas ela se dá de acordo com esse princípio. Por meio de tal organização, são construídos sintomas e fantasias que, provisoriamente, “pacificarão” as pulsões. A fase de latência se refere a esse momento, o qual antecede a puberdade (STEVENS, 2013).

### 2.3.2 A passagem da infância à adolescência

Na puberdade, os sintomas e as fantasias aos quais nos referimos se tornam ineficazes para darem conta do novo acontecimento do corpo. De acordo com Lesourd (2004), há um retorno daquilo que remete ao gozo arcaico na imagem do corpo, consciente e inconsciente. Esse retorno faz vacilar as identificações anteriores, relacionadas com as questões do Complexo de Édipo e a promessa de obtenção do prazer por meio do falo.

O sujeito passa a pôr em questão a possibilidade de se obter esse objeto de desejo e de atingir um gozo pleno, uma satisfação total. Revela-se que as satisfações, na verdade, são sempre parciais e não existe um objeto para se atingir o gozo. A obtenção do falo, portanto, é da ordem do impossível, pois é puro significante. Assim, dizemos que a lógica fálica e monossexuada (castrado – não castrado) já não funciona mais para esse novo momento.

Será necessário que o sujeito se posicione diante do seu processo de sexuação, reconstrua sua relação com o prazer e seu(s) sintoma(s), além de reorientar sua fantasia. A falta passa a ser o elemento norteador dessas reconstruções, o que faz com que o adolescente seja convocado a responder a partir de seu desejo e de sua singularidade. Para isso, precisará “encontrar uma língua” para dizer seu corpo nas palavras de Lacadée (2017). Nessa convocação o sujeito precisará prescindir de seu corpo de criança e de sua língua da infância, o que torna difícil dizer sobre esse acontecimento.

A dificuldade no dizer do adolescente se refere ao fato de que o real que emerge na puberdade está fora do discurso, da lógica fálica. Isso significa que a vivência da sexualidade será sempre estrangeira em virtude de não poder ser falada (LACADÉE, 2017). O termo Outro sexo de Lacan, nesse sentido, refere-se ao encontro com um gozo Outro que está fora do discurso, sendo não-todo e denominado de feminino.

De acordo com Lesourd (2004), o gozo Outro remete ao gozo desarmonioso decorrente do choque de *lalíngua* no corpo, ou melhor, aquilo que sobra desse gozo arcaico após ser atravessado pela lógica fálica edipiana. Dessa forma, o sujeito adolescente será marcado por um duplo registro de satisfação: um registro relacionado com o prazer ou gozo fálico e outro referente ao gozo Outro ou gozo feminino. Passa a haver, portanto, uma organização orientada pela diferença adulta dos sexos: masculino e feminino. Ressaltamos que essa distinção não se refere ao gênero, mas a posições.

No encontro com o gozo na relação com o Outro sexo, o sujeito se abre para a experiência e para a questão da relação sexual. Essa vivência requer uma confrontação e uma indagação quanto ao saber vinculado a esse Outro sexo e um posicionamento referente ao saber sexual (que é sempre furado). Segundo Consenza (2015, p. 2), norteador pelas ideias de Stevens, “ao se fazer uma questão diante do saber sexual, pode-se pensar a adolescência como um sintoma da puberdade”.

No encontro com esse saber não-todo, o sujeito produz inicialmente uma construção fantasística inconsciente de que “existe a relação sexual”, em uma tentativa imaginária de buscar um complemento e se defender do real que se desvela. No segundo momento, há um confronto maior com esse real, diante da percepção de que a “relação sexual não existe”. Esse enunciado, construído por Lacan, significa que é impossível a obtenção de um objeto que produza uma satisfação plena, preenchendo a falta e produzindo uma complementariedade.

Apesar das transformações pubertárias, tanto no adolescente quanto no adulto, haverá frequentemente uma tentativa de reedição da fantasia infantil de complementariedade do sexo, por vezes, atualizada por meio do encontro com parcerias amorosas. Para a vivência da

sexualidade, entretanto, é necessário que o sujeito se confronte com a diferença no modo de gozar<sup>10</sup> do outro e com o fato de que não é possível existir essa complementariedade. É no paradoxo entre fazer existir a relação sexual e a sua inexistência que se dá o encontro adolescente com o Outro sexo (ROY, 2016).

Com base nessas compreensões a respeito do tempo lógico da adolescência, surgem alguns questionamentos a respeito da relação entre o encontro com o Outro sexo, no que diz respeito à sua dimensão real, e uma tendência a atuações. Como poderíamos refletir, portanto, sobre a antiga associação entre adolescentes e atos agressivos e violentos? No próximo capítulo, nos deteremos nesta questão.

---

<sup>10</sup> Abordaremos essa questão no capítulo sobre A parceria amorosa como sintoma.

### 3 AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA NA ADOLESCÊNCIA

“O opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos.”  
(BEAUVOIR, 1967, v. 2).

No segundo capítulo, refletimos sobre o lugar do adolescente na atualidade, por meio de uma contextualização histórico-cultural e de noções apresentadas pela teoria psicanalítica. Fizemos uma análise em que destacamos os significantes “limite”, “transitoriedade”, “ambivalência” e, fundamentalmente, “sexualidade”, tanto no que diz respeito à constituição do sujeito quanto à sua expressão no social.

Nessa contextualização é possível destacar também outro aspecto: entre os jovens, a expressão constante de comportamentos em forma de atos, quer sejam impulsionados por eles próprios, quer sejam introduzidos pelos ritos de passagem estabelecidos culturalmente. As maneiras de expressão desses atos são diversas: atos formais de iniciação, atos referentes à vivência da sexualidade, atos agressivos ou violentos, dentre outros.

Neste capítulo, enfatizaremos as noções de ato, de agressividade e de violência em sua relação com a adolescência. Essas questões estão bastante associadas à experiência dos jovens ao longo dos diferentes momentos histórico-culturais e também, especialmente, nos dias atuais. Por meio do sucesso de filmes e games violentos, além da marca constante dos *haters*<sup>11</sup> na internet, podemos observar quanto essas questões podem ser atraentes e permeiam a vida cotidiana.

Ressaltamos, como já explicitamos anteriormente, que o adolescente revela o mal-estar presente na cena familiar e no laço social. Não podemos esquecer que a história da humanidade é, frequentemente, contada a partir das revoluções e dos atos violentos, por exemplo, as duas grandes Guerras Mundiais, que são divisores do modo como a história do mundo é interpretada. Atualmente, o tema da agressividade e da violência tem sido motivo de debates e pesquisas científicas na tentativa de compreender o fenômeno que está bastante disseminado no espaço público e, particularmente, no espaço privado.

Lacan (1948/1998) sugere a importância de se entender a agressividade que está implicada em momentos de transição do sujeito, como o desmame, o Édipo, a puberdade, a maternidade, entre outros. Nessa direção, alguns questionamentos norteiam este capítulo: como poderíamos pensar na diferença entre agressividade e violência pelo referencial da

---

<sup>11</sup> O termo inglês *hater*, ou odiador, é utilizado para se referir a pessoas que, na internet, fazem comentários de ódio sem nenhum critério. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hater\\_](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hater_).

psicanálise? De que se trata a associação entre ato e adolescência? Como entender o ato agressivo ou violento na adolescência?

Destacamos também que o sujeito pode direcionar o ato agressivo e violento para si mesmo ou para o outro. Assim, submeter-se constantemente a uma cena de agressividade ou violência, como também praticá-la, vai revelar os impasses que dizem respeito a esse próprio sujeito. Por essa razão, pensamos ser fundamental fazermos uma problematização da polaridade existente entre vítima e agressor no discurso social.

Ao abordar as noções referentes à agressividade e à violência, parece inevitável nos depararmos com esse ponto de vista. Na atualidade, sabemos quanto é delicada essa problematização e, por isso mesmo, pensamos sê-la muito mais necessária. Em função da importância dessa problematização para nosso estudo, aprofundaremos essa questão em uma seção mais adiante. De partida, evidenciamos que, enquanto algumas áreas de atuação enfatizam o universal, a psicanálise busca escutar a singularidade de cada sujeito.

Decidimos fundamentar este capítulo, impulsionada por nossos questionamentos, fracionando-o em três partes. Primeiramente, faremos uma explanação sobre a diferença existente entre agressividade e violência, especificamente, na perspectiva da psicanálise Freud-lacanianiana. Posteriormente, abordaremos a associação entre adolescência e ato agressivo ou violento. Por fim, realizaremos algumas pontuações diante da problematização referente à polaridade vítima-agressor.

### **3.1 Noções sobre agressividade e violência em psicanálise**

O tema da agressividade, entendido como o ódio direcionado ao objeto, atravessa toda a obra freudiana e é abordado de diferentes formas: em função da resistência e da transferência que se apresentam na clínica, das formações sintomáticas, das brincadeiras infantis, dentre outras. Desde o princípio, está relacionado com o processo de constituição do sujeito, sendo algo próprio ao ser humano, embora expresso de modos e intensidades diversos de acordo com cada caso.

São muitos os textos de Freud que trazem contribuições sobre a agressividade, incluindo também a violência, desde um recorte metapsicológico àqueles que se referem mais diretamente à cultura. Não temos o objetivo de explorar todos eles, tampouco abarcar todo o tema. Por essa razão, escolhemos aprofundar-nos apenas em algumas partes da obra, as quais tratam de um ponto de vista mais relacionado com o nosso objetivo de pesquisa.

É importante destacar que, na obra freudiana, as noções de agressividade e de violência se misturam em muitos momentos. Em geral, o autor não se dedicou a elevar cada noção como um conceito em específico. Dessa forma, ao trabalharmos em seus textos, não faremos propriamente essa diferenciação. Deixaremos para mais adiante, quando inserirmos alguns pontos de vista do ensino de Lacan.

Segundo Birman (2006), no texto *Psicoterapia da histeria* de 1895, Freud já enuncia a questão da agressividade sob o aspecto da resistência dos pacientes. Por outro lado, em alguns casos clínicos, como o de *Dora* e o de *Hans*, enfatiza-a como aquilo que está por trás das produções sintomáticas. Observamos, dessa forma, que o tema foi sendo tratado desde o princípio de seus estudos, culminando na elaboração do conceito de pulsão de morte em 1920. Vamos seguir em seu percurso.

Até chegar ao dualismo pulsional de 1920, Freud fez diversas elaborações acerca da teoria das pulsões. No seu texto *Introdução ao narcisismo* (FREUD, 1914-1916/2010), parte dos conceitos de pulsões do eu ou de autoconservação e pulsões sexuais para construir a noção de narcisismo. Esta se refere ao originário investimento pulsional no Eu, em que, inicialmente, as pulsões estariam misturadas. Posteriormente, grande parte desse investimento vai ser direcionada aos objetos.

Freud destaca que não existe o Eu desde o princípio no ser humano, mas vai sendo desenvolvido no comecinho de sua vida psíquica, por meio do investimento pulsional, derivado da relação com o Outro.<sup>12</sup> Esse momento inicial é denominado de narcisismo primário, em contraposição ao investimento que retorna ao Eu posteriormente, entendido como o narcisismo secundário.

A partir do modo como é vivenciada e elaborada essa fase da vida, dão-se as escolhas de objeto e o surgimento das outras instâncias psíquicas. Nessa perspectiva, o conceito de narcisismo torna-se essencial para a compreensão de todo o processo de constituição do sujeito e do modo como são estabelecidos os laços sociais para cada um particularmente.

Em seu texto metapsicológico, *Os instintos e seus destinos*, Freud (1915/2010) trata de duas possibilidades dos destinos das pulsões: o “voltar-se contra a própria pessoa” e a “reversão no contrário”. Nesse momento do seu pensamento, o dualismo pulsional continua estabelecido entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu ou de autoconservação, mas já traz contribuições interessantes em torno da noção de agressividade.

---

<sup>12</sup> O narcisismo é conceituado como uma nova ação psíquica diante do autoerotismo. Destacamos que o próprio conceito de pulsão já pressupõe, em nosso entendimento, o atravessamento da relação com o Outro.

A alternância dos pares de opostos, como o sadismo-masoquismo, é apresentada como um modo narcísico de satisfação da “fúria” pulsional em que apenas há uma mudança de objeto, do eu ao outro e vice-versa. A mudança de objeto ocorre quando, narcisicamente, há uma identificação do outro como se fosse um outro eu do sujeito. Freud sinaliza que existe uma busca do eu em atormentar a si ou ao outro, enfatizando o lugar do próprio sujeito no que denomina “exercício de violência”. Além disso, afirma que a troca da posição de atividade ou passividade, nesse exercício, não sucede por completo de um lado ou do outro, mas subsistem simultaneamente e de modo ambivalente (FREUD, 1915/2010).

A “reversão no contrário”, conversão do amor em ódio, também carrega a marca da ambivalência, à medida que os dois, frequentemente, são dirigidos ao mesmo objeto. De acordo com Freud (1915/2010), o direcionamento do ódio ao objeto ocorre diante do primeiro momento do investimento narcísico. Nesse momento, algumas antíteses permeiam a dinâmica pulsional: a) eu – objeto; b) prazer – desprazer; c) ativo – passivo. É pertinente ressaltar que essas antíteses também coincidem entre si, não sendo independentes.

No início da vida, o indivíduo projeta para fora tudo que se refere ao desprazer e desloca para si aquilo que se refere ao prazer. Em uma segunda etapa, quando é atravessada a fase do narcisismo primário, o objeto passa também a ser amado. No entanto, pode haver uma colagem do amor ao ódio quando essa fase preliminar não for bem elaborada. Acrescentamos, é frequente a conversão do amor em ódio diante do rompimento da relação eu-objeto (FREUD, 1915/2010).

Freud afirma que o ódio excessivo, direcionado ao objeto, pode acarretar uma tendência à agressividade ou ao aniquilamento desse objeto. Desse modo, estabelece uma relação entre ódio e agressividade e, por outro lado, também faz uma associação de ambos com as pulsões do eu ou de autoconservação, em oposição ao amor e às pulsões sexuais. Assim, são plantadas as sementes para o novo dualismo pulsional que vai surgir em 1920.

Em *Além do princípio de prazer*, Freud (1920/1996) elabora uma junção entre as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais, constituindo a pulsão de vida em oposição à pulsão de morte, novidade que promove uma virada no entendimento do dualismo pulsional. Além disso, essa nova perspectiva promove maior ênfase às noções da compulsão à repetição e agressividade, que é novamente associada ao ódio.

O estabelecimento de uma relação fundamental entre as pulsões de vida e de morte surge com *O problema econômico do masoquismo* (FREUD, 1924/1996). Nesse texto, Freud destaca a importância dessa relação em direção à vida. Enfatiza que as pulsões nunca estão completamente separadas, mas podem variar em intensidade. A pulsão de vida agiria como

um apaziguador da pulsão de morte, sendo esta última também denominada de pulsão de dominação e vontade de poder nesse momento do entendimento freudiano.

Segundo Freud (1924/1996), o sadismo originário é acarretado quando uma porção da pulsão de morte está a serviço da pulsão de vida e é colocada para fora. Outra parte fica retida, dando lugar ao masoquismo originário. Nesse sentido, observamos quanto a noção de agressividade faz parte do processo de constituição do sujeito, sendo uma porção direcionada tanto para o próprio sujeito como para o objeto.

No emprego do termo originário, Freud destaca o papel da agressividade nessa constituição, sem a qual a morte prevaleceria no psiquismo, mas marca uma diferença do sadismo (propriamente dito) e do masoquismo secundário. De modo bastante relevante, implica o Eu no modo como direciona seus investimentos para si ou para o objeto.

Nesse ponto de vista, encontramos, no percurso freudiano, diversas citações que marcam sua posição de que há algo do sujeito que o atrai em determinadas escolhas de objeto. De modo direto, faz afirmações contundentes como “o verdadeiro masoquista sempre oferece a face onde quer que tenha oportunidade de receber um golpe”; em alguns casos, “uma forma de sofrimento foi substituída por outra e vemos que tudo quanto importava era a possibilidade de manter um determinado grau de sofrimento” (FREUD, 1924/1996, p. 96-97).

Tanto no sadismo como no masoquismo, observamos que as pulsões de vida e de morte não se apresentam puramente, mas estão sempre intrincadas. A depender do modo conforme estão conjuntas (fusão) ou disjuntas (desfusão), haverá maior ou menor expressão da agressividade, que também poderá ser escoada internamente ou externamente ao sujeito.

Em *O ego e o id*, Freud (1923/1996) trata de questões relacionadas com a agressividade entre as instâncias psíquicas. Como herdeiro do Complexo de Édipo, destaca quanto o Superego pode ser tirânico com o Eu em um posicionamento autodestrutivo. Por essa perspectiva, enfatizamos os efeitos do modo como são estabelecidas as relações familiares desde os primórdios, incluindo gerações anteriores que também deixam suas marcas na história de vida de cada sujeito.

Todo esse percurso freudiano torna possível a emergência de seus importantes textos, conhecidos pela abordagem sobre a cultura. Destacamos algumas contribuições de *O mal-estar na civilização* (FREUD, 1930[1929]/1996) perante o impasse provocado entre as exigências pulsionais e as intervenções diante da civilização. Freud enfatiza quanto a pulsão de morte, desintrincada da pulsão de vida, pode ser destrutiva e, ao mesmo tempo, como ambas fazem parte da constituição do ser humano.

De acordo com Freud, os homens

[...] são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo (FREUD, 1930[1929]/1996, p. 70).

A expressão da agressividade na civilização é apresentada de diferentes formas no texto, inclusive no que se refere a grupos. Freud (1930[1929]/1996, p. 118-119) chama de “narcisismo das pequenas diferenças” quando a coesão e o amor entre os membros de um grupo são facilitados, em virtude de as manifestações de agressividade serem direcionadas apenas para fora do grupo. Essa é uma questão bastante atual e pode ser observada nos grupos de adolescentes.

Nesse percurso na obra freudiana, compreendemos que o conceito de pulsão de morte promoveu uma virada no seu pensamento. O novo dualismo pulsional e, principalmente, a relação de fusão ou defusão estabelecida entre as pulsões trouxeram uma novidade importante para o entendimento da noção de agressividade em psicanálise. Como vimos, Freud destaca que todos possuem uma cota de agressividade, sendo singular a maneira como cada sujeito vai se haver com ela.

De que maneira o ensino de Lacan lança luz sobre uma distinção possível entre as noções de agressividade e de violência? A estrutura da linguagem, incluindo tanto o que a constitui como aquilo que fica de fora, é um campo norteador para tal diferenciação. Partiremos da indagação de Lacan (1954/1998, p. 376): “Acaso não sabemos que nos confins onde a fala se demite começa o âmbito da violência, e que ela já reina ali, mesmo sem que a provoquemos?”

Nessa indagação já podemos nos situar quanto aos seus direcionamentos ante essa problemática. Observamos que há uma estreita relação, por um lado, entre aquilo que a palavra alcança e a agressividade e, por outro, entre a impossibilidade de dizer e a violência. É certo que a palavra consegue, muitas vezes, fazer furo no sem sentido do real. No entanto, é na irrupção daquilo que ela não alcança que a violência emerge.

Ao realizarmos uma transposição dessa compreensão para os conceitos freudianos, poderíamos fazer uma relação entre a pulsão de morte, quando desintricada da pulsão de vida, e a violência. Nesse caso, sem o apaziguamento que a pulsão de vida proporciona, a pulsão de

morte se apresenta solta em seu caráter mais destrutivo, podendo ser direcionada para fora ou dirigir-se para o próprio sujeito.

Em seu texto *A agressividade em psicanálise*, Lacan (1948/1998) ressalta a linguagem como fundamento próprio da agressividade no momento em que a refere como uma “experiência subjetiva” e a distancia de qualquer perspectiva biologizante. Estabelece uma dicotomia entre intenção agressiva e tendência à agressão, que pode ser esclarecida por sua noção de identificação, a qual tem suas bases no conceito de narcisismo freudiano.

O processo de identificação é descrito por Lacan (1949/1998) por meio da fase denominada como estágio do espelho. No capítulo 2, sobre a adolescência, abordamos brevemente essa fase da vida, que consiste em uma transformação vivenciada pelo sujeito quando este assume uma imagem que lhe dá o contorno de uma unidade corporal. É dessa unidade que, embora seja uma ilusão, forma-se o Eu e se encobre o “desamparo original” do sujeito.

Como vimos, o estágio do espelho é marcado tanto pelo atravessamento da dimensão imaginária quanto da simbólica. Dessa forma, podemos dividir o processo de identificação em dois momentos. No primeiro, tem-se, como efeito, a emergência da unidade corporal, que diz respeito à instância do eu ideal e em que há maior pregnância da dimensão imaginária. Esse momento será a base para as demais identificações. No segundo momento, tem-se como consequência a constituição da instância do ideal do eu, em que há maior pregnância da dimensão simbólica.

Vale lembrar que todo esse processo ocorre a partir da alienação do sujeito ao desejo do Outro. Existe, assim, uma problemática do duplo especular, em que o eu se constitui pela identificação ao semelhante, o que acarreta certa intersecção entre o eu e o outro. No transitivismo infantil, em que a criança não consegue distinguir o que é seu do que é do outro, é possível evidenciar a “ambivalência estrutural” dessa relação, como descreve Lacan (1948/1998, p. 116).

Ao mesmo tempo em que há uma identificação e um investimento narcísico na imagem do semelhante, há também uma perspectiva do outro como rival. Dessa forma, o investimento erótico e a agressividade caminham lado a lado. Nas palavras de Lacan (1948/1998, p. 119), “a noção de uma agressividade como tensão correlata à estrutura narcísica no devir do sujeito permite compreender, numa função formulada com muita simplicidade, toda sorte de acidentes e atipias desse devir”.

É apenas na relação com o Outro, sustentada também pela dimensão simbólica, que é possível o sujeito direcionar suas demandas e articular o seu desejo, tendo em vista que se

constitui como Um, separado do outro. Assim, a questão da agressividade sempre permeará o processo de constituição do sujeito, mas, a depender de suas referências no campo do simbólico, haverá sua expressão em modos e intensidades diferentes.

Sobre essas referências, Lacan descreve o importante papel da instância do ideal do eu como apaziguadora da questão da agressividade, na medida em que procura mediar a normatividade pulsional e as demandas culturais. Podemos relembrar aqui, como já pontuamos no capítulo 2, quanto o atravessamento das diversas fases da vida, como a edípica, é fundamental para o modo como o sujeito vai se haver com as próprias questões e com os laços estabelecidos.

Nesse sentido, Lacan (1948/1998, p. 120) afirma:

[...] a identificação edípica é aquela através da qual o sujeito transcende a agressividade constitutiva da primeira individuação subjetiva. Insistimos em outra ocasião no passo que ela constitui na instauração dessa distância pela qual, com sentimentos da ordem do respeito, realiza-se toda assunção afetiva do próximo.

Com essa reflexão, retomamos a dicotomia lacaniana estabelecida entre a intenção agressiva e a tendência à agressão. Lacan (1948/1998) descreve a primeira como a agressividade que se expressa no “sentido simbólico dos sintomas”. Podem ser manifestações de raiva, fantasias de medo, reivindicações, ausências, culpas, dentre diversas outras. Todas têm em comum o atravessamento do simbólico, tendo como efeito o recalque e a formação sintomática. Podemos dizer, de outra forma, que há uma simbolização ou significantização do gozo.<sup>13</sup>

Na intenção agressiva, há um endereçamento ao Outro. Poderíamos dizer uma reivindicação? Lacadée (2020) relaciona-a com o *acting out*, a ser lido enquanto sintoma. Diante de uma escuta clínica, há a possibilidade de interpretação e a tentativa de dar um lugar ao sofrimento que está por trás dessa intenção. O autor afirma que nela está presente o mecanismo da negação, evidenciando o processo de recalque e, assim, a referência à palavra.

Por outro lado, a agressividade pode passar a ser violência em momentos em que as referências simbólicas do sujeito sejam pouco consistentes, digamos assim, ou vacilem por alguma fase da vida em específico, como momentos de passagem já descritos no início deste

---

<sup>13</sup> Trataremos mais adiante do conceito de gozo no ensino de Lacan. Utilizando-nos das noções freudianas, é possível fazer uma aproximação entre a pulsão de morte e o gozo embora não signifiquem a mesma coisa.

capítulo. Nesse caso, Lacan se refere à expressão “tendência à agressão”, quando emerge o real do gozo no qual as palavras estão ausentes.

Lacadée (2020) evidencia a relação entre tendência à agressão e a passagem ao ato. Dessa forma, não há espaço para interpretação, visto que essa tendência surge pela emergência do real, desarticulado da cadeia simbólica. Isso significa que há um abrupto surgimento da pulsão de morte. No entanto, na escuta clínica, é importante perceber se é algo durável ou constante, porque não está necessariamente ligado à psicose. De toda forma, há a indicação de sempre tentar articular o ato violento à dimensão simbólica.

Ressaltamos que a utilização de uma determinada nomenclatura – agressividade e violência, intenção agressiva e tendência à agressão, violência com palavras (marcada pelo simbólico) e violência sem palavras (irrupção do real) – vai variar de acordo com cada autor da psicanálise. O importante é apreender a dicotomia existente entre elas. Na discussão deste trabalho, escolhemos usar as denominações agressividade e violência.

Romildo do Rêgo Barros (2014) acrescenta que a violência pode ter a fala como sua manifestação, uma fala sem sentido. Esse é o caso do insulto, que é a irrupção do significante no real, o que pressupõe que está desarticulado da cadeia simbólica. Há, portanto, uma ruptura com essa cadeia. Podemos dizer que a violência se refere a algo que escapa à barra do recalque.

A violência surge diante do encontro com o real, sem a mediação do véu da identificação. Ondina Machado (2014) nos lembra que, em todo sujeito, há um ponto de real na trama fantasmática que pode ser tocado, desencadeando a violência que existe em cada um. É certo que as referências simbólicas, quando consistentes, proporcionam certo apaziguamento, se assim podemos dizer, do impacto desse encontro com o real. No entanto, não há ninguém livre dessa possibilidade.

De acordo com Laia e Caldas (2016), esse encontro com o real se refere a uma alteridade radical, não mais ao semelhante ou rival. Diante da emergência de uma angústia avassaladora, o sujeito se defende por meio da própria violência; ante o horror experimentado, pode agir no sentido de tentar eliminar esse objeto estranho e, muitas vezes, implica eliminar-se junto. Estamos falando tanto no sentido objetivo dessa afirmação como no sentido de se apagar enquanto sujeito de desejo.

Com essas explicações, surgem algumas indagações: o que faz com que a adolescência seja um momento de vida que está, frequentemente, associado aos atos agressivos ou violentos? Em que medida o encontro com o Outro Sexo tem sua importância

no desencadeamento de comportamentos em forma de atos? Como podemos relacionar essas questões com a atualidade?

### 3.2 A adolescência e os atos agressivos ou violentos

O discurso social estabelece uma associação entre a adolescência e comportamentos agressivos ou violentos. Vimos, no entanto, que essa associação não ocorre ao acaso. Em nossa contextualização do capítulo 2, observamos que a experiência dos jovens é permeada, muitas vezes, por atuações: *acting outs* ou passagens ao ato. Vale lembrar que o adolescente revela o que há de mal-estar no ambiente familiar e na cultura.

Ao ser pensada como um sintoma da puberdade, a adolescência é entendida como uma maneira de se haver com os efeitos das metamorfoses do corpo relacionadas com essa fase. Como abordado anteriormente, esses efeitos dizem respeito a aspectos objetivos e também, especialmente, subjetivos. Na verdade, como em uma fita de *möbius*, existe um entrelaçamento desses dois aspectos, não havendo como distingui-los.

Algo bastante importante a ser levantado é o fato de as identificações anteriores não serem mais suficientes para lidarem com essa fase da vida. Faz-se necessária a constituição de novos sintomas e fantasias (ou reelaboração das antigas), além da metaforização de identificações no laço social. Para que o sujeito, no entanto, consiga elaborar essa passagem, é fundamental apoiar-se em referências simbólicas anteriores.

Por ser um momento em que essas referências vacilam e o sujeito se depara com a emergência do real no encontro com o Outro sexo, compreendemos a adolescência como um momento em que há uma propensão ao agir. Nessa perspectiva, os atos podem ser compreendidos como um modo de lidar com esse real que irrompe, evidenciando o “desamparo original”, o qual será vivenciado em maior ou menor intensidade.

Em alguns casos, diante da falta de suporte simbólico, o sujeito pode colar-se a identificações imaginárias e atuar como uma maneira de se fazer existir mediante a alienação ao desejo do Outro. Entretanto, existe um paradoxo entre o se fazer existir a partir de atos e o se apagar, como sujeito, por meio desse mesmo agir. Isso porque “o sujeito está ausente de seu ato” (ROSA; VICENTIN, 2014, p. 46).

Como podemos compreender um ato? Miller (2014) destaca, norteado pelo ensino de Freud e Lacan, que um ato é sempre transgressivo, no sentido de que não esbarra na barreira do recalque ou, ao menos, consegue ultrapassá-la. Podemos fazer uma diferenciação entre um ato que foi falho, como o *acting out*, e um ato bem-sucedido, como a passagem ao ato. Ambos

têm em comum o modo precipitado de agir. Aqui não estamos nos referindo à ação motora, mas à ruptura subjetiva.

O ato vem no lugar de um dizer. Na carência de palavras, emerge em uma tentativa de se separar do Outro. É o atravessamento da dimensão simbólica – em seu enodamento com as dimensões imaginária e real – que faz com que um sujeito possa singularizar-se e se posicionar como desejante. As atuações da adolescência se tornam presentes em um momento em que o sujeito busca se distanciar dos pais.

Observamos, inclusive, que muitos jovens não se reconhecem em seus atos. Segundo Rosa (2016), ao invés da indagação “quem sou?” ou “o que querem de mim?” – próprias do endereçamento ao Outro –, existe a resposta “faço, logo sou”, em uma tentativa de se pôr à prova. No ato, há um retorno de significantes excluídos da cadeia simbólica, os quais remetem ao choque de *lalíngua* sobre o corpo. Quanto a essa questão, Monteiro (2012, p. 100-101) sinaliza: “quando é o gozo que comanda, estamos no terreno de *lalíngua*, que está aquém de qualquer articulação.”

O agir torna-se um impasse quando não ocorre de modo pontual, revelando quanto as identificações anteriores podem ter sido petrificantes e apoiadas, principalmente, em uma fragilidade do enodamento das três dimensões. Em situações mais graves, as metamorfoses da puberdade podem deixar o sujeito desnordeado em virtude de uma perda de toda referência identificatória anterior, que já era precária. Pode-se, assim, expressar a violência em uma passagem ao ato.

É possível pensar que, quando o sujeito não é marcado pela “violência” da inscrição do significante na cadeia simbólica, ele passa a atuar violentamente no próprio corpo ou no corpo do outro. Percebe-se que, diante da ausência de palavras, é no corpo que se expressa a abrupta irrupção do real da pulsão de morte. Ao se confrontar com um gozo sem limites, isto é, sem o apaziguamento simbólico, o adolescente encontra, na atuação, a sua defesa.

Destacamos o lugar da história de vida do sujeito como fundamental em seu modo de subjetivar a passagem adolescente. Drummond (2013, p. 169) aborda a questão das violências maternas e afirma que, muitas vezes, “a agressividade do filho é uma resposta à violência da mãe”. Como uma forma de se fazer existir, fazendo barreira a essa mãe, o adolescente pode passar a fazer graves atuações.

Nessa mesma direção, Miller (2014, p. 12) afirma que “a criança não desejada pode sentir uma vocação para o desaparecimento”. Como será a experiência de um adolescente que carrega a marca do não desejo em sua história de vida, lembrando que é por meio do desejo e do reconhecimento do Outro que o sujeito se faz existir? É possível que haja uma tendência a

cometer *acting out* ou passagem ao ato, tanto se submetendo a uma situação de agressividade ou violência como também as praticando.

Pretendemos destacar com isso que o sujeito não está isento do que se passa no contexto familiar e social. Ele revela, ao contrário, o mal-entendido ou o mal-estar presente nessas duas cenas. Atualmente, o modo de funcionamento do sistema capitalista – na sua maneira agressiva ou violenta de promover o apagamento do sujeito em sua posição desejante – empurra o adolescente a se confrontar frequentemente com os imperativos do gozo.

Como podemos relacionar a questão da atuação adolescente e a atualidade? Rosa (2016) chama a atenção para o fato de que o discurso do mercado fica travestido de discurso do Outro, capturando o sujeito em uma trama que não faz laço social. Isso significa que não diz respeito a uma dimensão simbólica e não consegue referenciar o sentimento de pertencimento do sujeito, tão importante na adolescência.

O discurso capitalista, diferentemente do que descrevemos como o fundamento e a condição de manutenção da civilização, não impõe a renúncia da pulsão. Ao contrário, promove um imperativo de gozo que exige “determinadas relações com a demanda, sem se dar conta de que, ao fazê-lo, sustenta sobretudo e em primeira mão, a pulsão de morte” (ALBERTI, 2000, p. 8). Em muitos casos, sem o suporte simbólico do laço social, o adolescente pode perceber-se lançado à própria sorte.

Paradoxalmente, os laços sociais – ao menos em princípio – possuem uma função fundamental de esvaziamento do real de gozo, visto que estabelecem regras de convivência com o outro. “Sem esse enquadramento, que é cultural, e, portanto, simbólico, a inclinação do homem é tratar o outro como seu objeto de gozo e saciar suas pulsões eróticas e de morte.” (QUINET, 2012, p. 47). Essa é a lógica da violência.

Na atualidade, o discurso do mercado impulsiona sua indústria por meio do consumo da agressividade e da violência. Na contabilização jornalística de um número estatístico, em um filme de sucesso, um novo game ou “uma treta de *haters*”, esse tema ganha contornos sensacionalistas entre diversos públicos, mas, principalmente, entre os jovens. De modo ambíguo, na mesma medida que se tem um olhar pejorativo que associa a adolescência a atuações, o discurso social atual retira da cena os sujeitos envolvidos, objetificando-os como um produto a ser consumido pela sociedade.

É imprescindível atentar para o fato de que objetivar a violência, levando em consideração apenas os fatos, sem escutar o que está por trás deles, ratifica esse comportamento e, possivelmente, produz muito mais violência (LACADÉE, 2020). Nesse sentido pensamos como Alvarenga (2013, p. 13), ao propor que “não se trata de acrescentar

mais uma política de vigilância para todos, mas de escutar, em cada sujeito, os índices de violência, se pudermos assim dizer”.

Diante do exposto, podemos compreender que a passagem adolescente pode deixar o sujeito em posição de vulnerabilidade, tanto no que se refere a praticar atos agressivos ou violentos como ser endereço dos atos de outrem ou, ainda, a vaguear entre essas posições. Escutar o adolescente na condição de sujeito, e não como reduzido a suas atuações, torna possível ajudá-lo a se haver com esse real que insiste em retornar, causando certo horror.

Destacamos que a utilização do referencial da psicanálise abre possibilidades, visto que não opera com os fatos objetivos, mas enfatiza o lugar do sujeito desejante. Nessa direção, pensamos ser imprescindível a problematização da polaridade existente entre vítima e agressor, tão presente no discurso social de nossa época. O que esperar de um sujeito que está fixado em uma posição de agressor ou de vítima?

### **3.3 Problematizando a polaridade vítima-agressor**

Nosso ponto de vista se refere à ideia de que, quando um sujeito faz atuação colocando-se em situações de agressividade ou violência, não significa que ele esteja posicionando-se apenas em um lugar ativo de quem as pratica. Queremos dizer com isso que as atuações podem também estar relacionadas com um lugar passivo uma vez que o sujeito pode expor-se a circunstâncias de risco.

Em toda a construção das seções 3.1 e 3.2, tivemos a pretensão de destacar que, diante da emergência do real do gozo, alguns adolescentes se defendem mediante atuações, que podem ser tanto do lugar de vítima como do lugar de agressor. Pensamos que ambos os polos dizem respeito à mesma dinâmica de funcionamento. Em muitas situações, inclusive, há uma alternância desses dois polos.

A escuta da psicanálise visa a auxiliar o sujeito, diante de seu sofrimento, a se haver com suas questões. Dessa forma, vai de encontro ao discurso social da atualidade que tem por objetivo estabelecer lugares fixos de vítima e de agressor, o que apenas legitima as posições, deslegitimando, no entanto, quem as ocupa, o que inviabiliza o reposicionamento de cada sujeito. Produz, portanto, um ciclo de violência.

O discurso social concebe a vítima como a única que merece atenção e cuidado, enquanto o agressor deve ser criminalizado e punido. Atravessado pelo discurso capitalista, em que “vale tudo contanto que o sujeito não se dê conta de sua posição de sujeito senão como engano do eu, onde ele se engana de querer aquilo que o capitalista quer que se queira”

(ALBERTI, 2000, p. 7), coloca-se tanto a vítima quanto o agressor em posição de objeto. Essa lógica substitui o desejo pela demanda do mercado.

Nessa direção, Rosa (2016) afirma que a vítima corre o risco de transformar sua trajetória pessoal em uma busca incessante por uma proteção absoluta, de acordo com a dinâmica do narcisismo primário. A autora faz referência ao texto de Freud *Bate-se em uma criança*, no qual há a compreensão de que “o filho se assujeita à imagem do pai soberano em nome da garantia ilusória de ser mais amado que os irmãos” (FREUD, 1919/1996, p. 148).

A polarização entre “agressor” e “vítima” remete a processos primitivos da constituição do sujeito. De acordo com Freud (1925/1996, p. 267), a diferenciação entre o eu e o objeto, entre o interno e o externo, passa por um momento em que “o ego-prazer original deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom, e ejetar de si tudo quanto é mau. Aquilo que é mau, que é estranho ao ego, e aquilo que é externo são, para começar, idênticos”. Como já descrevemos, embora haja uma tentativa de separação nesse momento, ainda persiste uma indiferenciação entre o eu e o objeto.

A partir de uma concepção imaginária análoga de que o negativo está fora, o sujeito que se posiciona como uma “vítima” se fixa em um lugar superinvestido narcisicamente, em que agressividade e erotização caminham juntas. Em uma dinâmica especular, posicionar-se como “vítima” requer, em contrapartida, o encontro com um agressor. Da mesma forma, remetendo-nos à dialética hegeliana do senhor e do escravo, é o lugar de escravo que garante o do senhor.

Nos lugares bem definidos da polarização, resta à “vítima” satisfazer-se imaginária e narcisicamente em uma condição de objeto em que o sujeito é silenciado. O agressor, por outro lado, não ganha espaço nem de fala. Não há, portanto, implicação subjetiva e a elaboração do vivido torna-se precária ou inexistente. Como pensar na influência dessas noções na escolha de parcerias amorosas entre os adolescentes?

#### 4 A PARCERIA AMOROSA COMO SINTOMA

“Emprestai-me a parte do vosso corpo que possa satisfazer-me um instante, e gozai, se isto vos agrada, da parte do meu que pode ser-vos agradável.”

(Marquês de Sade)

No capítulo 2, sobre a adolescência, pudemos refletir sobre como o encontro com o outro tem uma grande importância tanto no que se refere ao processo de constituição do sujeito quanto ao seu lugar em cada momento histórico-cultural. Nesse sentido, observamos que há um atravessamento do individual no coletivo, do singular no universal, e vice-versa. Como descreve Freud (1921/1996), a psicologia individual é, em uma perspectiva mais ampla, a psicologia social.

Especificamente sobre a expressão no social, constatamos as infundáveis maneiras de dizer sobre as parcerias amorosas. Da arte à literatura, passando pela mitologia e pelas mais variadas ferramentas tecnológicas atuais, deparamo-nos cotidianamente com trabalhos e experiências que abordam o tema (NOTENSON, 2014; VIEIRA, 1999; ZALCBERG, 2010). Na escuta clínica, não é diferente. Com bastante frequência, é o centro da fala e da queixa de muitos sujeitos. É comum, por exemplo, que o sujeito aborde os impasses decorrentes dos mal-entendidos característicos da relação a dois, diante de dois dizeres diferentes que não se complementam.

Para a psicanálise, norteadas pelas contribuições de Jacques Lacan, as parcerias amorosas podem revelar o que há de mais singular em cada um. Consideramos que, no mais além do dizer, elas se dão inconscientemente e se referem mais ao próprio sujeito do que ao outro. Em cada parceria, é possível indagarmos: o que há do sujeito que o fez se sentir atraído pelo outro? Diante de tantas pessoas, por que fez particularmente essa escolha amorosa? Por que um sujeito faz, muitas vezes, parcerias amorosas tão semelhantes?

O encontro a dois pode ser contingente<sup>14</sup> no sentido daquilo que cessa de não se escrever, mas não está livre de consequências nem de uma importante implicação subjetiva. Além disso, observamos que a repetição sintomática de um mesmo traço de identificação nas escolhas amorosas revela o caráter de necessidade de cada uma delas, no que não cessa de se escrever. E o que há de impossível no encontro a dois? Abordaremos, mais adiante, que as

---

<sup>14</sup> Ao longo deste capítulo, faremos referências a três importantes noções abordadas por Lacan (1972-1973/2008), a partir das modalidades de Aristóteles: a contingência, aquilo que cessa de não se escrever, que remete à dimensão do encontro; o impossível da relação sexual, no que não cessa de não se escrever; e a necessidade, como o que não cessa de se escrever, que diz respeito ao que se repete no sintoma e na fantasia.

parcerias amorosas podem ser uma maneira de fazer suplência ao impossível referente à questão da relação sexual.

Com essas reflexões, vamos em direção oposta a outras perspectivas que se apresentam no discurso social, embora apostemos na importância e na função particular de cada uma. Isso porque algumas perspectivas universalizam os sintomas, enquanto a psicanálise os particulariza. A ética da psicanálise se fundamenta na questão: qual a sua responsabilidade na desordem da qual você se queixa? Não se tem o objetivo de culpabilizar o sujeito, mas de responsabilizá-lo diante de seu sintoma.

Nessa direção, temos o entendimento de que a parceria amorosa é uma maneira sintomática e singular que um sujeito encontra para lidar com o seu modo de gozo. Como pensar a respeito da noção das parcerias, tendo como enfoque a noção de parceiro-sintoma, enfatizada por Jacques-Alain Miller? Como é possível compreender o conceito de modo de gozo na teoria lacaniana através da marca da singularidade? Nessa perspectiva, de que se trata a ética da psicanálise no que se refere à responsabilização do sujeito? Tendo como ponto de partida essas indagações, surge outra reflexão: como podemos caracterizar as parcerias amorosas quando abusivas?

Neste capítulo, visamos esclarecer essas indagações a partir de cinco eixos: 1) sobre as parcerias em Lacan: do encontro com o outro/Outro; 2) o sujeito e seus modos de gozo; 3) o Outro como parceiro-sintoma; 4) as parcerias amorosas abusivas. Utilizaremos, como referência bibliográfica, alguns textos de Jacques Lacan, mas nos apoiaremos, também, em interpretações de seu ensino por parte de outros autores como Jacques-Alain Miller. Além disso, retomaremos e aprofundaremos alguns conceitos já abordados nos capítulos anteriores sobre o processo de constituição do sujeito.

#### **4.1 Sobre as parcerias em Lacan: do encontro com o outro/Outro**

A noção de parceiro-sintoma foi desenvolvida por Miller, ancorado no ensino lacaniano. Para chegar à elaboração dessa noção, o autor estudou três diferentes parcerias apresentadas na obra de Lacan: 1) a parceria imaginária; 2) a parceria simbólica; 3) a parceria do desejo.<sup>15</sup> Nessa perspectiva, o parceiro-sintoma surge como uma quarta possibilidade, estabelecida por meio da noção de modo de gozo.

---

<sup>15</sup> Essas são denominações de Miller (2011a) sobre algumas das parcerias presentes na obra de Lacan.

A que se referem essas parcerias? Ao longo de seu percurso, Freud fundamentou o processo de constituição do sujeito, tendo como norte a antítese entre o eu e o objeto. Nos capítulos anteriores, abordamos a importância e a referência a essa antítese em algumas passagens. Ressaltamos que, embora seja constituída por dois polos distintos, há sempre uma intersecção entre eles. Com base nesse conhecimento, Lacan desenvolve as primeiras parcerias, relacionadas com o processo de identificação do sujeito que é vivenciado na fase do Estádio do espelho.<sup>16</sup>

Lacan (1949/1998) propõe que se compreenda o Estádio do espelho como um momento fundamental do processo de identificação, em virtude da transformação que provoca no sujeito quando este assume uma imagem. Como dissemos no capítulo 2, sobre a adolescência, apesar de sua imaturidade motora, torna-se possível a apreensão de uma ilusória unidade corporal. Somente na aparência, existe a forma de uma unidade sem buracos, visto que, entre o sujeito e a sua imagem – uma *gestalt* exteriorizada –, há sempre um resto inassimilável. Além disso, a constituição dessa ilusão é marcada por uma condição alienante diante do desejo do Outro materno, pois ela se faz possível apenas mediante esse vínculo estabelecido (LACAN, 1949/1998).

A parceria imaginária se refere a esse momento de constituição do eu – que é antes de tudo corporal – e é estabelecida entre o eu e o outro, entendido aqui como o outro especular, semelhante, rival. Essa parceria está associada ao primeiro tempo do processo de identificação do sujeito e à composição do eixo imaginário. Ressalte-se que o eu é uma unidade imaginária que foi constituída a partir de um recorte, um contorno, no real (MILLER, 2011a).

A parceria simbólica, por sua vez, está ligada ao segundo tempo do processo de identificação e é composta pela relação entre o Sujeito e o Outro a partir de um eixo simbólico. O Outro é entendido como alteridade radical, lugar do código da linguagem e, portanto, diz respeito também ao social. Ele é um lugar ao qual o sujeito endereça uma mensagem e a recebe de volta em forma invertida. Em alguns momentos de seu ensino, Lacan afirma que o inconsciente é o Outro (DUNKER, 2016).

Nesse segundo tempo do processo de identificação, há o atravessamento da dimensão simbólica no imaginário. O sujeito é marcado pelos significantes advindos do Outro, e o acesso a esses significantes será o suporte de sua subjetivação. No entanto, o sujeito é marcado pela falta de um significante que possa representá-lo, dirigindo-se a esse Outro na tentativa de encontrar esse complemento. Há uma impossibilidade de que essa tentativa de

---

<sup>16</sup> Anteriormente, já destacamos alguns elementos relevantes que dizem respeito a esse momento. Neste capítulo, vamos trazer novamente essa compreensão sob o ponto de vista das parcerias.

complementação seja satisfeita, existindo, portanto, uma busca de reconhecimento. “A satisfação essencial que espera o sujeito é uma satisfação simbólica e esta espera o amarra, liga-o, à parceria simbólica.” (MILLER, 2011a, p. 263, tradução nossa).<sup>17</sup>

A parceria do desejo, por sua vez, é aquela em que se escreve a fórmula da fantasia. Como a satisfação por meio do reconhecimento não basta ao sujeito, essa parceria surge em uma tentativa de ele lidar com a falta mediante outro elemento, o objeto *a*. Esse objeto passará a ser o mediador da relação entre o sujeito e o Outro. Por essa razão, compreende-se que é uma parceria que tem como norte a questão do desejo (ZALCBERG, 2010).

A noção de parceiro-sintoma surge como a possibilidade de uma quarta parceria, sendo essa uma parceria de gozo. Nossa maior ênfase deste capítulo se concentra nesse conceito, visto que abordaremos a questão das parcerias amorosas nele. Por essa razão, vamos percorrer o ensino de Lacan no que diz respeito à sua concepção de significante, gozo e modo de gozo para, em seguida, determo-nos especificamente no conceito de Outro, enquanto parceiro-sintoma.

## 4.2 O sujeito e seus modos de gozo

Compreendemos que o modo de gozo se refere ao que há de mais singular em cada sujeito visto que se dá por meio da repetição na relação conjunta entre gozo e significante. Vale lembrar que a cadeia significante é formada a partir traço unário e sua decorrente marca, ou seja, baseada naquilo que faz com que o sujeito possa assumir-se como único.

Consideramos que abordar as noções de significante, gozo e modo de gozo é um caminho bastante vasto, que traz importantes reflexões sobre as parcerias amorosas. Decidimos começar por este caminho para seguirmos na direção do que as parcerias podem acrescentar-nos. Vamos aprofundar a seguinte questão: como o sujeito se constitui em sua singularidade e em seus modos de gozo? Para isso, fizemos uma divisão do texto em três pontos: a marca do significante, os paradigmas do gozo e a conexão entre significante e gozo: o modo de gozo.

---

<sup>17</sup> Na edição em espanhol: “La satisfacción esencial que espera el sujeto es una satisfacción simbólica y esta espera lo anuda, lo liga, a la pareja simbólica.”

#### 4.2.1 A marca do significante

As considerações trazidas por Lacan, fundamentadas nas elaborações de Freud, agregaram ao conceito de identificação um lugar de destaque, porque o processo de constituição do sujeito passou a ser pensado a partir da relevância da marca do significante e suas derivações. “[...] aliás, a possibilidade de esse sujeito se dizer em sua singularidade é dada pelo seu engendramento na cadeia significante.” (LACET, 2003, p. 55).

Podemos observar, facilmente, a importância dessa afirmação: quer seja diante da repetição de situações na vida do sujeito, como em escolhas amorosas que possuem um mesmo traço identificatório, quer seja por algo que foi “ouvido” e tomou o valor de uma verdade ou um enigma, influenciando o modo de o sujeito estar ou interpretar o mundo, incluindo suas escolhas conscientes e inconscientes. Como refletir, então, sobre os efeitos dessa marca significante?

Anteriormente, abordamos algumas noções a respeito do processo de identificação do sujeito. No segundo tempo desse processo, destacamos que o sujeito passa a ser marcado pelos significantes vindos do Outro, o que possibilita a sua subjetivação. Gostaríamos de enfatizar aqui a marca do dito primeiro desse Outro, insígnia de sua onipotência, que faz surgir o poder de potência do que se denomina como traço unário (SIQUEIRA, 2018).

O sujeito surge e se identifica como tal diante do efeito desse significante que é da ordem do Um e se chama unário. Lacan (1961-1962/2011, p. 47) enfatiza que o “Um como tal é o Outro”, visto que é no Outro que está dito. Isso porque é o Outro que nomeia e diz do sujeito, dando-lhe um lugar, nele inscrevendo um traço que o diferencia e o permite contar e ser contado (BARROS, 2015).

É importante destacar que esse segundo momento do processo de identificação é parcial e limitado, visto que se trata somente da apropriação de um traço isolado do Outro. Lacan (1961-1962/2011) se refere ao termo “fazer bastões” para evidenciar a marca da diferença desse traço. Mesmo com um grande esforço para se fazer linhas verticais rigorosamente semelhantes (bastões/traços), todas serão diferentes. Esse é o seu distinto valor.

Essa noção pode ser ilustrada por meio da alusão ao caçador pré-histórico que, em uma costela de animal, marcava com um traço cada caça sucessivamente realizada. Por sua vez, o Marquês de Sade também assinalava, em sua cabeceira, com pequenos traços, cada orgasmo sentido. As ilustrações são para demonstrar que a série de bastões aponta para a origem dos significantes, que servem para marcar a diferença em estado puro. Cada traço é

distinto do outro, mas a sua diferença não faz com que funcionem de modo diverso, e não se refere à qualidade (LACAN, 1961-1962/2011).

Mais especificamente, pode-se descrever em três tempos a composição do significante. Primeiramente, há a inscrição de um traço. Posteriormente, seu apagamento e sua rasura, que remetem ao conceito freudiano de recalque. No terceiro momento, o sujeito pode dizer-se a partir das marcas que lhes foram inscritas (LACAN, 2003). Isso significa que, inicialmente alienado ao desejo do Outro, o sujeito passa a se constituir como identidade única e separada desse Outro.

Destacamos que esse processo de constituição do sujeito se sucederá mediante a convergência entre os dois tempos da identificação, portanto, entre os campos do outro e do Outro. Embora os tenhamos abordado separadamente, ressaltamos que há uma articulação entre as duas formas de identificação – no primeiro tempo, a imaginária, e, no segundo, a simbólica – e é a partir dessa articulação, que o sujeito passa a se constituir.

#### 4.2.2 Os paradigmas do gozo

Além das dimensões imaginária e simbólica evidenciadas até aqui, há outros elementos fundamentais a serem destacados nesse processo: a noção de gozo e do resto desse gozo, o objeto *a*. Estas construções decorrem de um segundo momento do ensino de Lacan e trouxeram novos contornos para conceitos-chave da psicanálise, como o inconsciente, o sujeito e o Outro.

No começo de seu ensino, Lacan ressaltava uma primazia do simbólico sobre o imaginário. Com a construção das noções de gozo e de objeto *a*, deu-se lugar ao enodamento entre as três dimensões: imaginária, simbólica e real. O inconsciente passou a estar relacionado não apenas com a estrutura da linguagem e suas leis, mas habitado por uma pulsação, sempre a se abrir e a se fechar, o que significa que não é independente da pulsão (MILLER, 2015).

O conceito de gozo traz em si a noção de uma satisfação pulsional inconsciente geradora de uma incessante repetição. Lacan baseia esse conceito na concepção freudiana das pulsões, que tem como norte a ideia de um para além das necessidades e dos objetos de satisfação. Segundo Vieira (2000, p. 43), “a pulsão deve ser situada a partir da linguagem, como algo que circunscreve este real”, referindo-se ao que escapa à simbolização do corpo.

Convém lembrar que a satisfação pulsional, para Freud, é sempre parcial e não existe um objeto específico para essa finalidade. Foi no texto *Além do princípio do prazer* que Freud

(1920/1996) estabeleceu seu dualismo entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. Essas, por sua vez, não devem ser interpretadas somente como uma tendência à construção e à destruição, mas como um princípio conjuntivo e disjuntivo que se articulam (VIEIRA, 2000).

Sem essa articulação, não seria possível a vivência da sexualidade visto que significaria o desaparecimento do desejo, portanto, do sujeito, pois, diante de uma satisfação plena, não haveria espaço para o desejo em sua busca incessante por essa mesma satisfação. Por outro lado, como vimos, o sujeito se constitui como tal a partir do desejo. A fim de contribuir com essas questões, situam-se os ensinamentos de Lacan a respeito do gozo.

Segundo Miller (2012), a noção de gozo foi sendo construída e modificada por meio de diferentes paradigmas ao longo do ensino lacaniano. Ele assinala seis paradigmas, os quais estão em relação direta com as diversas elaborações de Lacan acerca das três dimensões. Suas modificações foram motivadas como uma tentativa de solucionar impasses teóricos e promover novos avanços. Compreendemos, no entanto, que eles não se anulam completamente. Em muitos momentos, superpõem-se.

É importante ressaltar que essas elaborações trazem, como consequência, a construção de outros conceitos da teoria lacaniana e as diferentes formas de se compreender a conexão entre gozo e significante, possibilitando a Miller o desenvolvimento da noção de parceiro-sintoma. Faremos, brevemente, esse percurso para facilitar nossa abordagem acerca desta última parceria. Inicialmente, trataremos apenas os cinco primeiros paradigmas, pois o sexto ganhará destaque em um tópico específico, em que descreveremos a noção de Outro enquanto parceiro-sintoma.

O **primeiro paradigma do gozo** tem a estrutura da linguagem como fundamento e a noção de Outro como o lugar da fala, do tesouro dos significantes. Enfatiza a autonomia do simbólico e a sua referência na estruturação do inconsciente. Tudo aquilo que estava fora da satisfação simbólica referia-se a uma satisfação imaginária, a qual foi denominada de gozo. Este, portanto, pertencia exclusivamente à dimensão imaginária (MILLER, 2012).

O **segundo paradigma** se sobrepõe ao primeiro porque alguns elementos da teoria, que antes estavam relacionados com essa dimensão, passam a ser articulados com o simbólico, como a fantasia, o falo e o gozo. Da significantização desse último, dá-se o conceito de desejo, que está relacionado com o significado metonímico decorrente do deslizamento da cadeia significante. É pensado como um desejo mortificado e articulado com o significante fálico (MILLER, 2012).

Como vimos, ao abordarmos a parceria simbólica, estabelecida entre o sujeito e o Outro, que tem como referência a estrutura da linguagem, o sujeito foi conceituado por Lacan

como um falta-a-ser, no sentido de que falta um significante específico que possa representá-lo. Esse sujeito é um corte da cadeia significante, aparecendo em um instante, e sua relação com o Outro só pode ser mediada pelo significante fático.

Apenas no **terceiro paradigma**, o gozo passa a ser atribuído à dimensão real. Faz-se necessária, aqui, uma separação entre prazer/homeostase (*Lust*) e gozo/excesso (*Genuss*). Além disso, constata-se que a fantasia e o desejo não conseguem abarcar tudo de que trata o gozo, promovendo a noção de que há algo que escapa às dimensões imaginária e simbólica (MILLER, 2012).

Consequentemente a essa concepção, Lacan (1969-1970/1992) faz referência ao objeto perdido de Freud e o aproxima da noção de objeto *a*. Este – assim como o *Das Ding* freudiano – refere-se a uma hiância, um vazio, em torno do qual o simbólico se estrutura. Quando nos referimos ao resto inassimilável entre o sujeito e sua imagem, no estádio do espelho, estávamos fazendo referência a esse objeto que, inclusive, é aquilo que dá consistência a essa imagem especular.

Enfatizamos o fato de que há a inscrição de uma falta, uma hiância, que jamais será preenchida “adequadamente”. Ao articular o objeto *a* com o falo, deixa-se velada a sua dimensão real, o que o torna um objeto imaginarizado e desejável. Os objetos investidos pela cultura são utilizados como seus substitutos na tentativa de tamponar o vazio. Dessa forma, por meio do simbólico, expressa-se o desejo, embora sua satisfação seja sempre parcial e sua busca incessante (VIEIRA, 2000).

No **quarto paradigma**, Miller (2012) ressalta a conexão promovida por Lacan entre o significante e o gozo. Para isso, ele lança mão dos conceitos de alienação e separação abordados anteriormente. O primeiro relaciona-se com o processo de recalque – associado à marca do significante e ao seu apagamento – e de identificação – considerando seus dois tempos –, visto que é pela alienação ao desejo do Outro que há a possibilidade do sujeito se constituir.

Por outro lado, a separação ocorre por meio da falta, gerada pela marca do significante, que promove uma resposta de gozo, no sentido de um entrelaçamento entre causa e efeito. Diante dessa operação, há a subjetivação do sujeito no sentido de se dizer em sua singularidade como separado do Outro. Nessa direção, Lacan estabelece uma relação entre o sujeito como falta-a-ser e o gozo produzido pela falta (MILLER, 2012).

No **quinto paradigma**, Miller afirma que Lacan nomeou de discurso a união das operações de alienação e separação. Essa modificação estabelece uma relação entre significante e gozo, e não de mediação como ocorre na fantasia, o que tem como

consequência a renúncia da concepção da autonomia do simbólico. Este passa a ficar a serviço do gozo (MILLER, 2012).

Desde essa virada lacaniana, o corpo passou a ser enfatizado não apenas como simbolizado, mortificado, mas como um corpo vivo e gozante. Isso porque a marca do significante produz dois efeitos: a significantização e a produção do objeto *a*, entendido aqui como um mais-de-gozar. Assim, ao mesmo tempo que “mortifica” o gozo, o produz. Existe sempre um resto que não pode ser simbolizado (MILLER, 2016).

Lacan (1969-1970/1992) constrói essa denominação de mais-de-gozar inspirado no conceito de mais-valia de Marx. De acordo com Silva (2019), o mais-valia é compreendido como o excedente negativo, decorrente da diferença entre o valor gerado e o valor pago em relação à força de trabalho. “Excedente, porque representa o valor criado pelo processo produtivo e apropriado pelo capitalista. Negativo, porque esse mais-valor só existe enquanto tal quando, renunciado, comanda uma nova série de diferenças significantes e gera uma nova apropriação de valor” (SILVA, 2019, p. 130-131). Trata-se, portanto, de um processo de repetição de excedente e renúncia.

Esse excedente negativo, quando norteado em relação ao mais-de-gozar, pode ser compreendido como um resto inassimilável, mas diz respeito à uma perda de gozo. Falamos em resto porque uma parte do gozo é mortificada ao ser significantizada e outra permanece como o real do gozo, que escapa à simbolização. Podemos referir-nos também em termos de excedente negativo, visto que esse real se refere à marca do significante, portanto, a um vazio, a uma perda.

O objeto *a*, em sua dimensão de perda, passa a ser aquilo que impulsiona o deslizamento metonímico da cadeia significante, o desejo. Nessa perspectiva, é conceituado como o motivo da articulação significante (o saber) e, assim, a causa da repetição. “A diferença a ser marcada é entre o significado, efeito variável do significante, e o objeto *a*, que aparece, pelo contrário, como uma constante do significante e, por isso, como o motivo e a causa da repetição significante” (MILLER, 2005, p. 250).

Miller (2011b, p. 195) cria a expressão “ambíguo linguístico-libidinal” para falar sobre o objeto *a*. Nesse sentido, assinala que “o objeto *a* é um amboceptor entre desejo e gozo. Para mostrar isso, nada melhor que essas duas definições trazidas por Lacan ao longo do tempo: ele o define tanto como mais-de-gozar quanto como causa do desejo”.

Se, de um lado, o objeto *a* se torna a causa do desejo, de outro lado, o significante é a causa do objeto *a* e, portanto, do gozo. Dizemos, assim, que o significante tem uma incidência de gozo no corpo. Vale lembrar que a articulação significante, nomeada como o saber, remete

às origens do choque de língua no corpo e, mais adiante, à constituição do traço unário. Nesse sentido, Lacan (1969-1970/1992, p. 50) afirma que “esse saber mostra aqui sua raiz porquanto na repetição, e sob a forma do traço unário, para começar, ele vem a ser o meio do gozo”.

#### 4.2.3 Conexão entre significante e gozo: modo de gozo

Com base no conhecimento abordado até aqui, como podemos pensar na noção de modo de gozo? De acordo com Miller (2005, p. 173), essa noção perpassa implicitamente pela ideia de um tipo particular de satisfação, uma “tendência a gozar da mesma maneira”. Uma questão que pode ser levantada: diante de tantos significantes do Outro, por que houve a marca específica de um traço ou outro? Qual a razão para que determinado termo tenha tanto valor para um sujeito?

Há de se ponderar sobre o caráter da contingência, considerando a singularidade da trajetória de vida de cada um e de sua história familiar. Compreendemos, entretanto, que é possível haver uma retificação da posição de gozo do sujeito mediante, por exemplo, um processo analítico. Ao caminhar do contingente ao possível, o sujeito pode encontrar uma maneira de se haver com seu modo de gozo. Dizemos “se haver” porque há algo que se reitera e é da ordem do impossível, naquilo que não cessa de não se escrever.

Na clínica, escutamos os sujeitos e conseguimos captar que, repetidamente, tendem a se posicionar de uma mesma maneira nas diversas parcerias amorosas estabelecidas ao longo da vida, o que diz respeito a um caráter de necessidade, daquilo que, como vimos, não cessa de se escrever. Diante de um tipo de satisfação inconsciente, o modo de gozo, colocam-se em situações que provocam – quase como se fosse inevitável – uma mesma inquietação ou sofrimento. Encontramos sujeitos que, frequentemente, entram em conflito; fazem parte de relacionamentos atravessados por um sentimento de exclusão ou rivalidade; paralisam-se diante do êxito e – por uma razão que “escapa” – tendem a esbarrar em impasses; estabelecem parcerias em que há um traço do outro que se repete, como se fossem um mesmo personagem.

Ao passo que o gozo está mais além do princípio do prazer, sempre insere um “tom” da dor ou do sofrimento, mesmo de forma pouco intensa. Vale destacar que gozo e prazer não coincidem. Na escuta clínica, é fundamental estar atento ao que se repete na história do sujeito e ao que remete a um mal-estar, a um sem sentido, a algo que escapa à interpretação. É provável que, se não há nenhum incômodo, dificilmente terá relação com o gozo.

Como um ponto de fixação, o modo de gozo diz respeito ao arcaico. Está vinculado à conexão do gozo e do significante, em cuja origem situa-se o traço unário. Dessa forma, dizemos que o modo de gozo está sempre situado na referência ao Outro. Lembramos que o mais-de-gozar impulsiona a repetição, como uma busca incessante, não para encontrar o objeto perdido, mas para encontrar o gozo desse objeto como esclarece Miller (2005).

Na atualidade, como abordamos no capítulo 3, há uma precariedade no enodamento da dimensão simbólica diante das características do neoliberalismo e capitalismo exacerbados, dentre outros aspectos. Assim, surge uma dificuldade em situar o modo de gozo da cultura a partir do Outro, deslocando-o em referência ao objeto *a*. De acordo com Velásquez (2016, p. 1, tradução nossa), “a imperfeita integridade do sujeito passa a ser responsabilidade do um a um e não do Outro”.<sup>18</sup>

Nesse sentido, o sujeito se vê no desamparo para lidar com a irrupção do real do gozo. Lacan descreve alguns modos de gozo da atualidade que propiciam a segregação ou a adoração, visto que “para poder situar nosso modo de gozo em relação ao Outro, é preciso estar separado dele” (MILLER, 2005, p. 154). Há, portanto, um imperativo de gozo, em que o mais-de-gozar e a exaltação narcísica são a referência.

### 4.3 O Outro como parceiro-sintoma

As noções referentes ao modo de gozo propiciaram uma abordagem que parte do foco no universal para o que há de mais singular no sujeito. Nesta seção pretendemos marcar a inovação de Lacan com base no que Miller considerou tratar-se do seu **sexto paradigma do gozo** e pensar sobre a quarta parceria possível: a noção de parceiro-sintoma, elaborada por Miller. Optamos por abordar em separado esse paradigma e essa parceria em razão da preciosidade de suas contribuições para a compreensão das parcerias amorosas abusivas.

Desde o *Seminário 20: mais, ainda*, Lacan (1972-1973/2008) faz um giro e modifica o conceito de linguagem, deslocando-o de originário para derivado, no sentido de deixar de lado a primazia do simbólico e tornar mais evidente a função do real no processo de constituição do sujeito. Essa modificação passa a situar a linguagem como um meio de gozo e traz importantes consequências para se pensar nos conceitos de inconsciente, sujeito e Outro.

Evidenciou-se, nessa perspectiva, a dimensão real do inconsciente. Se antes ele era conceituado como um dizer, desde então, passou a ser uma elucubração de saber sobre a

---

<sup>18</sup> No original: “La imperfecta integridad del sujeto pasa a ser responsabilidad del uno por uno y no del Otro”.

*lalíngua*.<sup>19</sup> Dizemos, a partir de então, que há o gozo da *lalíngua*. O gozo é do corpo e também da língua uma vez que o sujeito – constituído pelo significante – tem o corpo afetado pelo gozo. Como vimos desde a seção anterior, há uma relação entre o significante e o gozo, não existindo um, previamente, sem o outro.

Ao mesmo tempo em que se insere uma ênfase no corpo, na psicanálise lacaniana, destaca-se o gozo da linguagem. Esse gozo significa não apenas que, quando o sujeito fala, o significante mortifica o gozo, “mas também que o sustenta e não é somente sobre o seu próprio corpo que a palavra tem efeitos de gozo, mas também sobre o corpo do Outro” (MILLER, 2016, p. 87).

O sujeito, por sua vez, foi pensado como um *falasser* para evidenciar o lugar do corpo como uma substância gozante. Inicialmente como um falta-a-ser, era entendido somente mediante a noção de que um significante representa o sujeito para outro significante. Assim, excluía-se o corpo, e o sujeito estava destituído de gozo uma vez que este era todo mortificado pelo significante. Passou-se, entretanto, a considerar o sujeito e o gozo do corpo, incluindo-se também o seu resto (ZALCBERG, 2010).

Nessa perspectiva, Miller (2005) pontua quatro observações importantes apoiadas no ensino de Lacan: 1) o gozo está relacionado com a noção de corpo no sentido psicanalítico descrito; 2) se há uma conexão entre significante e gozo, concluímos que há sempre um Outro; 3) o Outro pode ser o corpo próprio do sujeito visto que é no corpo que são inscritos os primeiros significantes, inclusive o traço unário, dito primeiro desse Outro; 4) o corpo é uma substância afetada pelo gozo.

O que a emergência dessas quatro observações tem como consequência? O Outro se desdobrou como o lugar de gozo do sujeito e foi representado como um corpo vivo e sexuado.<sup>20</sup> “No encontro de palavras (do Outro) com seu corpo – isto é, no modo singular de inscrição do significante no corpo – é que algo do gozo se determina.” (ZALCBERG, 2010, p. 19). Dessa forma, o Outro ganha o lugar não apenas da linguagem e do desejo, mas também o do resto de gozo.

Destacamos, entretanto, que o Outro do significante não deixa de ter sua importância. É através do lugar no seu desejo e na sua fala que o sujeito se constitui. Além disso, como abordamos anteriormente, é a partir da marca do significante, em sua conexão com o gozo,

---

<sup>19</sup> Mais particularmente, a *lalíngua* “se constitui, pois, através das identificações que ordenam a sexualização a partir da relação à função fálica e à castração” (ZALCBERG, 2010, p. 19).

<sup>20</sup> Denominamos de sexuado a significantização, simbolização, através da qual o corpo advém no gozo (BISPO; COUTO, 2011).

que se verifica a sua singularização. As operações de alienação e separação, portanto, continuam a ser fundamentais, assim como as noções de falo e fantasia.

No desenvolvimento desse percurso, Miller (2016) enfatiza que o significante determina o regime de gozo do sujeito e, indo além, afirma que esse regime é a forma como o *falasser* se serve do Outro para gozar, de modo que o Outro se torna seu sintoma. Disso se refere à noção de parceria-sintomática, através da qual se dá a intersecção entre significante e gozo.

O sintoma, em Lacan, pode ser compreendido como um modo de gozar do inconsciente apesar de não ser a única possibilidade. Por essa nova perspectiva, ele deixa de ser apenas uma mensagem a ser decifrada, um enigma, e passa a ser um meio de gozo. Do gozo, não podemos desfazer-nos, mas – ao contrário – há maneiras diferentes de se haver com o próprio sintoma, sendo uma delas as parcerias amorosas.

Podemos falar, então, da fórmula de que não existe a relação sexual. “Ela quer dizer que o *falasser*, como ser sexuado, faz parceria, não no nível do significante puro, mas no nível do gozo, e essa ligação é sempre sintomática” (MILLER, 2016, p. 91). Nesse sentido, compreendemos que apenas se goza de si mesmo como se do outro se tratasse.

Um relacionamento amoroso, nessa perspectiva, pode ser pensado como uma maneira particular que um sujeito encontra para lidar com seu modo de gozo. Isso significa que o parceiro amoroso será apenas um meio sintomático de cada um se satisfazer no seu modo de gozo, o que implica não existir complementariedade, promovendo os mal-entendidos próprios da relação a dois.<sup>21</sup>

#### **4.4 As parcerias amorosas abusivas**

Pensar na parceria amorosa pela perspectiva do parceiro-sintoma legitima a necessidade de ouvir cada um dos envolvidos em seu lugar de sujeito. Do encontro a dois, destacamos o aspecto da contingência, mas ressaltamos que não é sem consequências. Dentre tantas possibilidades, o que faz com que um sujeito se sinta atraído, especificamente, por aquele outro? O que leva à repetição de relacionamentos amorosos em que exista algo de tão similar entre eles?

---

<sup>21</sup> Vamos utilizar o termo a dois para facilitar a escrita e a comunicação, embora saibamos ser possível estabelecer parcerias amorosas de diversas formas e com mais de um parceiro.

Compreendemos que o sujeito encontra no parceiro uma forma de atualizar algo “familiar” no que diz respeito a si mesmo. Podemos pensar em parceria amorosa do ponto de vista do que é êxtimo, ou seja, daquilo que é do exterior – do que é do outro – é íntimo ao sujeito. O conceito de modo de gozo, que inclui o sintoma como um modo de gozar, estabelece uma conexão entre gozo e significante descrita anteriormente. Dessa forma, remete à história de vida de cada um – que envolve, muitas vezes, os significantes advindos de gerações anteriores – e revela a parceria estabelecida com o Outro.

Como uma maneira de lidar com o real que emerge da fórmula “não há relação sexual” (LACAN, 1972-1973/2008), a parceria amorosa é estabelecida por meio sintomático. Quando atravessada pela dimensão simbólica do amor, pode ser uma forma de fazer com que o gozo condescenda ao desejo. Nas parcerias abusivas, conforme veremos, as palavras encontram pouco espaço diante de um gozo desenfreado a ser compartilhado.

Na elaboração do projeto desta dissertação, adotamos a noção de abusivo como o relacionamento em que os sujeitos envolvidos se alternam entre posições de excessiva dominação, submissão e/ou dependência diante do outro, podendo culminar em violência física, sexual e/ou psicológica. Ao longo de nosso percurso de pesquisa, construímos a concepção de que a parceria amorosa abusiva pode ser caracterizada como um relacionamento em que há uma pregnância de atuações.

Como descrevemos no capítulo 3, essas atuações podem estar associadas tanto a atos agressivos – em uma maior ruptura com a cadeia simbólica – como a atos violentos. Além disso, podem referir-se ao ato de praticá-la ou de se submeter à agressividade ou à violência de outrem, porque, vale lembrar, a parceria amorosa diz respeito a uma maneira que o sujeito encontra para gozar de si mesmo.

Em uma tentativa de fazer existir a relação sexual, o amor vem restabelecer a fantasia de complementação, de dois que se tornam um. Nesse sentido, Vieira (1999) esclarece que o amor é como uma miragem que faz existir a relação sexual, estabelecida por intermédio de um encontro contingente. Sobre essa contingência, Lacan (1972-1973/2008, p. 156) afirma que “não há outra coisa senão encontro, o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o traço do seu exílio, não como sujeito, mas como falante, do seu exílio da relação sexual”. Ratificamos, com isso, que a experiência da paixão em uma parceria amorosa diz respeito muito mais ao próprio sujeito do que ao outro.

Em *Os escritos técnicos de Freud*, Lacan (1953-1954/2009) categoriza as paixões do ser como o amor, o ódio e a ignorância, norteados pela tríade de Spinoza. O autor situa o amor na junção dos eixos simbólico e imaginário; o ódio entre o imaginário e o real; e a

ignorância, por sua vez, entre o simbólico e o real. Nesta seção vamos nos deter apenas nas questões referentes aos dois primeiros.

Ao ouvirmos falar em paixão, logo associamos ao excesso, ao sem limite e ao amor apaixonado tão presente na adolescência, mas que, obviamente, não se restringe a essa fase da vida. A paixão, de acordo com Lacan, pode levar o sujeito ao seu melhor ou ao seu pior. Nas palavras de Vieira (2012, p. 21), “ela confina, portanto, em seu extremo, com o gozo, não qualquer um, mas o de um prazer em sua face mortífera, que tanto é encontro quanto perda”.

A paixão não se esgota pelo saber, visto que há algo que está fora do campo da linguagem. O apaixonamento leva o sujeito a ter atitudes surpreendentes, no sentido do amor e do ódio uma vez que pode levantar o véu que recobre o real. O amor, enquanto paixão, é exemplificado por Vieira (2012) mediante a expressão “amor à primeira vista”, por seu caráter de captura imaginária. Embora se apoie nas imagens e nos corpos, o autor destaca que a paixão pode provocar uma ruptura da dimensão imaginária e fazer emergir o real que está em jogo.

As parcerias amorosas abusivas são permeadas por um amor paixão que se converte, muitas vezes, na paixão do ódio. É comum que, desde o início, haja a vivência de uma paixão intensa, em que os sujeitos se misturam, perdem-se de si mesmos. Embora esse sentimento seja comum no princípio de alguns relacionamentos, nas parcerias amorosas abusivas, ele passa a ser um aspecto predominante em toda a vida a dois. Este misturar-se pode ser compreendido diante da preponderância de uma identificação imaginária ao outro. Na dimensão imaginária, ressaltamos, revelam-se as rivalidades e a ambiguidade de sentimentos, como o amor e o ódio.

O ódio, segundo Dias (2012), é um fator que está presente antes mesmo que o sujeito possa advir, visto que se relaciona com a questão da frustração. Esta é fundamental para que o desejo da mãe exista e, ao mesmo tempo, não esteja direcionado completamente ao filho. Isso significa que o ódio está intimamente associado à condição do Outro e do sujeito, enquanto barrados. Nesse sentido, estamos falando de um aspecto constitutivo do ódio. O ódio está, portanto, no princípio. Lacan afirma que não existe amor sem ódio. A fim de evidenciar essa estreita ligação, constrói o neologismo *hainamoration*, “uma enamoração feita de ódio (*haine*) e de amor, um amódio” (LACAN, 1972-1973/2008, p. 97).

É interessante destacar que o ódio é uma paixão vivenciada no corpo, e não nas ideias, no sentido de que se expressa no entrelaçamento do real e do imaginário. Dias (2012) evidencia que o ódio pode ser entendido como uma forma de gozo e, assim, a dimensão simbólica tem por função barrá-lo. “A íntima conexão entre amor e ódio está na dependência

de uma atualização do simbólico e do imaginário” (DIAS, 2012, p. 35). Quanto mais há uma tentativa de se colar ao outro, complementar-se pelo outro, mais o ódio será expresso de uma forma destrutiva.

A distância existente entre o eu e o outro é bancada pelo atravessamento da dimensão simbólica, a qual possibilita o apaziguamento da emergência do ódio mais associado ao real do gozo. Em outras palavras, a mediação do significante fálico promove um limite da expressão voraz do enamoramento entre amor e gozo. Nos relacionamentos abusivos, podemos dizer, portanto, que há um “escancaramento” da relação constitutiva entre o amor e o ódio. Utilizamos a palavra “escancaramento” para enfatizarmos que esse tipo de parceria remete ao arcaico dessa ambivalência.

Ao passo que os sujeitos se misturam em suas individualidades, os processos arcaicos de diferenciação do eu e do outro ficam mais evidentes. De acordo com Freud, conforme vimos, essa diferenciação passa por um momento em que:

[...] o ego-prazer original deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom, e ejetar de si tudo quanto é mau. Aquilo que é mau, que é estranho ao ego, e aquilo que é externo são, para começar, idênticos. (FREUD, 1925/1996, p. 267).

Dessa forma, haverá uma tentativa do sujeito de rejeitar e destruir o que está fora, externo.

Nas parcerias amorosas abusivas, há um jogo do *ou eu ou o outro*, considerando-se que há dificuldade em compartilhar a experiência com esse outro. Para que haja um compartilhamento, faz-se necessária a preponderância do atravessamento da dimensão simbólica na relação, visto que instaura uma distância suficiente para que se possa legitimar o lugar de sujeito de cada um, enquanto diferentes e desejantes.

A expressão do ódio é consequência de uma precariedade na mediação simbólica do encontro com o real, que pode emergir em diferentes momentos da vida de um sujeito como, por exemplo, diante das metamorfoses da puberdade e dos desencontros próprios das parcerias amorosas. Em função dessa inconsistência simbólica, o sujeito se vê na inflação imaginária que reforça o eu e o investimento em uma posição narcísica (ROSA; ALENCAR; MARTINS, 2018).

Essa posição narcísica do apaixonado tem como características a tendência em reduzir o lugar do outro como alteridade e a construção de certezas, ante a suspensão provisória entre a barra que separa significante e significado. Como nos indicam os autores:

[...] o ódio suspende a divisão subjetiva, ou seja, permite que o sujeito se autorize a não ser barrado em seu narcisismo, que recuse pagar o quinhão de trabalho e de perda de gozo que lhe cabe para a pertença na sociedade. (ROSA; ALENCAR; MARTINS, 2018, p. 20).

Observamos que a intensidade com que os sujeitos vivenciam a expressão do amor e do ódio vai depender de todo o seu processo de constituição subjetiva e de como constituiu o seu sintoma, entendido aqui como uma maneira de cada um se haver com o seu modo de gozo. Os relacionamentos amorosos, portanto, podem tanto ser uma maneira sintomática de fazer com que o gozo ceda diante do desejo como, pelo contrário, a experiência de um gozo desenfreado vivido a dois.

Nas parcerias amorosas abusivas, em que há esse gozo desenfreado, a expressão do ódio pode ser percebida por diferentes formas em atuações referentes a atos de agressividade ou violência, além da emergência de emoções, como o ciúme, dentre outras possibilidades. A diversidade das expressões haverá, como afirmamos, a depender da consistência de uma mediação simbólica e até mesmo imaginária da relação.

Como nos lembram Rosa, Alencar e Martins (2018, p. 22):

[...] pôr em ato amor, ódio ou destruição é escolha e responsabilidade do sujeito – mas o ultrapassa. Põe em jogo de um lado a trama pulsional do sujeito e também a trama política, ideológica ou cultural de uma dada comunidade que sustenta tal ato.

No capítulo 5, vamos analisar como se desenvolvem as parcerias amorosas abusivas entre adolescentes na atualidade, a partir de um entrelaçamento entre a teoria e a realidade, que tomará por base a escrita de depoimentos, publicados por adolescentes em redes sociais.

## 5 A PAIXÃO EM ATO NOS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS ADOLESCENTES



Fonte: Goya y Lucientes (1797-1799/1991).

Este capítulo é dedicado à elaboração de uma tessitura entre a construção teórica – desenvolvida ao longo do percurso na pesquisa e apresentada nos capítulos anteriores – e os achados provenientes do campo de estudo. Ressaltamos que nosso ponto de vista interpretativo é um possível dentre vários outros. Como já destacamos, o tema das parcerias amorosas abusivas entre adolescentes na atualidade é bastante complexo, podendo ser abordado em diversas perspectivas e mediante diferentes metodologias.

Primeiramente, vamos contextualizar a escolha do campo de estudo, considerando nossos objetivos e os impasses que poderiam surgir em função do objeto da pesquisa. Explicitaremos também todo o processo de submissão e aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), os obstáculos encontrados e de que forma realizamos a coleta de dados. Em um segundo momento, lançaremos luz sobre o tema da escrita de depoimentos no mundo virtual. Abordaremos o assunto apoiando-nos em duas perspectivas: a tentativa de fazer laço social, no sentido de um endereçamento ao Outro, e a busca por uma identificação imaginária ao outro por meio de seu sintoma.

## 5.1 O mundo digital como campo de estudo

A escolha do campo de pesquisa justifica-se pela tentativa de prevenir algumas dificuldades e, ao mesmo tempo, enfatizar a variável da adolescência na atualidade. Optamos pelo mundo digital em razão de três aspectos: 1) a diversidade de depoimentos publicados que descrevem vivências em relacionamentos abusivos na adolescência; 2) a escrita em páginas da internet estar bastante associada ao cotidiano dos adolescentes; 3) a revolução tecnológica caracterizar, essencialmente, a atualidade.

De acordo com Arteiro (2017, p. 127), “evidencia-se que no contexto atual as tecnologias interagem com o sujeito, agem sobre ele e vice-versa. Tal dialética aponta que as realidades virtuais são participantes ativos e dinâmicos na construção subjetiva do homem contemporâneo”. Essa afirmação ganha uma dimensão, ainda maior quando falamos a respeito da adolescência.

Miller (2016), sobre a especificidade dessa época, aponta para uma autoerótica do saber no sentido de que esse não passa mais pelo campo do Outro. Há uma disponibilização automática do saber por meio de um simples comando dos equipamentos. Observamos, portanto, a importância que a tecnologia tem nos dias atuais. Diversas são as produções científicas que têm utilizado, cada vez mais, o mundo digital como campo ou objeto de estudo.

Como aspecto positivo dessa escolha, alguns autores consideram o mundo digital um espaço permissivo de experimentações uma vez que possibilita fantasias e vivências que não são aprovadas na realidade física (ARTEIRO, 2017). Por não necessitar do face a face, torna-se um campo em que são atualizados conteúdos conscientes e inconscientes com menor censura. Além disso, o mundo digital é um lugar privilegiado tanto no que se refere à quantidade como à voluntariedade e à espontaneidade dos depoimentos. Por outro lado, é preciso haver cautela quanto à autenticidade desses depoimentos, visto que podem estar relacionados com outros objetivos, como o apelo comercial e a manipulação de informações.

Levando em consideração os pontos favoráveis e as dificuldades desse campo de estudo, escolhemos realizar recortes de depoimentos sobre a vivência pessoal em relacionamentos abusivos publicados por adolescentes nos seguintes espaços virtuais: *Facebook*, *blogs* e revistas *on-line*, além da página de perguntas e respostas do Yahoo.

A busca realizou-se por meio de palavras-chave no Google e no *Facebook*, como “abusivo”, “tóxico”, “relacionamento + abusivo + adolescente” e “relacionamento + tóxico + adolescente”, além da combinação dessas palavras com “depoimento”, “relato” e algumas

idades exatas, por exemplo, “15 anos”, “16 anos”, “17 anos”. Encontramos um número enorme de depoimentos, inclusive, difícil de ser quantificado. Para se ter uma noção, ao pesquisarmos as palavras-chave “relacionamento + abusivo + adolescente” no Google, foram encontrados 2.500.000 resultados sobre o tema em geral.

Nessa procura, a maior dificuldade foi encontrar depoimentos em que estivessem descritas a idade dos sujeitos. Como a maior parte das publicações é feita de maneira anônima, os sujeitos comumente não adicionam essa informação. Ademais, tínhamos a restrição da faixa etária, o que reduziu bastante os achados. Muitos depoimentos descrevem relacionamentos iniciados na adolescência, mas são contados por maiores de vinte e um anos. Na pesquisa, decidimos utilizar somente o depoimento de sujeitos que estivessem na faixa etária de doze a vinte e um anos no momento da publicação dos textos.

Temos o entendimento de que um sujeito pode posicionar-se em uma dinâmica adolescente, digamos assim, embora esteja cronologicamente situado na idade adulta. No entanto, por se tratar de uma pesquisa científica, é fundamental a delimitação objetiva da faixa etária do público-alvo. De acordo com o artigo n.º 2 da Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 1990). Entretanto, no parágrafo único do mesmo artigo, afirma-se: “Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.” Optamos, com isso, por estender a faixa etária até os vinte e um anos.

As publicações utilizadas na pesquisa foram selecionadas conforme três condições obrigatoriamente atendidas: 1) que se referissem ao depoimento pessoal da vivência de um relacionamento abusivo, como caracterizamos no capítulo 4; 2) que estivessem de acordo com a faixa etária delimitada, a adolescência; 3) que fossem depoimentos publicados em domínio público.

O processo de coleta dos depoimentos teve a duração de três meses e realizou-se entre julho e setembro de 2019. Uma vez por semana, dedicávamos o dia, exclusivamente, para a navegação na internet em busca dessas publicações. Atendendo a todos os requisitos descritos, encontramos 24 publicações em domínio público nos seguintes endereços: nos grupos do Facebook *Ser baixinha é outro nível* e *Moça, seu relacionamento é abusivo*; na página de perguntas e respostas do Yahoo; no blog *Pergunte a uma mulher*; no blog *Não aguento quando*; no site *Buzzfeed*; no blog *Lamoonier*; no Facebook com

*#euviviumrelacionamentoabusivo*; além dos comentários postados em referência às publicações.

Ressaltamos que, na elaboração do projeto de pesquisa, tínhamos a pretensão de incluir depoimentos que estivessem tanto em domínio público como em grupos fechados do Facebook. Encontramos alguns grupos com essa formatação, que se referiam a relacionamentos abusivos. Para a utilização desses depoimentos, seria apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ao autor da postagem, bem como a seu responsável em caso de menores de idade. Por essa razão, submetemos o projeto ao Comitê de Ética de Pesquisa da Universidade Católica de Pernambuco, tendo sido aprovado em julho de 2019.<sup>22</sup>

A partir do trâmite referente às exigências éticas da pesquisa com seres humanos, conforme preconizam as Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, solicitamos a autorização de entrada em dois grupos fechados do Facebook. Nessa solicitação, esclarecemos nossa posição de pesquisadora e mestrandia além de termos explicitando a natureza da pesquisa. Uma vez participando desses grupos, chamou-nos a atenção as diversas postagens de uma mesma adolescente sobre seu namoro, descrito por ela como abusivo.

Entramos em contato com essa adolescente que, a princípio, autorizou a utilização de suas postagens em nossa pesquisa, mas não assinou o TCLE posteriormente. Embora não possamos fazer uso desse conteúdo, consideramos relevante discutir essa tentativa, uma vez que sua aceitação, seguida de sua recusa, levou-nos a pensar – ancorando-nos no objeto da pesquisa – no modo singular como essa adolescente estabelece as relações. Ademais, embora essa recusa da adolescente se apresentasse como um obstáculo a ser enfrentado, aquilo que se configurou como o inusitado da pesquisa pôde fornecer um material clínico importante de análise.

As publicações dessa jovem nos chamaram a atenção, primeiramente, por estarem de acordo com nossos pré-requisitos, por sua grande quantidade e porque diziam respeito explicitamente a uma ambiguidade<sup>23</sup> bastante comum nos relacionamentos abusivos: se, de um lado, ela perguntava às demais integrantes do grupo como poderia obter uma medida protetiva, por outro, procurava uma maneira de fazer barrar seu intenso desejo de encontrar o namorado. Ao ler suas publicações, foi possível perceber que o relacionamento era permeado por términos e voltas constantes.

---

<sup>22</sup> Número do parecer: 3.487.257.

<sup>23</sup> Vamos aprofundar essa questão ao longo deste capítulo.

Nosso primeiro contato foi pelo Instagram, por ser uma conta aberta que estava referida em sua página do Facebook. Apresentamo-nos, explicamos o objetivo da pesquisa e perguntamos se ela gostaria de participar. De imediato, respondeu positivamente e ainda nos perguntou se teríamos mais questionamentos a fazer. Explicamos sobre o desejo de utilizar suas publicações do grupo do Facebook e, como pré-requisito, a necessidade de autorização por escrito via TCLE. A jovem disse que não gostaria de envolver seus pais, por essa razão, só poderia autorizar quando fizesse 18 anos, o que ocorreria alguns meses depois.

Nesse período de espera para que completasse os 18 anos, acompanhamos suas postagens tanto no Instagram quanto no Facebook. Os conteúdos continuaram na mesma direção de idas e vindas, da mistura entre o amor e o ódio, de algo que oscilava entre o que era “tudo de bom” e o que era “tudo de ruim”. A própria adolescente, em alguns momentos, implicava-se no modo abusivo de seu relacionamento, afirmando que, em outras relações, também era muito “descontrolada”. Em outros momentos, colocava-se no lugar da vítima de um agressor.

Além dessas questões já descritas, as publicações evidenciavam a dificuldade de ambos se separarem. Aparentemente, nas idas e vindas, muitas vezes, foi o namorado quem tomou a iniciativa de romper a relação, o que era bastante difícil para a jovem. Claramente, na parceria amorosa deles, havia uma pregnância de atuações, ressaltando uma carência simbólica para lidarem com os impasses próprios da adolescência e da relação a dois.

Nas tentativas de diálogo com a adolescente sobre seu desejo ou não de participar da pesquisa, observamos uma repetição do movimento de idas e vindas do namoro: ora se entusiasmava com a possibilidade de participar, ora recuava e não respondia às mensagens. Quando estava namorando, o que era possível perceber pelo conteúdo das publicações, silenciava; quando haviam terminado, decidia autorizar a utilização das postagens.

Em uma única vez, disse que tinha receio de que o namorado descobrisse e terminasse o namoro definitivamente. Em outro momento, aceitou participar, mas não deu retorno depois que enviamos o TCLE para a obtenção de sua assinatura. Possivelmente, como na parceria amorosa, faltavam-lhe palavras para o diálogo e maior clareza quanto a seu desejo. O silêncio em ato, então, vinha como resposta. Foram quatro tentativas de comunicação até que desistimos de insistir nesse contato.

Após essa experiência, agregada às dificuldades em encontrar depoimentos que estivessem de acordo com nossos três critérios e fossem autorizados por seus autores e responsáveis – quando menor de idade –, decidimos concentrar-nos nas publicações encontradas nos espaços abertos, ou seja, de domínio público. Ao longo da pesquisa de

campo, observamos que essas postagens já evidenciavam bastante a dinâmica de um relacionamento abusivo na adolescência, não nos sendo necessária a utilização das publicações em grupos fechados.

Nas publicações encontradas em domínio público, já foi possível perceber uma repetição no modo como foram descritas as parcerias amorosas, inclusive, caracterizadas muitas vezes pelo significante “abusiva(o)”. A maior parte dos depoimentos relatou, com várias semelhanças, como se iniciou o relacionamento, quando começaram os atos de agressividade e/ou violência, o conteúdo dos conflitos, o início das vivências sexuais, dentre outras situações. Mais adiante, trataremos dessas questões.

Com o levantamento feito e a leitura de todos os depoimentos, optamos por realizar a análise dos 24 depoimentos encontrados mediante o que observamos nessas repetições. Desse número, apenas três são de homens, incluindo um homem transgênero. Grande parte dos depoimentos tem como autoras mulheres, hetero ou homossexuais. Achamos grupos fechados de homens sobre relacionamentos abusivos, mas só admitiam pessoas do mesmo sexo como integrantes dos grupos. Além desses, encontramos alguns depoimentos de homens maiores de 21 anos, por isso, não pudemos utilizá-los.

Qual a razão para existirem tão poucas publicações de homens? Ressaltamos que o discurso social estabelece uma relação entre mulher-vítima e homem-agressor. No entanto, é possível encontrar diversos grupos fechados, denominados *mulheres que amam demais*, referindo-se a mulheres que assumem como abusiva sua parceria amorosa, e grupos de *mães narcisistas*, que se referem a comportamentos extremamente agressivos em mulheres.

Há diversas indagações que poderíamos fazer sobre o porquê de haver menos publicações de homens, por exemplo: as mulheres têm maior hábito de escrever sobre suas vivências e emoções? Culturalmente, é mais aceito o relato de mulheres sobre aspectos emocionais e subjetivos da vida? Pelo fato de a pesquisadora ser mulher, haveria maior dificuldade em encontrar depoimentos de homens, visto que esses depoimentos, em geral, estão presentes em grupos fechados que somente aceitam homens como membros? Poderíamos tentar responder a esses questionamentos e elaborar outros, mas fugiríamos dos nossos objetivos.

O importante a destacar é que os depoimentos encontrados já dizem muito sobre as parcerias amorosas abusivas na atualidade. Optamos por utilizar a escrita dos adolescentes, que, em sua singularidade, permitem-nos pensar no coletivo. Para isso, por meio dos

significantes que sobressaíram nas publicações,<sup>24</sup> construímos 6 categorias de análise, nomeadas da seguinte forma: a intensidade de uma paixão; “o ciúme não é o amor” (LA ROCHEFOUCAULD *apud* LACHAUD, 2001, p. 21); a obsessão do *ou eu ou o outro*; um encontro entre corpos; uma pregnância de atuações; a implicação do sujeito e sua responsabilização.

Realizamos uma discussão a partir do entrelaçamento de nossa construção teórica e de alguns recortes dos depoimentos encontrados que estivessem em relação com as categorias. Como já dissemos, concentramo-nos naquilo que se repete, senão em todos, mas na maioria dos depoimentos. Antes de apresentarmos a análise, faremos, a seguir, uma reflexão sobre a escrita desses depoimentos no mundo digital, com base no que observamos, como uma tentativa de fazer laço social e também uma busca por uma identificação ao sintoma do outro.

Em uma cultura marcada pelo esfumaçamento da separação entre os espaços público e privado, não é incomum ver a intimidade de um adolescente exposta na cena social. Dessa forma, torna-se mais fácil ressaltar, em depoimentos individuais, algo da expressão particular da cultura atual. Mediante a repetição da maneira como são descritas as publicações, podemos lançar luz sobre interpretações a respeito da escrita de depoimentos no mundo digital.

Ressaltamos que, por serem publicações de adolescentes nos espaços digitais, os textos não estão de acordo com as normas gramaticais da língua portuguesa. Além disso, grande parte das palavras estão abreviadas, como é bastante comum nesses espaços. Escolhemos não fazer nenhuma correção nesse sentido, de modo que preservamos a escrita original que evidencia as características da adolescência e de onde foram publicadas.

## **5.2 A escrita de depoimentos no mundo digital**

Nossa primeira indagação ao ler os depoimentos foi: o que faz com que tantos adolescentes, atualmente, decidam escrever sobre suas experiências em relacionamentos abusivos? Consideramos que as publicações podem ser interpretadas por duas perspectivas: a tentativa de fazer laço social, no sentido de haver um endereçamento ao Outro; e a busca por uma identificação imaginária ao outro por meio de seu sintoma. Essas duas perspectivas estão presentes ao mesmo tempo na maior parte dos depoimentos.

A iniciativa de escrever sobre as vivências íntimas é um movimento bastante comum na adolescência, verificado no gosto pelos diários, agendas e, atualmente, nos relatos achados

---

<sup>24</sup> Numeramos os depoimentos encontrados e fizemos uma listagem, que se encontra anexa a esta dissertação, com o link de acesso a cada um.

na diversidade de meios digitais. A escrita surge, nesse momento, como uma tentativa de dar sentido ao real que emerge na puberdade (LIMA, 2005). Como sinalizamos no capítulo 2, sobre a adolescência, no encontro com o Outro sexo, há a necessidade de uma reconstrução da relação do sujeito com o próprio prazer e seu sintoma, além da reorientação de sua fantasia.

Em suas reconstruções e construções, o adolescente frequentemente recorre à escrita como uma tentativa de dar amarração àquilo que escapa à sua capacidade de simbolização. Ao que irrompe no real desordenado, fazendo vacilar as identificações anteriores e gerando a necessidade de um posicionamento diante da sexualização, a escrita vem como uma possibilidade de ordenação, contorno, por meio da linguagem. Não é à toa que a inspiração, comumente, surge em momentos de crise.

Especificamente sobre a escrita no mundo digital, destacamos os depoimentos pessoais sobre as parcerias amorosas abusivas que evidenciam tanto o que há de mais íntimo em cada um como o modo de estabelecimento dos laços sociais na atualidade. Como vimos, esses laços sociais têm a função de esvaziamento do real do gozo no sentido de que promovem certo apaziguamento pela via do simbólico.

Nessa perspectiva, compreendemos que os depoimentos são uma forma de escrita de si que trazem, muitas vezes explicitamente, uma tentativa de endereçar uma demanda ao Outro, pela via do outro. Os recortes a seguir podem ilustrar essa afirmação, a partir de como alguns depoimentos começaram a ser escritos e de que forma terminaram.

Não quero ser identificada, mas quero ler cada textinho que vocês botam nos comentários pra ver se essa sensação ruim passa. Ainda me sinto culpada.<sup>1</sup>

O que eu preciso fazer para resolver essas questões? Eu realmente não sei o que fazer.<sup>2</sup>

Me ajudem, eu tremo so de ouvir o nome dele. Açam que devo me preocupar ou viver minha vida?<sup>3</sup>

Ele aguarda uma resposta minha e eu não sei o que fazer, não tenho ninguém pra conversar!<sup>4</sup>

Podemos perceber, nesses recortes, quanto os espaços virtuais são usados, atualmente, como uma forma de estabelecer certa comunicação com o outro. As frases “quero ler cada textinho que vocês botam nos comentários para ver se essa sensação ruim passa” e “Me ajudem, eu tremo so de ouvir o nome dele” evidenciam como a escrita, nesse tipo de espaço, tem a particularidade de tentar estabelecer um laço social, diferentemente do que verificamos na escrita íntima de diários e agendas citados anteriormente.

A especificidade dos espaços virtuais consiste na possibilidade de, em cada publicação, qualquer sujeito fazer comentários a respeito. Desse modo, frequentemente se forma uma verdadeira rede social em que passa a existir um diálogo entre aquele que escreve e aqueles que comentam. Quando os adolescentes perguntam “Acham que devo me preocupar ou viver minha vida?” e “O que eu preciso fazer para resolver essas questões?”, eles, de fato, receberão diversas respostas objetivas. Estariam atrás dessas respostas ou há, em cada depoimento, uma demanda subjetiva direcionada ao Outro?

As publicações encontradas podem ser interpretadas como uma demanda ao Outro, pela via do outro. De acordo com Barros (2009), norteando-se pelas contribuições de Aulagnier, a demanda pode ser compreendida mediante três elementos: um demandante, um objeto demandado e aquele que responde. Por meio de uma mensagem, que implica o atravessamento da linguagem, o sujeito vai dirigir sua demanda ao respondente, que legitimará e reconhecerá essa mensagem.

Os depoimentos dos adolescentes no mundo digital são, muitas vezes, uma demanda escrita, em que está implícito um desejo de reconhecimento direcionado ao Outro. Isso porque o sujeito se constitui a partir de seu assujeitamento à linguagem, que se dá pela via da alienação ao desejo do Outro. O lugar de sujeito, portanto, é constituído mediante o reconhecimento desse Outro.

Poderíamos dizer que, no momento em que é necessário encontrar uma nova forma de dizer sobre seu corpo, alguns adolescentes fazem maior uso dos espaços virtuais por precisarem de uma legitimação, portanto, de um reconhecimento de seu lugar de sujeito? Diante de parcerias amorosas abusivas, em que o sujeito se confronta com impasses justamente para se posicionar como desejante, haveria maior necessidade de ter o seu lugar reconhecido pelo Outro?

É interessante observar que alguns adolescentes recorrem a esses espaços para lidarem com dificuldades de diálogo na vida pessoal, como pode ser constatado no recorte: “Ele aguarda uma resposta minha e eu não sei o que fazer, não tenho ninguém pra conversar!” Em diversos depoimentos, a afirmação de que “não tenho ninguém pra conversar” está presente. Muitos adolescentes se veem na solidão para enfrentarem as próprias questões, sendo os espaços virtuais uma forma de encontrar algum suporte.

Diante dos três recortes abaixo, inferimos quanto esses espaços podem ser uma maneira interessante do adolescente se utilizar do laço social, a fim de lidar com seu sintoma. As indagações a seguir seriam uma forma de legitimar ou encorajar decisões que já foram tomadas? A que diriam respeito?

Preciso de ajuda [...]. Não consigo terminar, por favor, me ajudem.”<sup>5</sup>

Posso denunciar? [...] ele veio me ver e eu recusei 1 beijo, ele voltou a ameaçar, e me forçou a transar com ele, disse que n era estupro pq n tinha usado força. Me obrigou a voltar com ele, terminei agr depois de 1 mes, e ele continua me ameaçando.<sup>6</sup>

Olá, quero compartilhar com vocês algo que ainda é muito difícil de falar, peço para n ser identificada. [...] Estou sendo forte o máximo q posso para não voltar atrás e voltar com ele. Queria mais explicações sobre isso e que tipo de problema ele pode ter e como ajudar a resolver, ele precisa de tratamento. Mas se for algo que vá me prejudicar, eu me escolho, entre ele e eu me prefiro mil vezes.<sup>7</sup>

Nos três recortes, podemos perceber que não se trata de obter soluções objetivas, visto que os sujeitos parecem sinalizar ou o desejo de romper o relacionamento ou de sustentar uma decisão já tomada. Diante de algumas ameaças, a segunda adolescente questiona: “Posso denunciar?” Será que ela estaria apenas na dúvida entre um sim e um não? Qual resposta esperaria receber após fazer um breve relato de seu relacionamento? Por sua vez, a terceira adolescente ressalta: “Estou sendo forte o máximo q posso para não voltar atrás e voltar com ele” e “se for algo que vá me prejudicar eu me escolho”. Após essas afirmações, será que ela estaria apenas em busca de “mais explicações sobre isso?”

As adolescentes não estariam, por meio do que é propiciado pelos espaços virtuais, em uma busca para fazer barra diante de seu modo de gozo? Essa indagação surge diante do entendimento de que a parceria amorosa é uma maneira de cada sujeito se satisfazer, digamos assim, em seu modo de gozo. Conseguir afastar-se ou separar-se de seu parceiro não seria uma forma de barrar o gozo desenfreado e compartilhado nesses relacionamentos?

Como abordamos anteriormente, pensamos que os depoimentos publicados nos espaços virtuais podem ser interpretados mediante duas perspectivas: a tentativa de fazer laço social, no sentido de possibilitar o endereçamento de uma demanda ao Outro, como explicitamos até aqui; e, o que é bastante atual, uma busca por uma identificação imaginária por meio do sintoma do outro, enquanto semelhante. Na inconsistência de um laço social que dê suporte simbólico ao que emerge na adolescência, os espaços digitais parecem possibilitar, em alguns casos, uma amarração a partir de uma pregnância da dimensão imaginária.

Essa segunda perspectiva fica evidente pela maneira como os adolescentes têm procurado identificar-se com, por exemplo, a *rastag*: #euviviumrelacionamentabusivo, dentre outras variações. Vieira (2010) introduz a questão de como o sintoma – entendido como o modo de gozar do inconsciente – está se tornando um traço identitário na atualidade. Para o autor, “o gozo excedente que anteriormente ficava escondido hoje vira identidade,

referência. O que são, por exemplo, as comunidades do *Orkut*,<sup>25</sup> senão uma espécie de reunião pelo sintoma?” (VIEIRA, 2010, p. 3).

Quando dizemos que o sintoma pode ser compreendido como um modo de gozar, estamos fazendo referência à sua conceituação, desde os últimos ensinamentos de Lacan, de que ele não se esgota como uma mensagem, mas tem “um tanto de gozo que pode ser lido” (VIEIRA, 2010, p. 1). Nesse sentido, o sintoma seria uma maneira de fazer suplência diante do confronto com a inexistência da relação sexual. Ao longo desta dissertação, chamamos as parcerias amorosas de sintomáticas por serem um modo de o sujeito lidar com o que emerge de real diante da diferença entre os sexos.

Dito isso, pensamos que o sintoma de viver um relacionamento abusivo, na atualidade, passou a ser fonte de identificação, e não uma mensagem cifrada que requer interpretações. O sintoma parece ter-se tornado um “traço identitário” (VIEIRA, 2010). Mais do que refletir sobre a implicação do sujeito ante uma parceria amorosa abusiva e tentar evitá-la, passou-se a gozar da identidade que esse sintoma proporciona. Nos recortes abaixo, podemos perceber que, mais do que pensar nas implicações e nas consequências desse tipo de relacionamento, alguns adolescentes procuram identificar-se com esse sintoma.

Apesar de muito nova, acredito estar em um relacionamento abusivo, namoro há um ano e 4 meses [...] Ultimamente tenho visto que ele faz mais mal pra mim do que bem, e tenho visto coisas sobre Relacionamento Abusivo, as vezes penso que estou em um, mas não consigo ter certeza! Não consigo falar sobre isso com ninguém, pq todos dizem que aceito isso pq eu quero! [...] nao sei oq fazer, me ajudem por favor! Estou em um relacionamento abusivo?<sup>8</sup>

Isso foi um relacionamento abusivo? Tenho 16 anos, e quando tinha 15 estive em um relacionamento abusivo, ele tinha 16 anos, acabei perdendo a virgindade com ele, e ele foi uma pessoa horrível, ele fazia ciúminhos com as amigas dele, me comparava a elas, coisas que eu disse uma vez que queria experimentar como puxões de cabelo e tapinhas, na cama, eram feitos fora dela, em brigas ou coisas do tipo.<sup>9</sup>

Sempre fica aquele ponto de interrogação isso era um relacionamento abusivo?! Ele se pôs tanto como certo que eu acabo acreditando nele de que está certo... Pois também foram momentos bons... Hoje me sinto bem e livre e me amando cada dia mais...<sup>10</sup>

Esses são alguns trechos dos depoimentos em que os adolescentes parecem buscar, a partir do significante *relacionamento abusivo*, uma identificação imaginária com o grupo por meio do sintoma. É possível observar que, em algumas situações, o questionamento que o

<sup>25</sup> As comunidades do Orkut eram espaços digitais usados, antigamente, de forma semelhante aos grupos do Facebook.

sujeito faz é sobre o fato de ter vivido ou não um relacionamento que pode ser denominado como abusivo. O próprio nome das páginas do Facebook e de hastags utilizam esse significante como modo de reconhecer seus integrantes, como *Relacionamento abusivo, liberte-se; Moça, seu relacionamento é abusivo; #euviviumrelacionamentoabusivo*.

A primeira adolescente afirma: “tenho visto coisas sobre Relacionamento Abusivo, as vezes penso que estou em um, mas não consigo ter certeza.” Por que seria importante ter certeza de que pode chamar o relacionamento de abusivo? Após todo um relato, ela percebe: “ultimamente tenho visto que ele faz mais mal pra mim do que bem”. Não seria suficiente essa percepção para que possa refletir sobre a parceria amorosa?

No segundo recorte, a adolescente lança a questão para o grupo: “Isso foi um relacionamento abusivo?”, ao mesmo tempo em que já afirma: “quando tinha 15 estive em um relacionamento abusivo”. Por que formula uma pergunta se já tem a sua resposta? Poderíamos inferir que, mais do que qualquer indagação a respeito de seu sintoma, ela busca se identificar com o grupo por meio dele?

É interessante observar que a terceira adolescente, mesmo diante do fim do relacionamento, afirma: “Sempre fica aquele ponto de interrogação isso era um relacionamento abusivo?!”. Como a maior parte dos depoimentos encontrados, o significante *relacionamento abusivo* aparece como uma necessidade do sujeito de ser reconhecido a partir do seu sintoma? A serviço de que está o seu ponto de interrogação?

Nessa busca por se identificar com o outro pelo sintoma, corre-se o risco de se perder a singularidade do sujeito. Para fazer parte do grupo e ser reconhecido como tal, emite-se uma mensagem, nas entrelinhas, de que é necessário ser igual. A fixação em uma determinada posição, portanto, acaba sendo a consequência de um modo de identificação que promove a cristalização. O reposicionamento diante de situações que acarretem sofrimento ao sujeito fica na ordem do improvável.

Podemos retomar, aqui, que o discurso social da atualidade – atravessado pela terceira fase do capitalismo e pela revolução tecnológica – lança os sujeitos que vivenciam parcerias amorosas abusivas em uma polaridade entre vítima e agressor. Passa-se a existir a necessidade de uma identificação colada a partir do sintoma, de modo que os sujeitos tendem a se definir mediante aquilo que está posto: você é uma vítima ou você é um agressor. Como afirma Alberti (2000, p. 7), o sujeito se engana “de querer aquilo que o capitalista quer que se queira”.

Quando associamos as consequências do discurso social atual e o trabalho psíquico necessário ao adolescente, compreendemos quanto a problematização da polaridade vítima e

agressor torna-se fundamental. Como ressaltamos no capítulo 2, sobre a adolescência, o processo de constituição do sujeito perpassa pelo lugar que este ocupa no desejo do Outro. Assim, há uma busca pelo reconhecimento desse Outro e uma decorrente indagação: “o que o Outro quer de mim?”

Um impasse pode ser colocado uma vez que o discurso capitalista é travestido de discurso do Outro. A depender do processo de constituição de cada um, em suas possibilidades de amarração das dimensões simbólica, imaginária e real, o adolescente pode seguir diferentes caminhos: conseguir apoiar-se no laço social e procurar sua singularização ou escorregar nas dificuldades de seu processo de subjetivação, buscando uma identidade em que permanece fixado na fragilidade das identificações imaginárias, que carecem de um suporte simbólico.

Diante das alternativas existentes entre esses dois caminhos, vamos continuar analisando os depoimentos encontrados e pensar sobre as reflexões que podemos fazer frente às parcerias amorosas abusivas entre adolescentes. Essa problematização inicial se fez bastante importante, visto que toda nossa discussão visa a compreensão dessa forma de relacionamento, legitimando um lugar de sujeito para os envolvidos.

### **5.3 A intensidade de uma paixão**

Já na primeira leitura dos depoimentos encontrados, é possível perceber que se trata de parcerias amorosas atravessadas por uma intensa paixão. A escrita desses depoimentos ressalta grandes semelhanças no modo como foram estabelecidos os relacionamentos. A seguir, apresentamos alguns recortes que destacam as primeiras idealizações decorrentes dessa paixão.

No começo ele me mostrou ser a melhor pessoa e ser alguém que ninguém nunca foi pra mim.<sup>11</sup>

Tudo começou quando eu tinha 18 anos quando conheci o Tiago (nome fictício), um homem de 27 anos maduro, romântico, carinhoso, tudo o que eu mais procurava em um homem. Quase todas as semanas recebia flores, cartas, era maravilhoso.<sup>12</sup>

Eu namoro tem uns 4 quase cinco anos, conheci ele com 15, e foi paixão a primeira vista, ele era perfeito, meu tudo.<sup>7</sup>

Bom conheci ele na academia e logo começamos a namorar o 1 ano foi mil maravilhas, ele me fazia bem e eu fazia de tudo por ele, colocava ele em primeiro lugar em tudo e acabava esquecendo de mim.<sup>13</sup>

Quando conheci meu ex namorado ele parecia o cara perfeito, serio, tipo aqueles caras de filme de romance! Ele era gentil, educado, cavalheiro, beijava bem, me respeitava... Comecei a namorar, apresentei ele pra minha família e todos adoraram ele!<sup>14</sup>

Esses recortes ilustram quanto a paixão se refere a uma captura do sujeito pela imagem do outro, como já destacamos. Há um aspecto do olhar, do especular no que indica a frase “foi paixão à primeira vista”. Nesse sentido, a paixão remete ao arcaico da posição narcísica, em que há uma inflação do imaginário e uma tendência à redução do lugar de alteridade, da diferença. Quando se trata de se apaixonar, portanto, evidencia-se que há mais da dinâmica do próprio sujeito do que se refere ao outro por quem se apaixonou.

Segundo nos indica Vieira (2012), o apaixonamento não se satura pelo saber, isto é, por uma dimensão simbólica. Há algo que escapa às palavras, promovendo uma intensidade que dá o tom constante de excesso e idealização, o que pode ser apreendido nas expressões utilizadas para definir o outro como “perfeito”, “a melhor pessoa”, “meu tudo”, “tudo o que eu mais procurava”. Tamanho é o seu deslumbramento, o próprio sujeito se apaga, esquece de si, o que é evidenciado em “colocava ele em primeiro lugar em tudo e acabava esquecendo de mim”.

É interessante destacar que as muitas utilizações do significante *tudo* – “ele era perfeito, meu tudo”; “tudo o que eu mais procurava em um homem”; “eu fazia de tudo por ele” – revelam o desejo de completude presente no amor da paixão. Essa completude, na verdade impossível de ser alcançada, visa a estabelecer uma fantasia de que *há a relação sexual*. Quando a jovem descreve o namorado como “alguém que ninguém nunca foi pra mim”, parece demarcar a busca por encontrar no outro aquilo que lhe falta. Enfatizamos que, ademais do aspecto imaginário da posição narcísica, existe algo que vai além e se direciona ao ser do outro. Nas palavras de Vicente (2016, p. 3), o amado “advirá no lugar da falta estrutural e se alojará nesse ponto inominável”.

A tentativa de construir uma fantasia de que *existe a relação sexual* cai bem para os adolescentes. Apaixonar-se, inclusive, é uma vivência que remete frequentemente à adolescência, embora possa ocorrer em qualquer momento da vida. Ao percorrer os espaços virtuais, encontramos inúmeros depoimentos de adultos que tiveram no passado ou ainda estão em relacionamentos abusivos que se iniciaram na adolescência. Não os utilizamos porque não estavam de acordo com os critérios da pesquisa, entretanto, chama atenção a repetição com que o estabelecimento desse tipo de parceria é associado à adolescência.

Perante o real que emerge na puberdade, cada adolescente vai precisar encontrar uma

maneira de lidar com as próprias questões, norteadas por sua história de vida, incluindo todo o processo de constituição subjetiva e seus atravessamentos daí decorrentes. As parcerias amorosas são uma forma sintomática encontrada para lidar com essas questões. No entanto, como nos lembra Vieira (2012), é necessário existir uma distância para que se possa sentir prazer. Vamos ver, mais adiante que, nos relacionamentos abusivos, o prazer vai dando lugar ao abuso.

Para alguns adolescentes – em que houve uma inconsistência no processo de constituição subjetiva tanto no que diz respeito às referências simbólicas e/ou, até mesmo, diante das identificações imaginárias –, o encontro com o Outro sexo pode causar horror diante do real que se apresenta sem possibilidade de simbolização. Dessa forma, se de um lado o real do gozo pode provocar uma evitação no estabelecimento de relações a dois, de outro, pode acarretar uma urgência em fazer parcerias amorosas em que a equação  $1 + 1$  tem de ser igual a 1, e não a 2.

Em alguns depoimentos, podemos perceber que, desde o início do relacionamento, já existiam muitos sinais de uma necessidade extrema em estabelecer uma equação do  $1+1=1$ . No recorte a seguir, observa-se que a própria adolescente percebeu que havia algo de “estranho”, em suas palavras, no outro, considerando-se também seu modo de aproximação. Entretanto, há algo dela mesma que se deixa ser fígada por esse outro.

Nossa história se iniciou há 11 meses atrás, quando o conheci por meio do Facebook, ele me adicionou e começamos a conversar, no início não passava de um amigo virtual, mas com no máximo 15 dias, ele começou a fazer declarações, e aparecia no meu trabalho e deixava presentes quando eu não estava lá, me observava de longe, pois eu trabalhava em uma loja, e com um tempo eu descobri q ele fazia isso com mais meninas, e deixei pra lá, entrei em um relacionamento.

Certo dia voltei falar com ele, e ele supôs o encontro, mas eu não compareci, pois o achava estranho, me surpreendi quando soube q ele tinha encontrado a minha residência e q me esperou até tarde da noite na porta de minha casa, nao voltei pra casa nesse dia, mas depois q soube fiquei com a culpa e fui atrás, ele me perdoou pela falha e marcamos outro encontro e de início já começamos a namorar.

Ele era incrível, eu jamais suspeitaria q ele não era aquilo q parecia ser, super romântico, companheiro e amigo.<sup>15</sup>

Ressaltamos que a descrição do que era “estranho” foi substituída por uma roupagem do “incrível”. O que haveria da própria adolescente que a fez ser capturada pelo “estranho”? Como afirmamos no capítulo 4, sobre as parcerias amorosas, há algo desse apaixonamento que diz respeito à singularidade da autora da publicação. Parafraseando Freud, será que o

estranho lhe foi “familiar”?

É interessante perceber que, embora a jovem diga que o parceiro “supôs” um encontro marcado, ela se desculpa e assume sua ausência como uma “falha”. Após esse evento, inicia-se o namoro. Em que o sentimento de culpa faz ressonância na adolescente? Nesse sentido, ratificamos a noção de que o encontro pode ser contingente, mas não é sem consequências. Há algo do sujeito que retorna diante da parceria com o outro. Dessa forma, dizemos que o sujeito descobre no outro uma maneira de tentar satisfazer o próprio modo de gozo.

Há outra pontuação a ser feita: quanto mais se deseja evitar o confronto com o real do *não há relação sexual*, mais se revela o impossível de uma completude. De acordo com Lima (2005, p. 6), “a impossibilidade de uma relação simétrica com o outro faz com que todo encontro seja um desencontro, que remete o sujeito ao desamparo fundamental e à não-completude, inerente a todos os sujeitos”. Nessa perspectiva, observamos que a paixão tem uma dupla face: ao mesmo tempo que remete a uma fantasia infantil de completude pode revelar, muito mais, o impossível dessa equação.

A frase “ele era incrível, eu jamais suspeitaria q ele não era aquilo q parecia ser, super romântico, companheiro e amigo” sugere a outra face da paixão, assim como o recorte a seguir que ressalta uma possível dialética entre o horrível e o perfeito. Esses dois significantes, inclusive, revelam os extremos da idealização.

Acho que esta havendo uma química rrsrrs mal sabia eu que aquilo era apenas o começo de uma relação HORRIVEL, é pode até parecer que ia vir aquela historia de que seria o namoro PERFEITO, aaaa mas não foi mesmo!<sup>16</sup>

Como nos esclarece Vicente (2016), o deslumbramento narcísico pode desvelar a pulsão de morte, o real. Isso porque o amor apaixonado não se esgota nas dimensões imaginária e simbólica, mas se direciona ao ser. A autora afirma que a mistura de amor e gozo promove um caminho que vai da fascinação ao aniquilamento, à destruição. É isso que constatamos ao longo da análise dos depoimentos encontrados. As parcerias amorosas abusivas são permeadas, em toda a sua duração, por esse jogo da paixão, não se tratando do amor mediado pelo simbólico.

Lacan nos ressalta que a paixão, a qual está relacionada com o ser do sujeito, pode levar ao pior e/ou ao melhor de cada um (VIEIRA, 2012). Sua face mais extrema revela o real do gozo, sem sentido e sem limite. Nas parcerias amorosas abusivas, em que dois se confundem por não haver uma distância no que se refere à mediação simbólica, que legitime os lugares de sujeitos de desejo, o amor da paixão pode converter-se na paixão do ódio. Mais

adiante, abordaremos algumas noções a respeito do ódio. A seguir, trataremos da questão do ciúme que está muito presente nesse tipo de parceria e é uma das expressões do ódio.

#### 5.4 “O ciúme não é o amor”

Antes de chegar ao extremo que faz com que o ódio se apresente em sua forma mais mortífera, a maior parte das publicações descreve que os conflitos no relacionamento tiveram início por cenas de ciúme. A princípio, os ciúmes diziam respeito à rivalidade com o outro, enquanto semelhante, e, posteriormente, foram ganhando nova roupagem. Entretanto, desde esse primeiro momento, foram interpretados equivocadamente como sinal de carinho, algo “fofo” e “aceitável”. Nos recortes abaixo, é possível observar o equívoco.

Conheci a pessoa com quem tive um relacionamento abusivo na balada e durou um ano e dois meses. [...] Acreditem ou não, no segundo encontro já começamos a namorar. No terceiro, o 'ciúme fofo' começou a se manifestar.<sup>17</sup>

Ele começou com aqueles ciúmes ‘focos’ que todo mundo gosta né, aquele VOCÊ É MINHA, mal sabia eu que as coisas iam piorar e de fofo iria para o ABUSIVO “abaixa esse short tem um monte de macho te olhando”, “quem é esse? Apaga agora da sua lista de contatos, só pode amigas”, “ com esse decote você não sai”, “ pra que andar toda arrumada assim?” eu achava que era só um ciúme bobo, fiquei completamente cega! Foi daí que as coisas pioraram [...] É, eu terminei enfim, não confunda ciúmes saudáveis com ciúmes abusivos!<sup>16</sup>

Depois de exatos 1 ano de namoro, pelo infeliz trote do destino ele se revelou a pior pessoa do mundo, primeiro começou com ciúmes dos meus primos (eu sou muito agarrada com eles, são meus irmãos mais velhos), até aí tudo bem aceitável. Depois começou com ciúmes dos meus colegas, e por aí foi. Até o momento exato quando ele começou a querer mandar meu jeito de ser, de início eu achei que fosse brincadeira, mas depois eu vi que começou a ficar sério.<sup>7</sup>

Nos depoimentos, fica evidente que, no mais além de um equívoco de interpretação, há uma aceitação e uma satisfação do sujeito diante do ciúme do outro. As frases – “o ciúme fofo começou a se manifestar”, “aqueles ciúmes focos que todo mundo gosta”, “até aí bem aceitável”, “achei que fosse brincadeira” – marcam essa nossa afirmação. Destacamos que o significante “ciúme fofo” sugere o princípio de relacionamentos em que está presente o enamoramento entre o ódio e o amor, no sentido de que sintetiza a noção do ciúme, enquanto expressão do ódio, e algo fofo, o qual remete ao amor. Essa percepção se refere tanto àquele que sente o ciúme quanto àquele que se satisfaz por meio dele, referindo-se, assim, em nosso

entendimento, à dinâmica do relacionamento.

Na descrição “mal sabia eu que as coisas iam piorar e de fofo iria para o ABUSIVO”, há uma constatação da ambivalência que o significante “ciúme fofo” condensa. Quando a estreita relação entre o amor e o ódio se torna atraente, o “abusivo” deixa de ser uma surpresa e passa a ser o provável. Esse recorte remete às palavras de Lacan (1969-1970/1992, p. 75-76) ao afirmar que “o gozo é o tonel das Danaides, e que uma vez que ali se entra não se sabe aonde isso vai dar. Começa com as cócegas e termina com a labareda de gasolina. Tudo isso é, sempre, o gozo”.

Como abordamos no capítulo 4, sobre as parcerias amorosas, o ciúme está sempre presente no processo de constituição do sujeito, mas o impasse surge quando não é possível elaborá-lo ao longo desse processo e passa a estar a serviço de uma satisfação decorrente do entrelaçamento entre amor e gozo. Para que o ciúme exista, é necessária a introdução de um terceiro elemento. Constatamos, dessa forma, certo atravessamento do eixo simbólico, pois é preciso reconhecer o outro como alteridade diferente do eu.

O ciumento é aquele que teve, e ainda tem, dificuldades em lidar com a lei simbólica instaurada, mais propriamente, no momento edípico. A depender de como cada um vivenciou esses momentos, o ciúme vai emergir em maior ou menor intensidade. Embora diga respeito àquele que sente e se revele como a expressão da própria agressividade, sua aceitação e satisfação também revela algo do outro. Há um consentimento mútuo no jogo *você é minha/meu e eu sou seu/sua*.

Esse jogo do possuir e ser possuída(o) – como em “aquele VOCÊ É MINHA” e “ele começou a querer mandar [no] meu jeito de ser” – evidencia que as paixões são dirigidas ao ser. Dessa forma, podemos refletir que essas parcerias abusivas estão relacionadas com uma posição subjetiva em que o sujeito sacrifica o próprio ser e/ou o do outro. A combinação entre amor e o gozo caminha para a destrutividade e a devastação.

É importante observar, nos recortes acima, que, na ausência de limites, os ciúmes vão ganhando maior intensidade, como nas palavras “eu vi que começou a ficar sério”. Segundo nos indica Vieira (2012), o ciúme em excesso pode acarretar atuações agressivas e violentas em virtude da ruptura com o registro simbólico e até mesmo o imaginário. No recorte a seguir, fica evidente essa possibilidade.

Com 3 meses veio a primeira briga, ciúmes de eu estar conversando com um amigo da faculdade, eu estava a esperar ele chegar para me buscar, foi um fiasco morri de vergonha de meu amigo.. até ai tudo bem ciúmes né sinal que ele me ama? O tempo passava os "ciúmes" aumentavam, já estava se tornando posse, queria que eu desistisse da faculdade, nao tivesse mais

amigos, roupas curtas nem pensar, acabaram-se as cartas, as flores, oq eu recebia era apenas ódio, palavrões, empurrões, chutes, me sentia inútil, sufocada, mas sem reação, pq ele me amava.<sup>12</sup>

Nessa situação, observamos que a dificuldade em lidar com os limites simbólicos está nas duas partes, cada uma considerando a sua individualidade. Tanto do lado daquele que sente ciúmes sem limites quanto do lado do sujeito que se submete a esse excesso, há uma certa carência de suporte simbólico que faça barreira ao real do gozo. A frase “o que eu recebia era apenas ódio” marca essa carência, visto que a expressão constante do ódio surge diante da suspensão da barra que instaura a divisão do sujeito e seus limites (DIAS, 2012).

Há o estabelecimento de um relacionamento em que sentir ciúme e amar ganha uma equivalência, como pode ser constatado em “ciumes né sinal que ele me ama?”. Essa equivalência, na verdade, escancara a íntima relação entre o amor e o ódio, um *amódio* tão presente nas parcerias amorosas abusivas. A própria autora da publicação escreve as frases “oq eu recebia era apenas ódio, palavrões, empurrões, chutes, me sentia inútil, sufocada, mas sem reação, pq ele me amava”.

Esse recorte também remete à associação feita por Lacan (1969-1970/1992), entre o gozo e o tonel das Danaides. Diante de um gozo desenfreado, há uma passagem dos “ciumes de eu estar conversando com um amigo da faculdade” para o sacrifício de que “nao tivesse mais amigos”. Há um silenciamento do lugar de sujeito que pode ser facilmente percebido em “me sentia inútil, sufocada, mas sem reação”. Algumas indagações nos ocorrem a partir deste relato: O que há de cada um no estabelecimento dessa parceria amorosa? O que fez com que se sentissem atraídos um pelo outro? O que do outro retornou como familiar ao sujeito?

Desde o princípio, o depoimento revela que o relacionamento foi permeado pelo ciúme constante, o que remete à sua ligação com o que emerge do real da pulsão de morte. Houve escolhas de ambos, com seus atravessamentos inconscientes e conscientes, em iniciar e em permanecer nessa relação. De modo geral, embora haja muito da influência histórico-cultural na maneira como resultam os modos de gozo, os relacionamentos amorosos não são impostos. Mais do que isso, são os sujeitos que os constituem com seus encontros e desencontros.

Ressalte-se que “não é, pois, o objeto que determina o ciúme; é o ciúme que o forma” (LACHAUD, 2001, p. 62). Nesse sentido, ratificamos a ideia de que o ciúme se refere ao sujeito que o sente, não estando associado diretamente às situações externas. Assumir para si o que é do outro é algo que verificamos nas parcerias amorosas abusivas. Há sempre um que pega para si o mal-estar que é próprio do outro. Aliás, está presente uma mistura entre “o que

é meu e o que é do outro”. No recorte abaixo, é possível verificar essa questão.

Estávamos namorando a um mês e foi quando ele teve o primeiro surto, falando que eu não iria, que eu iria falar de homens e ser influenciada por uma amiga minha que era puta etc... Brigamos feio, mas me senti culpada (pq quem namora alguém assim sabe que eles viram o jogo pra nós sermos as culpadas) e pedi desculpas... Passou mais um tempo, e eu reparava contatos sumindo da minha agenda do celular e ele sempre implicava com fotos que colegas de faculdade postavam no face e mandava eu apagar do meu facebook...

Ate que um dia entrei para uma prova da faculdade e me atrasei, ele invadiu a minha faculdade (...) ele pulou a catraca, empurrou um segurança e foi atrás de mim pelo campus! Quando ele me achou eu estava saindo do prédio (graças a Deus ninguém viu) ele berrava cmg afirmando que eu estava no bar, dando pra alguém!! Pegou pelo meu braço e me arrastou pro carro, onde passando HORAS brigando! Passou... Eu pedi desculpas...<sup>14</sup>

Nesse recorte, é possível observar algo que se repete na maior parte dos depoimentos encontrados: a busca por uma unidade, uma complementariedade, ocorre de modo tão intenso que o equívoco de um é revertido na culpa do outro. Em um pequeno trecho do depoimento, a adolescente repete, duas vezes, a frase “Eu pedi desculpas...”. Quem deveria pedir desculpas nessas situações citadas? Podemos dizer que há uma mistura entre a ação de dar e receber, no sentido de que dá ao outro o que desejaria receber?

Além dessa perspectiva, é fundamental pensarmos sobre o fato de que “quem namora alguém assim sabe que eles viram o jogo pra nós sermos as culpadas”. A culpabilização retira a adolescente do lugar de sujeito, pois não há brecha para a emergência do seu desejo, apenas para uma busca incessante em corresponder aos imperativos da expectativa de outro. Quanto mais existe culpabilização, mais haverá tentativas de se submeter a um outro. Consideramos que o que está por trás dessa dinâmica é uma posição em que se está submetido ao imperativo do gozo do Outro.

Nesse depoimento, chamou-nos a atenção a construção das frases por meio dos três pontos, como em “pedi desculpas...” e “passou... pedi desculpas...”. Poderíamos pensar que o silêncio dos três pontos surge no lugar de reflexões? Essa construção ganha o tom de uma resignação, no sentido de uma submissão ao outro ou aos acontecimentos da vida? Haveria um caráter de banalização do ocorrido? Esses questionamentos são inferências que acabam por se referir a um apagamento do lugar de sujeito, enquanto desejante.

O recorte abaixo destaca outra situação, que revela o extremo a que pode chegar o ciúme, uma vez que deixa de estar relacionado com a rivalidade com o outro e passa a se

estender a todos os campos da vida do sujeito, havendo uma dificuldade excessiva em respeitar a individualidade. Qualquer investimento que a adolescente possa fazer em outra direção, diferente do parceiro, torna-se insuportável para ele. Ademais, é importante destacar quanto alguns sujeitos, como nesse caso, entregam-se por completo ao outro, incluindo o próprio corpo.

Com 15 dias de namoro ele começou a implicar com meu emprego, pois eu trabalhava com público e ele achava q todo mundo era interessado em mim, e pelo fato do meu ex as vezes ir até lá, fazia com q ele ardesse em ciúmes, pedia fotos a todo momento do q eu tava fazendo, aparecia do nada no meu trabalho, nao me deixava fazer nada sozinha.

Ele começou a provocar brigas por causa do meu trabalho, até q provoqueei a minha demissão, sai de mais um meio social e distrativo pra mim, passei a ficar em casa e ele a sumir as vezes, e eu procurava amigos para desabafar, e ele implicava com todos, mexia em tudo no meu celular e não queria q eu conversasse com ninguém, nem mesmo com minha mãe.<sup>15</sup>

Nesse recorte é possível perceber que o ciúme deixa de se referir a uma pessoa em específico e passa a tomar a dimensão de uma obsessão, “nao me deixava fazer nada sozinha”. Observamos maior precariedade da mediação simbólica, visto que qualquer terceiro – do lugar do trabalho ao da família – torna-se insuportável ao sujeito. Há o estabelecimento de uma parceria amorosa que poderíamos chamar de simbiótica. Constatamos que essa simbiose ocorre pela ação de ambos os envolvidos. A própria adolescente utiliza os verbos na primeira pessoa, como em “provoqueei a minha demissão, sai de mais um meio social e distrativo pra mim, passei a ficar em casa”. Enfatizamos, portanto, que, mesmo em uma posição passiva, há um movimento ativo do sujeito, nem que seja de se submeter ao outro.

### 5.5 Uma obsessão do “ou eu ou o outro”

Em vários outros depoimentos, também fica evidente quanto o ciúme foi transformando-se em uma obsessão. O significante “obcecado”, inclusive, está presente em alguns deles. Nestes casos, observamos uma tentativa de controle e uma invasão da vida do outro no que se refere a muitos aspectos. Há muita dificuldade em lidar com a diferença fundamental existente entre *o eu e o outro*. No recorte abaixo, podemos verificar essa busca na literalidade.

Há 2 meses terminei meu namoro. Tive coragem e reuni todas as minhas forças para acabar de vez com aquilo que estava me matando a cada dia. [...]

Engoli os erros dele. Perdoei tudo. Aceitei ele de volta diversas vezes. E era sempre o mesmo ciclo vicioso. Ele cometia o erro, eu perdoava, ele fingia ter mudado por um tempo e errava de novo. De repente vi minha vida totalmente confiscada. Meu celular sendo espiado de hora em hora, minhas redes sociais acessadas por outra pessoa, meus segredos, as coisas que queria guardar pra mim sendo revelados obrigatoriamente porque ele insistia em dizer que eramos um só e por isso eu tinha que contar absolutamente tudo. [...] Terminei o namoro pela segunda vez e então não falei mais com ele.

Infelizmente, um tempo depois fui descobrir algo que mais uma vez me abalou: ele havia colocado um vírus no meu computador e vigiado minha vida durante meses. E o vírus consistia em enviar prints da minha tela e da minha webcam pro computador dele. E eu aparecia nua na frente da webcam. Chorei, fiquei mal, com raiva, com vontade de matá-lo. Mas infelizmente como o vírus já havia sido tirado do meu computador e eu não tinha como provar o que ele havia feito, ficou por isso.<sup>18</sup>

Nas emoções do ciúme e da inveja, há sempre um *ou eu ou o o outro* (VIEIRA, 2012). No recorte acima, verificamos como essa questão pode chegar ao extremo, acarretando atos de agressividade e violência. Nos trechos “aquilo que estava me matando”, “minha vida totalmente confiscada” e “fiquei mal, com raiva, com vontade de matá-lo”, percebemos a seriedade da angústia da adolescente diante do real escancarado do gozo. Quando existe o “éramos um só”, concordamos com Notenson (2014, p. 44, tradução nossa) que “qualquer inadequação ou discordância que altere a estrutura assim constituída disparará, então, a tendência agressiva, encontrando as reações mais graves”.<sup>26</sup>

Nesse caso, o *ou eu ou o outro* ultrapassa as barreiras do recalque (ou já estavam ausentes), no sentido de que retorna ao sujeito como algo do real que escapa à simbolização, levando o namorado a desejar ter o total controle da vida da jovem e esta, por sua vez, a se submeter ao domínio quase completo do parceiro. Ressaltamos a expressão *submeter-se* ao invés de *ser vítima*, por compreendermos, como já esclarecemos, que há sempre uma ação pela qual o sujeito é ativo e responsável. Nesse sentido, surgem algumas indagações. Quem a estava matando: o namoro, o parceiro ou ela própria? A violência está de que lado da relação? Em se tratando de parcerias amorosas, podemos falar em lado?

Vale a pena lembrar que se submeter constantemente a um ato de agressividade e/ou violência está na mesma lógica, digamos assim, de praticá-la. A diferença está no objeto: direcionam-se os atos ao *eu* ou ao *outro*. Retomando a afirmação de Freud (1915/2010), pensamos que a posição de atividade ou passividade não está por completo em um extremo ou em outro, mas ocorre simultânea e ambivalentemente.

Nesse recorte, de tanto se confundirem em suas individualidades, pois “ele insistia em

---

<sup>26</sup> No original: “...cualquier inadecuación o discordancia que altere la estructura así constituida disparará, entonces, la tendencia agresiva, encontrando las reacciones más graves”.

dizer que éramos um só”, torna-se insuportável o término para o parceiro. Em uma atuação que tem importantes consequências, o parceiro invade literalmente a vida da adolescente, conforme vimos no relato. O “éramos um só” remete à ambivalência estrutural, como nomeia Lacan (1948/1998), decorrente dos processos de identificação do sujeito ao semelhante. Lembramos que é pela alienação ao Outro que o sujeito se constitui, o que promove certa mistura entre *o eu* e *o outro*. Na fase do transitivismo infantil, por exemplo, a criança não consegue fazer uma separação entre o que é seu e o que é do outro.

Esse depoimento sugere impasses nesses processos mais arcaicos dos sujeitos, visto que há uma dificuldade extrema em fazer uma separação. Embora a adolescente não se posicione como um sujeito ativo na busca pelo “éramos um só”, sabemos que o modo como são constituídos os relacionamentos dizem respeito a ambos os envolvidos. Além disso, claramente, há uma problemática no estabelecimento de limites ao outro.

É importante observar que existe algo que escapa ao controle de ambos: o real do gozo que os invade, promovendo tantas atuações. O parceiro também tenta mudar e evitar cometer “erros”, mas, na inconsistência de suas referências simbólicas, repete-os como um “ciclo vicioso”. Seria apenas o parceiro quem faz essa repetição? Quando a jovem diz “engoli os erros dele. Perdoei tudo. Aceitei ele de volta diversas vezes. E era sempre o mesmo ciclo vicioso”, não estaria falando de si mesma sem se dar conta?

O que acontece para que alguns adolescentes, diante desse real do gozo que emerge na puberdade, precise se tornar a obsessão do outro ou tê-lo como uma obsessão? Em ambos os casos, há uma tentativa de fazer desaparecer a diferença existente entre *o eu* e *o outro*. Como em um curto circuito gerado pelo questionamento *quem sou eu?*, o sujeito busca no outro uma resposta impossível de ser alcançada, senão em si mesmo.

Como ressaltamos em outros capítulos, a adolescência, na atualidade, é um momento que requer um trabalho psíquico, em virtude das metamorfoses decorrentes da puberdade. Alguns adolescentes se veem no desamparo para lidar com esse momento, visto que as referências simbólicas e/ou, até mesmo, as identificações imaginárias anteriores foram inconsistentes para darem suporte às elaborações necessárias desse novo momento.

O adolescente precisará “encontrar uma língua” para dizer seu corpo, como nos indica Lacadée (2017). Será importante prescindir do corpo e da língua de criança para conseguir posicionar-se a partir de sua singularidade e do seu desejo. A questão fundamental é que o elemento norteador dessas construções e reconstruções será a falta e, em muitos casos, essa foi e, obviamente, continua sendo uma grande dificuldade. Dessa forma, observamos que alguns adolescentes permanecem com um funcionamento próprio da infância, o que gera importantes questões em sua vida em particular e na vida a dois.

No recorte abaixo, é possível perceber quanto a parceria amorosa surge na tentativa de cada um lidar com o próprio desamparo. Ambos não conseguem se posicionar e se reconhecer em sua individualidade e singularidade. A adolescente descreve: “[...] eu não o amava, era só desespero pra não ficar sozinha.” Ao mesmo tempo, o próprio namorado também dizia “que não viveria sem mim”. Quando estão sozinhos, confrontando-se com a falta, a incompletude é vivenciada com muita angústia.

No inicio eu era uma tola apaixonada e ele sempre ameaçava terminar comigo e como eu achava que o amava não fazia isso. Mas com o tempo eu me cansei das brigas diarias, isso mesmo, brigas todos os dias, se eu não mandasse bom dia era motivo de briga, se eu pesquisava no google fotos de algum ator famoso ele brigava e ficava dias sem falar comigo. E nao achem que parava por ai. Ele era possessivo dizia que eu era dele, alem de que eu não podia conversar com meus amigos e ele afirmava não gostar dos meus familiares.

[...]O fato é que eu não terminei e voltei com ele, o mesmo dizia que não viveria sem mim, em suma ficou obcecado por mim. Aguentei essa prisão por mais 7 meses mas chegou um ponto que eu não estava suportando mais, eu terminei mesmo com todas as ameaças (alem dessas a de acabar com a minha vida, me fazer sofrer, me difamar {ressaltando que nosso namoro não passou dos beijos}). Certo é que terminei, não foi fácil, tive inicio de depressão mas não por que gostava dele acabei descobrindo que eu não o amava era só desespero pra não ficar sozinha, sofri devido aos traumas, fiz terapia psicológica (inclusive continuo fazendo) e precisei de muito apoio das minhas amigas mais intimas para superar (as unicas alem dos meus pais que sabem de tudo que ocorreu).<sup>3</sup>

Se, de um lado, a parceria amorosa surge como uma forma sintomática de se lidar com o real do encontro com o Outro sexo, de outro lado, pode evidenciar, e muito, a face mortífera da pulsão de morte. Estar obcecado pelo outro ou se deixar ser a obsessão do outro, como se destaca em “ele era possessivo dizia que eu era dele”, é uma forma de se apagar, anular-se enquanto sujeito de desejo. Colocar-se em posição de ser um objeto de gozo para o outro ou fazer uso do outro enquanto um objeto sugere-nos uma mesma direção.

É a partir da elaboração do lugar da falta/vazio que o adolescente encontrará o espaço

para se posicionar como um sujeito de desejo e situar, na sua singularidade, uma maneira de vivenciar o prazer. No recorte acima, podemos observar que, da parceria amorosa sem distância, não houve espaço para o amor em sua dimensão simbólica, mas apenas para vivenciar aquilo que da paixão remete ao real do gozo.

Destacamos quanto a parceria amorosa pode revelar questões mais arcaicas do processo de constituição do sujeito. Durante o relacionamento e mais ainda diante da separação, os sujeitos são tomados pela angústia. Enquanto o parceiro, na situação acima, parece defender-se por meio da violência ao outro, a adolescente relata uma depressão. Podemos observar que há certa ruptura na cadeia simbólica que faz emergir um real, o qual se apresenta na ameaça, no insulto, na depressão.

A jovem afirma que conseguiu lidar com o término graças à rede de apoio que obteve. É importante pontuar essa questão visto que os laços familiar e social têm um papel fundamental no suporte para a reconstrução de um sintoma possível para cada sujeito, diante de seus troços. Ressaltamos que pensamos no sintoma aqui, conforme foi abordado no fim do ensino de Lacan, como uma montagem que faz suplência frente à concepção de que a *relação sexual não existe* (VIEIRA, 2010).

## 5.6 Um encontro entre corpos

Nesta seção abordaremos algumas referências sobre a vivência do encontro com um corpo outro. Na maior parte dos depoimentos encontrados, os adolescentes fizeram referência ao processo de iniciação sexual, evidenciando a importância simbólica desse momento, mas destacando os desencontros decorrentes das parcerias amorosas abusivas. A experiência da sexualidade, nesses relacionamentos, é permeada pelo jogo entre erotização e agressividade, como é descrito explicitamente na publicação abaixo.

“Pra namorar cmg tem q entender que sou agressivo e carinhoso ao mesmo tempo.”<sup>19</sup>

No recorte a seguir, podemos observar que a questão da sexualidade é atravessada por uma tentativa de controlar objetivamente a vida do parceiro. Há uma ação no sentido de dizer ao outro como ele deve se perceber em relação à sua identidade de gênero, como ele deve ser. Diante da dificuldade de lidar com a diferença existente entre o eu e o outro, um impõe a sua identidade, limitando-se o outro somente a aceitá-la.

Quando tinha 16 ou 17 anos, antes de sequer saber que eu era um homem trans, eu tive uma amiga lésbica. Quando terminei meu namoro, ela

imediatamente tentou me beijar. Eu disse que não estava pronto e precisava de um tempo pra mim. Disse também que estava desconfiando de ser bissexual. Nesse momento ela explodiu de raiva e disse que eu precisava ser uma menina lésbica.

Eu, de algum jeito, pensei que a culpa fosse minha e não demorei a correr atrás e pedir desculpas. No dia seguinte, ela me pediu em namoro. Apesar de dizer que precisava ficar sozinho, eu, por algum motivo que ainda não entendo, me senti obrigado a dizer que sim. Quando aceitei, ela disse que a condição pra sermos felizes é que eu não poderia ser bi.

Namoramos por 4 meses apenas. Da primeira vez em que fizemos sexo, eu me senti completamente violado. Eu dizia quais eram minhas inseguranças e que ela estava me machucando, mas ela ignorou e continuou fazendo o que queria. Isso aconteceu outras duas ou três vezes, até que eu parei de resistir e passei a só esperar acabar.

Quando eu disse que não me sentia confortável com certos aspectos do meu corpo ligados a gênero, ela me deu um tapa no rosto. Disse que gênero é uma construção da nossa cabeça e que eu PRECISAVA me comportar como uma mulher, mesmo que não expressasse feminilidade. Disse que, se eu fizesse a transição, faria mal à comunidade de mulheres lésbicas e que ela não ia permitir.<sup>20</sup>

Em um momento delicado de incertezas diante da indagação *quem sou eu?*, o adolescente se apresentou vulnerável à imposição do outro. Ao refletir sobre o acontecimento, o próprio sujeito afirma que “por algum motivo que ainda não entendo, me senti obrigado a dizer que sim”. A busca pelo saber de si vai remeter ao lugar do sujeito em relação ao desejo do Outro. Nesse sentido, a indagação *quem sou eu?* torna-se mais complexa porque remete ao questionamento *o que o Outro quer de mim?*

Na inconsistência de referências que possam dar um norte à suposição dessas respostas, o adolescente percebe-se perdido ante a convocação de se posicionar como desejante. A identidade de gênero, embora vá sendo constituída desde a infância, é um aspecto fundamental com o qual o sujeito se confronta na adolescência. Dessa forma, as primeiras experiências no campo da sexualidade fazem com que o sujeito se confronte com o gozo em si.

A frase “da primeira vez em que fizemos sexo, eu me senti completamente violado” nos impulsiona a refletir sobre a associação entre o ato sexual e a violência. Essa associação está presente em grande parte dos depoimentos encontrados. Nesse caso, algumas questões nos fizeram tomar distância do próprio impacto que a frase nos causou: por que o adolescente se deixou violentar nesta e nas demais situações? O ato sexual surge como modo de direcionar, a si mesmo, agressividade? O que há de si mesmo na maneira como subverte o que poderia ser o prazer do sexo no desprazer?

Como descrevemos no capítulo 2, sobre a adolescência, esse momento lógico da iniciação sexual é marcado por um duplo registro de satisfação: um relacionado com prazer, em virtude de sua mediação pelo significante fálico, e outro referente ao gozo Outro ou feminino. Nas parcerias amorosas abusivas, constatamos uma predominância – se assim podemos dizer – do atravessamento desse gozo Outro, que está fora da linguagem, e tende à devastação.

Uma pontuação se faz pertinente: onde há violência, dificilmente as palavras provocarão ressonância, assim como observamos na afirmação: “eu dizia quais eram minhas inseguranças e que ela estava me machucando, mas ela ignorou e continuou fazendo o que queria.” A parceira evidencia a precariedade de suas referências simbólicas quando trata o outro como seu objeto de gozo para saciar suas pulsões eróticas e de morte.

De acordo com Machado (2014, p. 7), “nos dias de hoje, o modo do corpo<sup>27</sup> não disfarça sua vocação de substância gozante e, talvez por isso, ele se preste mais facilmente ao gozo pelo ato violento como resultado da ruptura do pacto simbólico”. Nos recortes a seguir, demonstramos quanto essa questão se faz presente nas parcerias amorosas abusivas entre adolescentes. Pela especificidade desse momento de vida, torna-se mais delicado o encontro entre corpos.

Vive me cobrando relações sexuais, e eu sempre digo que sou muito nova, e que ainda não estou pronta pra isso, mas ele insiste e fala que não o amo. Diz que não dou o carinho nem a atenção que ele merece, diz que sou seca e tudo mais.<sup>8</sup>

Estou em relacionamento a quase 4 anos, atualmente eu tenho 17 anos quase 18, conheci ele tinha 13 anos de idade, no começo era tudo normal, mas depois com 1 mês mais ou menos tudo foi acontecendo, o primeiro tapa ele me deu eu tinha 13 anos e foi pq eu não queria perder a virgindade com ele, já apanhei mt, com o passar do tempo as agressões físicas foram parando, mais o abuso não, ele briga comigo por tudo, se fico sem transar com ele por 1 dia.<sup>5</sup>

Em vários depoimentos encontrados, o ato sexual tornou-se fonte de chantagem. Observamos que, embora muitos sujeitos não estejam preparados para a vivência do sexo, parecem ainda tão alienados ao desejo do Outro – o qual se confunde com o outro – que se entregam completamente, incluindo seu corpo. No primeiro recorte, a adolescente consegue

---

<sup>27</sup> Quando se refere ao modo do corpo, a autora descreve o corpo “massinha-de-modelar” da atualidade, fazendo alusão às intervenções possíveis da ciência, do sistema capitalista e da liberação ao prazer sem medida.

sustentar o próprio limite mesmo diante de muita chantagem. No segundo, por outro lado, o sujeito se coloca como objeto de gozo do Outro.

A frase “ainda não estou pronta pra isso, mas ele insiste e diz que não o amo” sugere um modo de parceria amorosa em que o entregar-se por completo é a condição necessária para que o sujeito se sinta amado. Além disso, uma questão que se refere apenas à própria adolescente – “não estou pronta”, “sou muito nova” – é tomada como uma recusa ao outro – “diz que não dou o carinho nem a atenção que ele merece”, “fala que não o amo” –, o que marca uma interpretação impregnada da dimensão imaginária. O namorado pega para si o que diz respeito à adolescente.

Em outro recorte, podemos compreender quanto a vivência da sexualidade causa horror no sujeito. “Ele nunca me beijou na boca”, apesar de estar há um ano namorando. Do que se trata essa parceria amorosa? O que há de ambos os sujeitos que estabelecem um relacionamento a partir da evitação do encontro com o corpo do outro? Ou seria a evitação do encontro, para cada um, com o que torna vivo o próprio corpo?

Sou universitária, tenho 17 anos e namoro um rapaz com 17 anos também. Estamos há aproximadamente 1 ano e a nossa relação sempre teve “altos e baixos”, nós já demos um tempo e voltamos. Ele é desconfiado, inseguro e agressivo em relação a mim, acha que eu não posso ter amigos e se eu demorar para respondê-lo, o mesmo diz que eu não dou atenção e age rispidamente (como se fosse uma punição). Eu sempre tento entendê-lo de todas as maneiras possíveis e ele nunca entende nada do que eu digo ou faço. Ah, ele nunca me beijou na boca (diz que sente vergonha) e nem transamos.<sup>2</sup>

Ancorando-nos nas ideias de Machado (2014), pensamos que há algo do insuportável na intimidade com o próprio gozo para ambos os adolescentes. Como abordamos ao longo dos capítulos, as parcerias amorosas dizem sobre cada um em sua singularidade. Para a adolescente que se queixa da evitação do namorado, o que essa parceria amorosa esconde de suas dificuldades? Em que satisfaz o seu modo de gozo?

Ela mesma nos dá uma pista quando afirma que o namorado “age rispidamente (como se fosse uma punição)”. Estaria ela se autopunindo? Para ele, também seria uma punição, visto que estabelece um relacionamento em que mostra o negativo de si mesmo, como podemos perceber com a descrição “desconfiado, inseguro e agressivo”? De todo modo, é possível perceber que há algo de uma agressividade em que ambos se infligem.

O recorte, especialmente a frase “eu sempre tento entendê-lo de todas as maneiras possíveis e ele nunca entende nada do que eu digo ou faço”, sugere-nos um posicionamento narcísico em que há uma dificuldade de reconhecer o outro como alteridade. A capacidade

empática de ouvir e se colocar no lugar do outro requer uma mediação simbólica que faça furo na inflação imaginária, própria desse modo de se posicionar. Embora demonstre grande insatisfação, a adolescente permanece nessa parceria amorosa.

Ratificamos a noção de que existe uma responsabilidade do sujeito na desordem da qual se queixa. Por outro lado, compreendemos também que, para alguns adolescentes da atualidade, as metamorfoses da puberdade os lançam aos próprios desamparos. As parcerias amorosas surgem, então, como uma forma de lidar com esse desamparo, o qual remete ao confronto com a falta e as experiências mais arcaicas do sujeito.

### 5.7 Uma pregnância de atuações

É importante destacar que, nas parcerias amorosas abusivas, há o compartilhamento de um gozo desenfreado, acarretando uma pregnância de atos agressivos e/ou violentos. Esses atos surgem no lugar de um dizer e podem ser uma forma de defesa diante de um gozo que se apresenta sem limites. Além disso, podem ser interpretados como uma mensagem endereçada ao Outro ou, em uma maior ruptura, com a cadeia simbólica, como não passível de interpretação. Nos recortes abaixo, ilustramos como ocorre essa problemática.

Ultimamente a gente briga por bobeira e na tentativa de fazer as coisas ficarem bem, ele fica nervoso, e eu que nunca achei que teria medo dele, hj eu tenho!<sup>[L]</sup> Ele já segurou meus braços de forma que me machucasse, já gritou cmg na presença de outras pessoas, já me empurrou e já me agrediu verbalmente. Na última briga ele estava transtornado, ele fez tudo na rua, quase me enforcando, gritando, me xingando, apertando meus braços e me empurrando. Eu tentando sair e ir embora e ele não deixava!<sup>4</sup>

Ele foi uma pessoa horrível, ele fazia ciuinhos com as amigas dele, me comparava a elas, coisas que eu disse uma vez que queria experimentar como puxões de cabelo e tapinhas, na cama, eram feitos fora dela, em brigas ou coisas do tipo, ele sumia por um tempo ou fazia joguinhos querendo terminar, mentiu várias vezes, mesmo tendo terminado, ele estava passando por um momento difícil, onde mandava áudios chorando e agradecia pela minha ajuda, para uma semana depois, mandar foto com a “atual”, uma das amiguinhas que eu já conhecia e vinha como simpática comigo sempre, e foi que eu percebi que ele levava ela em casa e essas coisas (...) eu via mas não conseguia enxergar isso, após isso tudo ainda ficava se declarando e dizendo que estava confuso e não sabia o que queria.<sup>9</sup>

Os depoimentos revelam impasses na solução de conflitos por meio da palavra. Em seu lugar, observamos atuações repetidas. Rosa e Vicentin (2014) nos lembram que o sujeito está ausente em seu ato. A pregnância de atuações evidencia, portanto, dificuldades de cada

um em se pôr no lugar de sujeito, o que sugere também uma dificuldade em reconhecer o outro nesse lugar. Para alguns adolescentes, diante de uma precariedade de suporte simbólico, o ato é uma tentativa equivocada de se fazer existir no desejo do Outro ou mesmo uma recusa a esse Outro.

Nesses dois recortes, aparentemente, há maior prevalência de atos agressivos que podem ser interpretados como sintomas, a serem lidos como um *acting out*. No primeiro recorte, no entanto, podemos refletir que, dos atos agressivos, caminhou-se para a violência, como foi descrito em “na última briga ele estava transtornado, ele fez tudo na rua, quase me enforcando, gritando, me xingando, apertando meus braços e me empurrando”.

A escuta clínica poderia dar lugar de fala a esses sujeitos e promover uma retificação de sua posição de gozo. Sem dúvida, nas infundáveis situações permeadas por agressividade ou violência, a análise pode ser uma forma de promover outro modo de se haver com o próprio gozo. O discurso social, por outro lado, fixa os sujeitos em uma polaridade entre vítima e agressor que aumenta, muito mais, as chances de advir um gozo sem limites.

Os recortes a seguir trazem mais elementos que problematizam essa polaridade, visto que descrevem aspectos de uma bidirecionalidade das agressões, o que significa que ambos os sujeitos tanto praticam quanto se submetem aos atos um do outro. A observação de que existe essa bidirecionalidade está em consonância com resultados de outros estudos científicos mais recentes, como citamos na introdução desta dissertação. Em diversos depoimentos, é perceptível essa questão. Na maior parte deles, por sua vez, os sujeitos não se implicam e não se responsabilizam por seus atos.

Ele sempre achava uma maneira de me rebaixar e fazer das minhas coisas, pequenas e insignificantes. Principalmente durante discussões, além dos apertões nos braços, os gritos, dedos apontados na minha cara, empurrões, socos na parede, chutes na porta, celulares quebrados, livros rasgados, ainda era chamada de louca, perturbada, descontrolada, sociopata quando eu descobria algo. Ou então o pior. O que me fez dar um ponto final nisso tudo: vadia, vagabunda, maldita e desgraçada. Sim, ele me chamou disso tudo [...] Desisti. Abri mão. Fui embora. Mandeí embora. Xinguei também, gritei também, assumo que até tapa na cara eu dei. Mas tudo porque eu estava farta de ir dormir chorando quase todas as noites.<sup>18</sup>

Iniciei minha vida afetiva com 15 anos, em uma relação amorosa com meu melhor amigo na época. Foi um relacionamento abusivo, que oficialmente durou 2 meses, mas na verdade foram 2 anos de abuso, terror psicológico, estupro, mentiras sobre a minha pessoa pra minha mãe. Isso me marcou bastante, tanto que tive relações rasas nos anos seguintes, relacionamentos que duravam no máximo 3 meses e que eu não tinha um pinga de responsabilidade afetiva, chegando até mesmo a propor um poliamor em que as duas pessoas não se davam muito bem, mas em nome do meu orgulho, da

minha irresponsabilidade, do meu egoísmo, não liguei e acabei com toda relação que estávamos construindo há meses. Com o fim do relacionamento, acabei aprofundando um quadro de depressão de um dos meus parceiros. [...] O meu primeiro relacionamento me deixou uma revolta que eu acabei reproduzindo nos relacionamentos seguintes. Meus outros relacionamentos, acabei sendo uma pessoa escrota.<sup>21</sup>

Nesses depoimentos, constatamos que as atuações expressam maior desarticulação com a cadeia simbólica em comparação com os dois recortes anteriores. Destacamos as palavras de Lacan (1954/1998, p. 376) quando afirma que “acaso não sabemos que nos confins onde a fala se demite começa o âmbito da violência, e que ela já reina ali, mesmo sem que a provoquemos?” Nesse sentido, ressaltamos a atuação violenta de diferentes formas, tanto na direção do corpo do parceiro (“apertões nos braços”; “tapa na cara”; “estupros”) e do próprio corpo (“socos na parede”; “chutes na porta”) quanto em insultos (“era chamada de louca, perturbada, descontrolada, sociopata”; “Xinguei também”; “terror psicológico”). Retomando Barros (2014), a violência pode ser expressa também pela fala sem sentido como é o caso do insulto.

No primeiro recorte, a adolescente relata que “o que me fez dar um ponto final nisso tudo [foram os xingamentos ouvidos]: vadia, vagabunda, maldita e desgraçada”. O que há da história de vida da adolescente que a fez esbarrar no próprio limite do tolerável? Foram muitas as atuações que atravessaram todo o relacionamento, mas foram especificamente esses significantes que surgiram e promoveram um espanto, o qual proporcionou a possibilidade de uma ruptura com o parceiro.

Vale lembrar que o ódio está no princípio da constituição do sujeito, inclusive, antecedendo o amor. Compreendemos que, diante de uma vacilação das referências simbólicas, o amor que faz semblante cai, aparecendo apenas a expressão do ódio, de um gozo excessivo e sem limites a ser compartilhado nas parcerias amorosas. Por outro lado, o ódio pode surgir como uma forma de fazer barreira diante do outro, provocar uma distância, sendo uma força que possibilita a ruptura do relacionamento abusivo.

Além dessas questões levantadas, os dois recortes contribuem com a reflexão de que esses relacionamentos não devem estar associados a posições fixas entre uma vítima e um agressor, mas falam do encontro contingente entre dois sujeitos que se apoiam um no outro para satisfazerem os próprios modos de gozo. Nesse encontro, há algo do outro que retorna como familiar ao sujeito, sendo isso o que o torna tão atraente.

No primeiro recorte, a adolescente afirma “xinguei também, gritei também, assumo que até tapa na cara eu dei”, mas transfere para o parceiro a responsabilidade por suas atuações, o que pode ser interpretado ante a frase “mas tudo porque eu estava farta de ir dormir chorando quase todas as noites”. Seu posicionamento de vítima dificulta a sua implicação e, portanto, a elaboração do vivido. Em nenhum momento, por exemplo, a adolescente se questiona sobre o que fez ela se sentir atraída por alguém que “sempre achava uma maneira de me rebaixar e fazer das minhas coisas, pequenas e insignificantes”.

No segundo recorte, a adolescente se apercebe de quanto agiu irresponsavelmente diante de si mesma e do outro: “eu não tinha um pingão de responsabilidade afetiva.” É fundamental considerar que, por essa reflexão, será possível para a jovem encontrar uma nova maneira de retificar a sua posição de gozo. Ela mesma sinalizou uma repetição na sua maneira, digamos assim, de estabelecer relacionamentos abusivos, o que evidencia o caráter de necessidade de cada uma, naquilo que não cessa de se escrever.

Ainda que atribua suas atuações ao outro, como na afirmação “o meu primeiro relacionamento me deixou uma revolta que eu acabei reproduzindo nos relacionamentos seguintes”, já é um passo dado para que possa reconhecer sua parcela de responsabilidade no seu modo abusivo de experienciar a relação a dois. Além disso, esse segundo recorte ressalta o fato de que a posição de vítima e de agressor se refere à mesma dinâmica de funcionamento. Aliás, em muitos momentos, pode haver alternância entre esses dois polos, como descreveu a adolescente.

Os dois depoimentos a seguir trazem à tona outro aspecto que torna importante a problematização dessas posições fixadas pelo discurso social, vítima-mulher e agressor-homem. Como se podem estabelecer tais posições diante da diversidade de identidades de gênero? Temos o entendimento de que não são as questões referentes ao gênero que situam o sujeito na parceria amorosa, mas como ele se posiciona frente à sua sexualização e de seu modo de gozo.

O fundo do poço foram as agressões físicas. Elas rolaram soltas e acabei percebendo que as pessoas que presenciavam isso não levavam a agressão entre dois homens tão a sério. Era como se dois amigos ou irmãos estivessem se batendo, mas que logo voltariam a jogar videogame juntos.<sup>17</sup>

Quando eu disse que queria ser tratado com mais respeito, ela disse: 'eu fui abusiva com pessoas antes de você e até as forçava a fazer sexo, mas você é diferente e eu te trato bem'. Isso pareceu ser o suficiente pra me convencer de que ela me tratava bem e que eu estava louco. Ela continuou sendo quem sempre foi e poucas pessoas acreditaram em mim. Pelo fato da pessoa abusiva ser mulher e lésbica, fui completamente desmerecido e invalidado.

A maioria disse que mulheres não estupram e que não existe relacionamento LGBT abusivo.<sup>20</sup>

Em várias situações, pelas dificuldades pessoais de cada adolescente, faz-se necessário um suporte simbólico dos laços sociais, a fim de que ele consiga se confrontar com o que emerge das metamorfoses da puberdade. Esses laços têm a função, como já ressaltamos, de trazer um limite ou um apaziguamento à vivência do gozo quando em excesso. Sem esse suporte, o sujeito pode ser lançado à própria sorte.

Atualmente, em uma cultura marcada pelo individualismo, pelo esfumaçamento dos limites entre as gerações e pelo modo de funcionamento do sistema capitalista, a tendência será empurrar o adolescente para se confrontar com os imperativos do gozo. Há nisso uma maneira violenta de se promover o silenciamento do sujeito, enquanto desejante. Fixar os sujeitos em posições de vítima e de agressor não seria uma maneira de silenciá-los ao invés de dar-lhes voz? O que vai restar de alternativas, diferentes das repetições, aos sujeitos que são postos nessas posições? Como acolher e ouvir os sujeitos que nem sequer se encaixam nessas posições preconcebidas?

No primeiro recorte, os atos violentos praticados pelo sujeito, no próprio corpo ou no do outro, sugere uma desarticulação da cadeia simbólica. Por essa razão, o real desmedido do gozo é expresso no corpo, como pode ser visto em “o fundo do poço foram as agressões físicas. Elas rolaram soltas”. Nesses casos, a violência pode advir como uma defesa diante do encontro com o real do gozo.

No segundo recorte, constatamos um posicionamento narcísico ao extremo, em que há uma redução do lugar do outro, enquanto alteridade. O outro é usado e se deixa ficar no lugar de objeto do gozo de outrem. Com esse posicionamento, o erotismo e a agressividade caminham de mãos dadas, o que é observado em “eu fui abusiva com pessoas antes de você e até as forçava a fazer sexo”. Relembrando as palavras de Lacan (1948/1998, p. 119), “a noção de uma agressividade como tensão correlata à estrutura narcísica no devir do sujeito permite compreender, numa função formulada com muita simplicidade, toda sorte de acidentes e atipias desse devir”.

Em casos extremos, as questões advindas das metamorfoses da puberdade, com os desencontros da vida a dois, podem fazer com que o sujeito perca toda a referência identificatória anterior, que já era precária. Nesses momentos, há uma tendência em expressar a violência do gozo em uma passagem ao ato. Nos relatos abaixo, observamos que essa pode ser tanto direcionada a si mesmo como ao outro.

#euviviumrelacionamentoabusivo dos 15 aos 19 [...] Ele me fez sair da igreja dizendo que eles estavam enfiando coisas na minha cabeça, me fez entrar em depressão e tentar suicídio, ele me dizia que eu era mimada porque eu tinha 15 anos e não tinha emprego fixo, minha família ajudou com que eu mantivesse nesse relacionamento por tanto tempo me colocando na parede, que eu não iria ser ninguém na vida sem ele.<sup>22</sup>

Certo dia apareci com hematomas nos braços, no rosto, foi quando minha professora de filosofia me questionou o que eram aqueles machucados, falei q tinha caído de bicicleta, ela disse não acreditar em mim e que iria mais afundo pra saber o que eu estava passando, cheguei em casa desesperada com medo que ele soubesse que alguém tinha visto meus hematomas, me tranquei no quarto e chorei, pensei em me matar, talvez acabasse com o sofrimento, foi então que comecei a escrever tudo o que eu estava passando cada dia que ele me agredia, cada dia que me xingava e por ai vai, quando comecei a ler, percebi que não era eu, não era a mulher que eu sonhava em ser.

[...] falei que nao aguentava mais apanhar e passar por humilhações, foi aí que quase me matou, me espancou até cansar, estava toda ensanguentada, sem condições de levantar, e ele foi embora nervoso. Quando me dei conta ja era madrugada consegui levantar vi que tinha gravado a briga [pelo computador], liguei para a policia, fiz a minha denuncia, ele foi preso, me senti livre.. Não por muito tempo pois morria de medo de encontra-lo, tive que trancar minha faculdade e ir embora para outra cidade, onde moro sozinha e quase não saio de casa de medo.<sup>12</sup>

Nesses relatos, evidenciamos a seriedade das possíveis consequências advindas de parcerias amorosas abusivas, em que os sujeitos se veem diante do próprio desamparo, tanto objetiva quanto subjetivamente, e não conseguem encontrar saída. De acordo com Laia e Caldas (2016), o encontro com o real, nesses casos, refere-se à alteridade radical. A angústia que advém desse encontro pode fazer com que o sujeito atue no sentido de tornar o matar ou o morrer a única possibilidade.

No ato, há um retorno, no real, de significantes excluídos da cadeia simbólica, os quais remetem a processos mais arcaicos da constituição do sujeito, do choque de *lalíngua* sobre o corpo. Como sinaliza Monteiro (2012, p. 100-101), “quando é o gozo que comanda, estamos no terreno de *lalíngua*, que está aquém de qualquer articulação”. A passagem ao ato surge, nesses momentos, pela emergência do real desarticulado da cadeia simbólica.

A primeira adolescente ressalta o que há de violência em sua dinâmica familiar quando afirma: “minha família ajudou com que eu mantivesse nesse relacionamento por tanto tempo me colocando na parede, que eu não iria ser ninguém na vida sem ele”. Nota-se que a depressão e o desejo de se suicidar surgiram quando do rompimento do único laço social,<sup>[1]</sup> que, possivelmente, sustentava a sua existência: a Igreja.

A segunda jovem consegue, a partir da fala e do reconhecimento da professora, encontrar uma alternativa diferente da passagem ao ato. É interessante a reflexão que ela faz sobre si mesma: “foi então que comecei a escrever tudo o que eu estava passando cada dia que ele me agredia, cada dia que me xingava e por ai vai, quando comecei a ler, percebi que não era eu, não era a mulher que eu sonhava em ser.” Ela decidiu, então, fazer diferente, fez uma reflexão sobre sua posição no relacionamento, o que poderíamos considerar como um esboço de implicação.

### **5.8 A implicação do sujeito e sua responsabilização**

Fazer diferente não requer um trabalho psíquico simples. É necessário que o sujeito consiga se implicar em seu sintoma, interrogar-se a respeito do próprio mal-estar. Diante da concepção de que a parceria amorosa é uma maneira do sujeito gozar de si mesmo, como se do outro fosse, implicar-se significa se dar conta de que há algo do próprio sujeito que o leva a estabelecer um relacionamento abusivo. No recorte abaixo, podemos perceber esse movimento de implicação.

Eu estou entrando de novo em um relacionamento abusivo. Sim ‘entrando’ e ‘de novo’. Provavelmente será o meu terceiro, provavelmente eu vou ser submissa, vou aceitar acusações e xingamentos, vou ficar calada por medo de perder, vou ser chantageada, ignorada, vou tentar explicar e não ser ouvida, vou ouvir um ‘esse é o meu jeito’ ou um ‘se você não quiser assim tem outras por aí’. Bom e por que, mesmo sabendo que tem algo errado, eu ainda vou continuar? Não sei, talvez seja uma doença. Auto estima baixa, ela é uma grande vilã, ela destrói seu ego, suas forças, te faz sentir fraca, te faz ter medo de ficar sozinha, te faz achar que você nunca irá achar alguém melhor, mesmo que exista um mundo de gente bacana, mas que você está cega demais para ver.

Acho que já tenho uma carga bastante pesada e suja de experiências do que seria um relacionamento abusivo [...] Eu sei disso tudo, estou passando por isso de novo também. Eu te compreendo, sei das suas dores, seus medos, suas fraquezas, mas por favor, se liberte, você vale bem mais do que esse sofrimento todo. Eu provavelmente só vou conseguir ter forças pra sair quando eu já não conseguir esconder mais das pessoas e mesmo estando em silencio, meus olhos denunciarem meu sofrimento.<sup>23</sup>

É bastante interessante observar que a adolescente se implica no seu modo de gozo, visto que consegue perceber que há algo de si mesma que a faz estar “entrando de novo em um relacionamento abusivo”. Podemos constatar que ela, em nenhum momento, faz referência aos seus parceiros, apenas aos próprios impasses. Embora ainda não seja possível

responder, ela se confronta com um importante questionamento: “Bom e por que, mesmo sabendo que tem algo errado, eu ainda vou continuar?”

Nesse recorte, destacamos que, apesar do caráter de contingência do encontro a dois, naquilo que cessa de não se escrever, o “de novo” sintomático sinaliza o seu caráter de necessidade, do que não cessa de se escrever. Na frase, “acho que já tenho uma carga bastante pesada e suja de experiências do que seria um relacionamento abusivo”, essa questão fica mais evidente. Podemos inferir, inclusive, um tom de resignação diante da repetição com que se apresenta seu modo destrutivo de gozo.

Chama-nos a atenção a maneira como descreve algo que diz respeito a si mesma: “Auto estima baixa, ela é uma grande vilã, ela destrói seu ego, suas forças.” Utilizando-nos de suas palavras, compreendemos que o próprio sujeito é o seu grande vilão. Quando afirma “Eu provavelmente só vou conseguir ter forças pra sair quando eu já não conseguir esconder mais das pessoas e mesmo estando em silencio, meus olhos denunciarem meu sofrimento”, revela que, na ausência de palavras, prepondera a dimensão imaginária do olhar que denuncia.

No recorte a seguir, o sujeito consegue responsabilizar-se por si mesmo e seguir adiante. Concordamos com Elia (2004, p. 1), quando afirma que “responsabilizar-se é ser capaz de responder, é trazer para si a função da resposta por determinada situação ou ato”. Essa concepção tem por objetivo promover uma abertura tendo em vista que pensar sobre o que está por trás das próprias escolhas, conscientes ou inconscientes, evita que elas sejam vistas somente como equívocos pontuais.

Relacionamentos abusivos, um assunto tão em alta e infelizmente muito comum em nossa sociedade. Me responde aí, quantas das suas amigas, mães, filhas, irmãs já sofreram ou sofrem uma relação abusiva? Quantas delas são a agressora da relação? Você pode interpretar mal o que escrevo, mas infelizmente existem sim mulheres abusivas e está cada vez mais comum nas relações mulheres tão abusivas quanto os homens, sabe por que digo isto? Por que quem escreve neste momento esse texto já foi abusiva em uma relação, sim, eu fui abusiva com o meu parceiro.

Fuxicava as redes sociais, não deixava ele sair com os amigos, partia pra cima, gritava, empurrava, xingava, era ciumenta obsessiva, fazia chantagem emocional . Fazia muita coisa que talvez você que está lendo isso já fez e chama de CIÚME, PROTEGER, AMOR .. NÃO!!

[...] Vai por mim, não vale a pena agir assim, os homens não são iguais e você achará alguém bacana no seu tempo, quando realmente se curar, se ame mulher, se reconheça e saia dessa, nada vale mais do que o seu bem estar emocional.<sup>24</sup>

A ética da psicanálise enfatiza a noção de responsabilização do sujeito, que vai de encontro à culpabilização. Nesse sentido, vamos na contramão de outras disciplinas e do discurso social que, em se tratando de parcerias amorosas, desresponsabiliza o sujeito diante das próprias escolhas. Expressões populares, como “alma gêmea” ou “cara-metade”, revelam os equívocos nos quais o discurso social tropeça diante da relação a dois. Se, de um lado, falam da ilusão de uma completude, de outro, reduzem o sujeito a uma única possibilidade, retirando a importância de cada um encontrar novas maneiras de lidar com seu sintoma.

Enfatizamos que dar um lugar de fala ao sujeito possibilita que se implique nas próprias queixas e mal-entendidos, construindo maneiras de se haver com o real que escapa à simbolização. Essa concepção não tem como objetivo fechar possibilidades, mas promover uma abertura. Queremos dizer com isso que apostamos, como Lacadée (2020), que o sujeito deve ser posto em um lugar de indeterminação a fim de que possa se mover diante do seu modo de gozo e no caminho de seu desejo.

Dutra (2015, p. 1) faz uma problematização sobre a frase: “o sujeito é responsável pelo seu próprio gozo.” Ressalta que é ao sujeito do inconsciente que se refere e faz um contraponto com a ideia de responsabilidade individual de Hannah Arendt. Isso porque, na psicanálise, o sujeito é constituído por meio da relação com o Outro e, nesse sentido, não há como se falar sobre o puramente individual. No entanto, é cada um, em sua individualidade, que lidará com as consequências das manifestações inconscientes.

Não é possível se haver com uma responsabilidade coletiva. Em um discurso social, que generaliza os sujeitos a partir de características determinadas sobre o que é ser um homem ou uma mulher nas parcerias amorosas, o sujeito é silenciado em sua singularidade e fixado, muitas vezes, em uma posição que acarreta muito sofrimento. Caminha, nessa mesma direção, a lógica da culpabilização.

De acordo com Miller (2005), o sujeito pode ser pensado como um “não” ao gozo em sua dimensão simbólica. Escutar, portanto, cada um em seu lugar de sujeito, incluindo seu modo de gozo, deixa cair uma posição de ser apenas objeto do gozo do outro e faz emergir possibilidades. Para isso, faz-se necessária a implicação de cada um, no sentido da indagação, diante das parcerias amorosas.

Sabemos que nosso objeto de estudo é bastante complexo, visto que pode ser abordado de diferentes pontos de vista. Algumas linhas de pensamento enfatizam, por exemplo, aspectos sócio-históricos relacionados com as questões de gênero como a influência do patriarcado na constituição da cultura ocidental atual. Pensamos serem riquíssimas essas contribuições, mas optamos pela perspectiva psicanalítica, a qual leva em consideração tanto

o mal-estar presente na cena social e familiar, como a responsabilização do sujeito diante das escolhas decorrentes da sua vida.

Acreditamos que o espanto que alguns tipos de parcerias amorosas abusivas provocam ofusca o que se pode chamar de “fator subjetivo”, que é o que faz com que cada um esteja presente nesse contexto. De acordo com Vieira (2013), há uma tendência em eliminar o sujeito da cena traumática. No entanto, pensamos que sua desresponsabilização pode agravar a expressão daquilo que emerge como uma pregnância de atuações em vez de atenuá-la.

Assim, a desresponsabilização generalizada pode acarretar, muito mais, a emergência de parcerias amorosas abusivas, o que é observado no aumento das estatísticas da violência na relação a dois. É preciosa a afirmação de Alvarenga (2013, p. 13) ao propor que “não se trata de acrescentar mais uma política de vigilância para todos, mas de escutar, em cada sujeito, os índices de violência, se pudermos assim dizer”.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme ressaltamos anteriormente, esta pesquisa foi impulsionada por questionamentos – decorrentes de uma trajetória profissional atravessada pela escuta clínica e pela psicanálise – a respeito de como poderia ser conceituada uma parceria amorosa abusiva e sua grande incidência entre jovens. Tomando esses dois eixos como pontos de partida, elaboramos o objetivo geral: compreender a dinâmica de relacionamentos amorosos abusivos entre adolescentes na atualidade, por meio das parcerias de gozo existentes nessas relações e da implicação de cada sujeito em suas escolhas amorosas. Percebemos que, ao longo do nosso percurso, esse objetivo foi alcançado.

Como vimos, mediante a tessitura realizada entre o desenvolvimento teórico e a análise dos depoimentos encontrados no mundo virtual, a parceria amorosa vai constituir-se entre dois sujeitos e os modos próprios de gozo. Isso significa que cada um tem o outro como uma maneira de gozar de si mesmo, como se do outro fosse. Surgem, assim, os mal-entendidos e os desencontros diante de sujeitos que se expressam, desejam e gozam de modos singulares e distintos. Dito de outra forma, constatamos que dois não se completam, de dois não se faz um.

Abordar as parcerias amorosas abusivas pela noção do parceiro-sintoma foi de grande relevância para este estudo, permitindo-nos entender que aquilo pelo que o sujeito se atrai – o que ele busca – é o gozo a partir do Outro, como afirma Vicente (2016). Isso quer dizer que existe sempre o sintoma em meio às diferentes posições na fórmula da sexuação. Nessa perspectiva, o sintoma é entendido como um modo de gozar do inconsciente, como uma maneira de fazer suplência no confronto com o impossível da relação sexual.

Vimos também que as parcerias amorosas abusivas se referem ao compartilhamento de um gozo desenfreado, não balizado pela ordem fálica. Destacamos aquilo que se repete nessas relações entre adolescentes, como o atravessamento de uma intensa paixão que, na mesma medida em que constitui uma fantasia de completude, faz emergir o real de sua impossibilidade. No que pode revelar o pior ou o melhor de cada sujeito, essas paixões percorrem do ciúme à obsessão, escancarando a ambiguidade estrutural de uma íntima e arcaica relação entre o amor e o ódio, um *amódio* (LACAN, 1972-1973/2008).

Diante de uma inconsistência na mediação simbólica, associada ao tempo lógico da adolescência – que faz vacilar as referências anteriores e convoca o sujeito a se posicionar diante da sexuação –, é possível que o amor que faz semblante caia, dando lugar ao real que está em jogo nas relações. Pensar na adolescência atravessada pelo caráter do limite, da

transitoriedade e da ambivalência, além das questões em torno da sexualidade, possibilitou-nos compreender o que há de complexo nesse momento e, em consequência, a sua propensão ao agir. Tendo como norte essa abordagem, construímos a noção de que as parcerias amorosas abusivas podem ser caracterizadas por uma pregnância de atuações, visto que a distância do “entre” escapa na relação a dois, fazendo emergir um gozo violento e inominável, no qual faltam palavras e sobram atos.

No processo de coleta dos dados, observamos uma grande referência ao significativo “relacionamento abusivo” nos espaços virtuais, o que evidencia a frequência com que esse tipo de parceria amorosa ocorre entre adolescentes na atualidade. Considerando as pontuações de Vieira (2010) sobre o sintoma como traço identificatório, pensamos que esses espaços podem contribuir na constituição de uma borda, pela via da pregnância imaginária, ao real que emerge diante das parcerias amorosas abusivas. No entanto, na busca por essa identificação com o outro, pela via do sintoma, corre-se o risco de promover o apagamento do sujeito, enquanto singular e desejante.

A psicanálise propõe dar um lugar de fala aos sujeitos, conduzindo-os na direção de seu desejo e retirando-os da posição de ser objeto do gozo do outro. Apesar de sempre existir algo da iteração, a escuta clínica possibilita a retificação do sujeito em sua posição de gozo, promovendo outra maneira de cada um se haver com seu sintoma. Nas palavras de Miller (2017, p. 4), “a psicanálise é um abraço com o particular, o não-universal, o que não vale para todos”.

A partir dessas noções, refletimos sobre a polarização existente entre vítima e agressor, tão presente no discurso social. No mais além dos atravessamentos culturais, que indicam um lugar preconcebido para cada um dos gêneros<sup>28</sup> – no sentido de mulher-vítima e homem-agressor –, constatamos a necessidade de legitimar a posição de sujeito de ambos os envolvidos. Isso porque a culpabilização favorece a emergência de um gozo sádico, ao passo que a implicação e a responsabilização do sujeito – a aposta da psicanálise – possibilitam a elaboração do vivido e seu reposicionamento.

Em nosso ponto de vista, o aumento dos dados estatísticos acerca da violência nas parcerias amorosas sugere equívocos na elaboração das estratégias de ação das políticas públicas e na sua aplicação. Compreendemos ser fundamental expandir o enfoque dessas ações, a fim de que não sejam reduzidas a contabilização dos casos, sua criminalização e o cuidado exclusivo da mulher no lugar de vítima. Ademais, torna-se necessário pensar sobre

---

<sup>28</sup> Destacamos que, na verdade, há uma diversidade de gêneros atualmente.

maneiras de intervenção precoce, principalmente entre adolescentes, visto que as pesquisas científicas atuais esclarecem que a violência conjugal é, na maior parte das vezes, precedida por relações de namoro violentas.

Pretendemos que os resultados obtidos nesta pesquisa possam ampliar o conhecimento sobre a lógica das parcerias amorosas abusivas, agregando reflexões tanto para a clínica psicanalítica como para desdobramentos de ações públicas e futuras produções científicas, principalmente, no que diz respeito à ênfase na adolescência.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, S. O discurso do capitalista e o mal-estar na cultura. *In: COLÓQUIO ESTADOS GERAIS DA PSICANÁLISE*, 2000, Paris. **Anais** [...]. Paris, 2000. Disponível em: [http://egp.dreamhosters.com/EGP/163-o\\_discurso.shtml](http://egp.dreamhosters.com/EGP/163-o_discurso.shtml). Acesso em: 20 jul. 2018.
- ALVARENGA, E. Apresentação. *In: MACHADO, O. M. R.; DEREZENSKY, E. (Org.) A violência: sintoma social da época*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2013. p. 9-17.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARTEIRO, I. L. **A mulher e a maternidade**: um exercício de reinvenção. 2017. 264 f. Orientadora: Maria Consuelo Passos. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2017.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1969.
- BARROS, P. C. M. **“Vê se me desimbaça”**: do apelo à demanda de crianças e adolescentes em situação de rua. 2009. 160 f. Orientador: Nanette Zmeri Frej; coorientador: Maria de Fátima Vilar de Melo. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, 2009.
- BARROS, P. C. M. **“Eu vinha rodando pela rua”**: que ponto de ancoragem para o sujeito adolescente em situação de rua? 2015. 286 f. Orientadores: Nanette Zmeri Frej (*in memoriam*); Maria de Fátima Vilar de Melo; Christian Hoffmann. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco em cotutela com a Université Paris Diderot, Paris VII, 2015.
- BARROS, P. C. M.; HOFFMANN, C. Na errância do “menino de rua”, um ato inventivo do sujeito. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 17, n. 3, p. 32-44, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/5570>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- BARROS, R. R. A violência e os seus limites. **Opção lacaniana on-line**, nova série, São Paulo, ano 5, n. 13, p. 1-8. 2014. Disponível em: [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_13/A\\_violencia.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_13/A_violencia.pdf). Acesso em: 15 maio 2020.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. v. 2.
- BIRMAN, J. Arquivo da agressividade em psicanálise. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 357-379, jul.-dez. 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302006000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302006000200005). Acesso em: 30 maio 2020.
- BISPO, F.; COUTO, L. F. Ética da psicanálise e modalidades de gozo: considerações sobre o *Seminário 7* e o *Seminário 20* de Jacques Lacan. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 16, n. 2, p. 121-129, 2011. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2011000200002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2011000200002&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 30 jun. 2020.
- BRASIL. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da**

**União:** seção 1, Brasília, p. 13563, 16 jul. 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm). Acesso em: 20 abr. 2020.

BROUSSE, M-H. **Corpos lacanianos: novidades contemporâneas sobre o estádio do espelho. Opção laciana on-line**, nova série, São Paulo, ano 5, n. 15, 2014. Disponível em: [http://www.opcaolaciana.com.br/pdf/numero\\_15/Corpos\\_lacanianos.pdf](http://www.opcaolaciana.com.br/pdf/numero_15/Corpos_lacanianos.pdf). Acesso em: 15 maio. 2020.

CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. **Revista Análise Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 4, p. 485-493, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312006000400004](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000400004). Acesso em: 10 jul. 2017.

CONSENZA, D. Iniciação na adolescência: entre mito e estrutura. **@gente Digital: Revista de Psicanálise, Seção Bahia**, v. 4, n. 1, n. p., 2015. Disponível em: <http://www.ebpbahia.com.br/agente/site/2016/07/14/iniciacao-na-adolescencia-entre-mito-e-estrutura/>. Acesso em: 12 set. 2017.

COUTINHO, L. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. **Pulsional**, Revista de Psicanálise, ano 17, v. 181, n. 3, p. 16-23, mar. 2005. Disponível em: <https://btux.com.br/professorbruno/wp-content/uploads/sites/10/2018/07/Adolesc%C3%Aancia-na-contemporaneidade.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2018.

DIAS, M. M. **Os ódios: clínica e política do psicanalista**, seminário. São Paulo: Iluminuras, 2012.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1989.

DRUMMOND, C. Violências maternas. *In*: MACHADO, O. M. R.; DEREZENSKY, E. (Org.) **A violência: sintoma social da época**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2013. p. 165-173.

DUNKER, C. **O que é o grande Outro para Lacan**. 2016. 1 vídeo (5min34). Falando nisso, n. 56. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WUCG06nbbBY>. Acesso em: 3 jul. 2020.

DUTRA, F. **Sujeito e responsabilidade**. Brasília, 25 mar. 2015. Disponível em: <http://associaolaciana.com.br/frontend/images/up/021220151449092844f.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2018.

ELIA, L. Responsabilidade do sujeito e responsabilidade do cuidado no campo da Saúde Mental. **Academus**, Revista Científica da Saúde, v. 3, n. 4, p. 1-5, 2004.

FIGUEIREO, L. C.; MINERBO M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a17.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.

FLAKE, T. *et al.* Violência por parceiro íntimo entre estudantes de duas universidades do Estado de São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 16, n. 4, p.

801-816, 2013. Disponível em: [https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/assets/rbepid/v16n4/pt\\_1415-790X-rbepid-16-04-00801.pdf](https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/rbepid/v16n4/pt_1415-790X-rbepid-16-04-00801.pdf). Acesso em: 4 dez. 2018.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018. v. 3.

FRASCHETTI, A. O mundo romano. *In*: LEVI, G.; SCHMITT, J-C. **História dos jovens 1**: da antiguidade à era moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 59-95.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 119-229. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 7). (Trabalho original publicado em 1905).

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 14-50. (Obras Completas, v. 12) (Trabalho original publicado em 1914-1916).

FREUD, S. Os instintos e seus destinos (1915). *In*: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 52-81. (Obras Completas, v. 12) (Trabalho original publicado em 1914-1916).

FREUD, Sigmund. **Uma criança é espancada**: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 193-218 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 17) (Trabalho original publicado em 1919).

FREUD, S. **Além do princípio de prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-75. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 18) (Trabalho original publicado em 1920).

FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 79-154. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 18) (Trabalho original publicado em 1921).

FREUD, S. **O eu e o id**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 27-75. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19) (Trabalho original publicado em 1923).

FREUD, S. **O problema econômico do masoquismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 175-188. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19) (Trabalho original publicado em 1924).

FREUD, S. **A negativa**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 263-269. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19) (Trabalho original publicado em 1925).

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 67-148. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 21) (Trabalho original publicado em 1930 [1929]).

GOYA Y LUCIENTES, Francisco de. No hay quien nos desate. 1797-1799. Aguafuerte, aguafinta bruñida sobre papel verjurado, ahuesado, 306 x 201 mm. No expuesto. Colección Plácido Arango Arias; donación Plácido Arango Arias, 1991. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/no-hay-quien-nos-desate/a5db03be-5ede-4ced-b011-1378713d07a7>. Acesso em: 16 fev, 2020.

GURSKI, R.; ROSA, M. D.; POLI, M. C. Apresentação. *In*: GURSKI, R.; ROSA, M. D.; POLI, M. C. (Org.). **Debates sobre a adolescência contemporânea e o laço social**. Curitiba: Juruá, 2014. p. 7-9.

HERZOG, R.; MARIANTE, I. S. Entre a infância e o infantil: vicissitudes da adolescência. *In*: CARDOSO, M. R.; MARTY, F. (Ed.). **Destinos da adolescência**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 39-53.

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica? **Ágora**: Estudos em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 115-138, jan.-jun. 2003. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982003000100007](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000100007). Acesso em: 16 ago. 2020.

JAEGER, W. **Paidéia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LACADÉE, P. A esperança na adolescência: “delicada transição” e elemento de novidade. *In*: CALDAS, H. (Org.). **Errâncias, adolescências e outras estações**. Belo Horizonte: EBP, 2016. p. 34-59.

LACADÉE, P. O que acontece perto dos 17 anos? *In*: SANTIAGO, A. L.; CUNHA, C. F.; VIDIGAL, C. **Mais além do gênero**: o corpo adolescente e seus sintomas. Belo Horizonte: Scriptum, 2017. p. 109-127.

LACADÉE, P. A violência no jovem: sintoma ou não? Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. **Almanaque on-line**, n. 20, 2020. Disponível em: <http://almanaquepsicanalise.com.br/a-violencia-no-jovem-sintoma-ou-nao/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

LACAN, J. A agressividade em psicanálise (1948). *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 104-126.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949). *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 96-103.

LACAN, J. **O seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud e o avesso da psicanálise (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LACAN, J. Introdução ao comentário de Jean Hippolite sobre a “Verneinung” de Freud (1954). *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 370-382, 1998.

LACAN, J. **A identificação** (1961-1962). Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2011.

LACAN, J. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise** (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. **O seminário, livro 20: mais, ainda** (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACET, C. Considerações sobre a letra e a escrita na clínica psicanalítica. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 8, n. 14, p. 50-59, jun. 2003. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282003000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282003000100005). Acesso em: 20 maio 2019.

LACHAUD, D. **Ciúmes**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

LAIA, S.; CALDAS, H. Violência e agressividade: diferenças a partir da linguagem e do inominável da feminilidade. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 972-992, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v16n3/n16a17.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2020.

LESOURD, S. **A construção adolescente no laço social**. Petrópolis: Vozes, 2004.

LESOURD, S. Adolescentes difíceis ou dificuldades da cultura? *In*: GURSKI, R.; ROSA, M. D.; POLI, M. C. (Org.). **Debates sobre a adolescência contemporânea e o laço social**. Curitiba: Juruá, 2014. p. 17-38.

LEVI, G.; SCHMITT, J.-C. Introdução. *In*: LEVI, G.; SCHMITT, J.-C. **História dos jovens 1: da antiguidade à era moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 7-17, 1996.

LIMA, N. L. **A escrita do amor na adolescência**: a construção de um semblante no encontro com o indizível. 2005. Disponível em: <http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Mesas/41.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2020.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Confluência, 1959. v.1.

MACHADO, O. Violar corpos. **Opção Lacaniana on-line**, nova série, São Paulo, ano 5, n. 13, 2014. Disponível em: [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_13/Violar\\_corpos.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_13/Violar_corpos.pdf). Acesso em: 14 maio 2020.

MANCEBO, D. Modernidade e produção de subjetividades: breve percurso histórico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 22, n. 1, 2002. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932002000100011](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000100011). Acesso em: 15 jun. 2019.

MANDIL, R. A. Há um acontecimento de corpo. **Opção Lacaniana on-line**, nova série, São Paulo, ano 5, n. 13, p. 1-6, 2014. Disponível em: [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_13/Violar\\_corpos.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_13/Violar_corpos.pdf). Acesso em: 23 set 2020.

MATHEUS, T. C. **Adolescência**: história e política do conceito na psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. (Coleção Clínica Psicanalítica).

MILLER, J.-A. **Silet**: os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MILLER, J.-A. **El partenaire-síntoma**: los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller (1997-1998). Buenos Aires: Paidós, 2011a.

MILLER, J.-A. **Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011b.

MILLER, J.-A. Os seis paradigmas do gozo. **Opção Lacaniana on-line**, nova série, São Paulo, ano 3, n. 7, 2012. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero7/texto1.html>. Acesso em: 12 jul. 2019.

MILLER, J.-A. Jacques Lacan: observações sobre o seu conceito de passagem ao ato. **Opção Lacaniana on-line**, nova série, São Paulo, ano 5, n. 13, p. 1-13, 2014. Disponível em: [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_13/passagem\\_ao\\_ato.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_13/passagem_ao_ato.pdf). Acesso em: 18 jul. 2020.

MILLER, J.-A. **O osso de uma análise + o inconsciente e o corpo falante**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

MILLER, J.-A. Em direção à adolescência. **Opção Lacaniana**, São Paulo, n. 72, p. 20-30, 2016.

MILLER, J.-A. Questão de escola: proposta sobre a garantia. **Opção Lacaniana online**, São Paulo, nova série, ano 8, n. 23, jul. 2017. Disponível em: [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_23/Questao\\_de\\_Escola.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_23/Questao_de_Escola.pdf). Acesso em: 18 jul. 2020.

MINAYO, M. C.; ASSIS, S.; NJAINE, K. (Org.). **Amor e violência**: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

MONTEIRO, C. P. **A noção de *lalíngua***: uma contribuição da psicanálise lacaniana à concepção de língua. 2012. 215 f. Orientadora: Mônica Nóbrega. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

MURTA, G. *et al.* Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 263-288, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v24n2/v24n2a05.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017.

NASCIMENTO, F. **Namoro e violência**: um estudo sobre amor, namoro e violência entre jovens de grupos populares e camadas médias. 2009. 146 f. Orientadora: Rosineide Cordeiro. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

NOTENSON, V. Modos violentos al interior del partenaire-síntoma. *In*: SAWICKE, P.; STILLO, B. (Comp.). **Relaciones violentas**: entre el amor y la tragedia. Olivos: Grama Ediciones, 2014.

PASTOUREAU, M. Os emblemas da juventude: atributos e representações dos jovens na imagem medieval. *In*: LEVI, G.; SCHMITT, J-C. **História dos jovens 1**: da antiguidade à era moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 245-263.

PEDRO, J.; GROSSI, M. (Org.). **Masculino, feminino, plural**: gênero na interdisciplinariedade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

PORTO, M.; MALUSCHKE, J. A permanência de mulheres em situações de violência: considerações de psicólogas. **Revista Psicologia**: Teoria e Pesquisa. Brasília, v. 30, n. 3, p. 267-276, jul-set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n3/04.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2017.

PINTO, E. B. A psicologia qualitativa em psicologia clínica. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 71-80, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n1-2/a12v1512.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2021.

QUÉBEC. Institut de la Statistique. **Enquête sociale et de santé auprès des enfants et des adolescents québécois 1999**. Quebec: 2002. (Collection la Santé et le Bien-Être). Disponível em: <https://statistique.quebec.ca/en/fichier/enquete-sociale-et-de-sante-aupres-des-enfants-et-adolescents-quebecois-1999-rapport.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2021.

QUINET, A. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ROSA, M. D. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2016.

ROSA, M. D.; ALENCAR, S.; MARTINS, R. Licença para odiar: uma questão para a psicanálise e a política. *In*: ROSA, M. D.; COSTA, A. M. M.; PRUDENTE, S. (Org.). **As escrituras do ódio**: psicanálise e política. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2018.

ROSA, M. D.; VICENTIN, M. C. Os intratáveis: o exílio do adolescente do laço social pelas noções de periculosidade e irrecuperabilidade. *In*: GURSKI, R.; ROSA, M. D.; POLI, M. C. (org.). **Debates sobre a adolescência contemporânea e o laço social**. Curitiba: Juruá, 2014. p. 38-57.

ROY, D. Metamorfose. *In*: JORNADA DA EBP-MG JOVENS.COM: CORPOS & LINGUAGENS, n. 20. **Boletim**. 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/31714740-Metamorfose-daniel-roy-uma-metamorfose-singular.html>. Acesso em: 30 mar. 2017.

SCHINDLER, N. Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna. *In*: LEVI, G.; SCHMITT, J-C. **História dos jovens 1**: da antiguidade à era moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 265-324.

SCHNAPP, A. A imagem dos jovens na cidade grega. *In*: LEVI, G.; SCHMITT, J-C. **História dos jovens 1**: da antiguidade à era moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 19-57.

SILVA, D. A. A homologia entre mais-valia e mais-de-gozar nas bases da subjetividade capitalista. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 123-133, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v22n1/1809-4414-agora-22-01-123.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SIQUEIRA, E. **Funções elementares da simbolização**: insígnia, traço unário e falo. Seminário apresentado à Escola Brasileira de Psicanálise, 2018. Disponível em: <https://xdocs.com.br/doc/insi-gnia-trac-o-una-rio-e-falo-qnjxyde9v686>. Acesso em: 19 fev. 2021.

STEVENS, A. Quando a adolescência se prolonga. **Opção Lacaniana on-line**, nova série, São Paulo, ano 4, n. 11, 2013. Disponível em: [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_11/Quando\\_adolescencia\\_prolonga.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_11/Quando_adolescencia_prolonga.pdf). Acesso em: 11 jan. 2020.

VELÁSQUEZ, J. F. **La adolescencia y la juventud hoy**: una reflexión desde la clínica borromea. In: JORNADA DA ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE, Seção Pernambuco, 11., Recife, 2016. Argumento. Recife: EBP, 2016.

VERAS, M. **A loucura entre nós**: uma experiência lacaniana no país da Saúde Mental. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.

VERMELHO, S. C; VELHO, A. P.; BERTONCELLO, V. Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 863-881, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v41n4/1517-9702-ep-1517-97022015041612.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2020.

VICENTE, S. Quando o ideal de amor faz sintoma. **Opção Lacaniana on-line**, nova série, São Paulo, ano 7, n. 19, 2016. Disponível em: [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_19/Quando\\_o\\_ideal\\_de\\_amor\\_faz\\_sintoma.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_19/Quando_o_ideal_de_amor_faz_sintoma.pdf). Acesso em: 14 maio 2020.

VIEIRA, M. A. **Sorte no jogo azar no amor**: o amor e a *mourre*, 1999. Disponível em: [http://www.litura.com.br/artigo\\_repositorio/sorte\\_no\\_jogo\\_azar\\_no\\_amor\\_pdf\\_1.pdf](http://www.litura.com.br/artigo_repositorio/sorte_no_jogo_azar_no_amor_pdf_1.pdf). Acesso em: 8 jul 2020.

VIEIRA, M. A. Entre desejo e gozo: Freud, Lacan e a ética da psicanálise. **Saúde, Sexo e Educação**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 7. p. 42-50, 2000. Disponível em: [http://www.litura.com.br/artigo\\_repositorio/entre\\_desejo\\_e\\_gozo\\_\\_\\_a\\_etica\\_da\\_psicana\\_1.pdf](http://www.litura.com.br/artigo_repositorio/entre_desejo_e_gozo___a_etica_da_psicana_1.pdf). Acesso em: 15 set. 2019.

VIEIRA, M. A. **United symptoms** (ou A felicidade do sintoma: do ideal ao consenso). 2010. Disponível em: [http://www.litura.com.br/artigo\\_repositorio/united\\_symptoms\\_\\_\\_a\\_felicidade\\_do\\_sintom\\_1.pdf](http://www.litura.com.br/artigo_repositorio/united_symptoms___a_felicidade_do_sintom_1.pdf). Acesso em: 8 jul. 2020.

VIEIRA, M. A. **A paixão**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

VIEIRA, M. A. A violência do trauma e seu sujeito *In*: MACHADO, O. M. R.; DEREZENSKY, E. (Org.) **A violência**: sintoma social da época. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2013. p. 7390.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global and regional estimates of violence against woman**: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence. 20 out. 2013. Disponível em: <http://www.who.int/reproductivehealth/publications/violence/9789241564625/en/> Acesso em: 15 set. 2017.

ZALCBERG, M. Parcerias amorosas sintomáticas. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 32, n. 59, p. 15-22, 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952010000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952010000100002). Acesso em: 17 jan. 2018.

## ÍNDICE DOS DEPOIMENTOS ENCONTRADOS

1. Disponível em:  
[https://www.facebook.com/search/str/tenho+17+anos+relacionamento+abusivo/keywords\\_blen ded\\_posts?epa=SEARCH\\_BOX](https://www.facebook.com/search/str/tenho+17+anos+relacionamento+abusivo/keywords_blen ded_posts?epa=SEARCH_BOX). Acesso em: set. 2019.
2. Disponível em:  
<http://www.pergunteaumamulher.com/2017/10/meu-namoro-e-toxico-conheci-um-cara-que-me-faz-bem-mas-nao-quero-trai-lo.html>. Acesso em: set. 2019.
3. Disponível em:  
[https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/1985394728357830?\\_\\_tn\\_\\_=K-R](https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/1985394728357830?__tn__=K-R). Acesso em: set. 2019.
4. Disponível em:  
[https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/2054958858068083?\\_\\_tn\\_\\_=K-R](https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/2054958858068083?__tn__=K-R). Acesso em: set. 2019.
5. Disponível em:  
[https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/2054958858068083?\\_\\_tn\\_\\_=K-R](https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/2054958858068083?__tn__=K-R). Acesso em: set. 2019.
6. Disponível em:  
<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20180118094652AAeryGb>. Acesso em: ago. 2019
7. Disponível em:  
[https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/2054958858068083?\\_\\_tn\\_\\_=K-R](https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/2054958858068083?__tn__=K-R). Acesso em: ago. 2019.
8. Disponível em:  
[https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/2054958858068083?\\_\\_tn\\_\\_=K-R](https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/2054958858068083?__tn__=K-R). Acesso em: ago. 2019.
9. Disponível em:  
<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20160813081804AAK66Wv>. Acesso em: ago. 2019.
10. Disponível em:  
[https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/2054958858068083?\\_\\_tn\\_\\_=K-R](https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/2054958858068083?__tn__=K-R). Acesso em: ago. 2019.
11. Disponível em:  
[https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/2054958858068083?\\_\\_tn\\_\\_=K-R](https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/2054958858068083?__tn__=K-R). Acesso em: jul. 2019.
12. Disponível:  
<https://www.facebook.com/mulhermaravilhablog2>. Acesso em: jul. 2019.

13. Disponível em:

[https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/1942471249316845?\\_\\_tn\\_\\_=K-R](https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/1942471249316845?__tn__=K-R). Acesso em: jul. 2019.

14. Disponível em:

[https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/1942471249316845?\\_\\_tn\\_\\_=K-R](https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/1942471249316845?__tn__=K-R). Acesso em: jul. 2019.

15. Disponível em:

[https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/1995568414007128?\\_\\_tn\\_\\_=K-R](https://www.facebook.com/eleabusivo/posts/1995568414007128?__tn__=K-R). Acesso em: ago. 2019.

16. Disponível em:

[https://www.facebook.com/search/str/tenho+16+anos+relacionamento+abusivo/keywords\\_blen ded\\_posts?epa=SEARCH\\_BOX](https://www.facebook.com/search/str/tenho+16+anos+relacionamento+abusivo/keywords_blen ded_posts?epa=SEARCH_BOX). Acesso em: ago. 2019.

17. Disponível em:

<https://www.buzzfeed.com/br/victornascimento/relacionamento-abusivo-pessoas-do-mesmo-sexo>. Acesso em: ago. 2019.

18. Disponível em:

<http://naoaguentoquando.com.br/o-que-voce-tem-para-falar/de-volta-a-superficie/>. Acesso em: set. 2019.

19. Disponível em:

[https://www.facebook.com/search/top/?q=sou%20agressivo&epa=SEARCH\\_BOX](https://www.facebook.com/search/top/?q=sou%20agressivo&epa=SEARCH_BOX). Acesso em: set. 2019.

20. Disponível em:

<https://www.buzzfeed.com/br/victornascimento/relacionamento-abusivo-pessoas-do-mesmo-sexo>. Acesso em: ago. 2019.

21. Disponível em:

<https://www.facebook.com/search/str/tenho+15+anos+abusivo/stories-keyword/stories-public?esd=eyJlc2lkIjoiUzpfSTk2MDc4Mzc5MDcyMTY3MDoxMzI4MDYyMTAzOTkzODM1IiwicHNpZCI6eyI5NjA3ODM3OTA3MjE2NzA6MTMyODAzMjEwMzk5MzgzNSI6IlV6cGZTVGsyTURjNE16YzVNRGN5TVRZM01Eb3hNekk0TURZeU1UQXpPVGt6T0RNMzJ9LzJmN0IjoidGV4dCI6ImNzaWQiOiI1ZjMzMjRIOTY5M2FhY2JhOTRhODNmMmVzMjM0MzQ4ZiJ9>. Acesso em: jul. 2019.

22. Disponível em:

<https://www.facebook.com/search/str/%23euiviviumrelacionamentoabusivo/stories-keyword/stories-public?esd=eyJlc2lkIjoiUzpfSTEwMDAwNTAzNTYwMTA3ND03MjM1MTY1MDExNTk1MzAiLCJwc2lkIjoiUzpfSTEwMDAwNTAzNTYwMTA3ND03MjM1MTY1MDExNTk1MzAiOiJVenBmU1RFd01EQXdOVEF6TIRZd01UQTNORG8zTWpNMU1UWTFNREV4TIRrMU16QT0ifSwiY3JjdCI6InRleHQiLCJjc2lkIjoiZWQ3ZDMxZmFhNWZmNTZmZDg0NGE0YWZjZjE2NjE2MmlifQ%3D%3D>. Acesso em: ago. 2019.

23. Disponível em:

<http://naoaguentoquando.com.br/o-que-voce-tem-para-falar/de-volta-a-superficie/>. Acesso em: jul. 2019.

24. Disponível em:

<http://www.lamoonier.com/2017/06/e-quando-voce-e-abusiva-da-relacao.html>. Acesso em: ago. 2019.